

# Anjos à Mesa

Quando um anjo decidir entrar em sua vida, diga adeus  
aos sonhos impossíveis...

DEBBIE  
MACOMBER



Autora best-seller #1 do *The New York Times*  
com mais de 170 milhões de livros vendidos









## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples

teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial

do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem

ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:

[LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



Sumário

Capa

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Novembro de 2012](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Biscoito de chocolate com menta](#)

[Notas](#)

# Anjos à Mesa

DEBBIE  
MACOMBER



Tradução

Rafael Gustavo Spigel



Publicado originalmente nos Estados Unidos por Ballantine Books, um selo de The Random House

Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc., New York

Título original: Angels at the table

Copyright © 2012 by Debbie Macomber

Copyright © 2013 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto

da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera

coincidência.

Versão digital — 2013

**Produção editorial:**

Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Macomber, Debbie

Angels at the table / Debbie Macomber ; tradução Rafael Gustavo Spigel. --  
Ribeirão Preto,

SP : Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: Angels at the table.

ISBN 978-85-8163-355-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-10377 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

[www.editoranovoconceito.com.br](http://www.editoranovoconceito.com.br)



*Rubia Macomber*

Novembro de 2012

Queridos amigos,

Elas estão de volta! Nos últimos três anos, li mensagens vindas por meio de variadas formas de

comunicação, questionando quando eu iria escrever outro livro com as personagens Shirley,

Goodness e Mercy. Bem, meus amigos, aqui está o livro, após três anos de produção. Desta vez,

meu trio visita Nova York e, com o de costume, elas aprontam todas, causando muitas confusões

e se envolvendo nos relacionamentos humanos. De fato, elas não conseguem se conter.

Este livro é especial porque nele apresento um novo anjo, cujo nome é Will. Sua criação

resulta de uma carta recebida de uma leitora há muitos anos. Rose Williams sugeriu-me um

anjo chamado Will. Eu me lembro de ter franzido a testa quando li a carta e pensando: “Por que

dar vida a um novo anj o, e por que ele se cham aria Will?”. Ao continuar lendo a carta, Rose

explicou: “Visto que você criou os anj os com base no versículo da Bíblia do Salm o 23, que diz

‘Surely , goodness and m ercy *will* follow y ou...’ [\[1\]](#)”. Im ediatam ente, Will, um aprendiz de anj o, nasceu na m inha m ente graças a essa perspicaz leitora que com partilhou com igo um a ótim a

ideia. Obrigada, Rose!

Portanto, fuj a da loucura da época das festas de final de ano, acom ode-se com um a xícara de

chá quente e um docinho natalino e coloque os pés para o alto. Relaxe e se prepare para rir. Caso

você vej a um cam elo vagando pela rua com pletam ente sozinho, poderá tentar adivinhar quem

está por trás dessa travessura.

Desej o-lhe um m aravilhoso Natal!

P.S.: Sem pre am o ler o que m eus leitores escrevem , portanto, não hesitem em entrar em

contato com igo. Você pode escrever para m im em m eu site, em [www.debbiemacomber.com](http://www.debbiemacomber.com),

ou pelo Facebook, em DebbieMacomberWorld, ou ainda pela caixa postal 1458, Port Orchard,

WA 98366. Valorizo m uito com entários e sugestões.





*Para Diane DeGooyer Harmon e Kathy Huard,  
dois anjos especiais que Deus me enviou quando  
eu mais precisava deles.*



## Capítulo 1

— Esta é mesmo a Terra? — Will, o aprendiz de anjo, perguntou, deitando-se de bruços sobre

uma nuvem baixa na companhia de suas três mentoras. Os olhos dele se arregalaram ao

contemplar a tremenda agitação lá em baixo.

— Esta é a Terra — Mercy informou a seu jovem protegido com uma ponta de orgulho.

Apesar de todos seus problemas, a Terra era um local fascinante para se visitar, com altos

prédios que esbarram no céu e pessoas num vaivém desenfreado, a maioria delas sem perceber

o mundo espiritual que as cercava. Mais vezes do que conseguia lembrar, Mercy havia

perdido a paciência com os humanos, considerados o ápice das criações de Deus, mas

aparentemente vagarosos e espiritualmente monótonos. Ainda assim, ela os amava e apreciava

as atribuições terrestres que recebia.

— É Nova York — Shirley comentou, repousando o queixo sobre as mãos

enquanto

contem plava ansiosam ente lá em baixo. — Ah, com o eu am o essa cidade.

— Manhattan, para ser m ais precisa — Goodness esclareceu, e term inou com um breve

suspiro, indicando que ela, igualm ente, sentia falta de visitar a Terra.

Os quatro pairavam perto da Tim es Square, observando a barulhenta m ultidão disputando um

espaço no revéillon.

Os olhos de Will arregalaram -se enquanto ele analisava atentam ente a cena que ocorria nas

ruas abaixo.

— É sem pre assim , tão agitada e tum ultuada?

— Não, não, esta é um a noite especial. As pessoas estão se reunindo para saudar o ano-novo.

— O tem po era um conceito exclusivo da Terra, diferente do que ocorria no céu.

Consequentem ente, a restrição de tem po exigida das três Em baixadoras da Oração ao

receberem atribuições terrestres tinha causado m ais do que um problem a.

— É verdade que Gabriel queria que nós...

— Gabriel — Shirley ofegou, interrom pendo-o com rapidez. — Ele não sabe exatam ente que

nós o trouxem os aqui. Talvez sej a m elhor você não contar a ele essa breve visita, certo?

— Sim , por favor; seria m elhor não deixar *ninguém* saber que nós lhe m ostram os a Terra. —

Nem é preciso dizer que eles estariam envolvidos em todos os tipos de problemas se Gabriel

descobrisse o que andavam aprontando.

— Gabriel tem boas intenções, mas ele tende a ficar um pouco irritado em relação a esses

assuntos — Goodness explicou a seu jovem protegido.

— Por quê? — Will fitou as três.

— Bem, sabe, nós... nós três... pensamos que deveríamos lhes proporcionar uma visão panorâmica da Terra e dessas pessoas que amam tanto Deus, com finalidade estrita de

treinamento. — Mercy olhou para os amigos para comentar sobre as intenções deles, que seriam

honrosas se não fossem ligeiramente sorrateiras.

Essa visita terrestre fora uma decisão impulsiva. Mercy a sugerira. Naturalmente, Goodness

não hesitara em concordar, e, após uma breve discussão, Shirley também ficou animada.

Will, um jovem aprendiz, fora colocado sob a responsabilidade delas, e com essa honra, era

justo que ele vislumbresse as provações e as tribulações que o aguardavam assim que começasse

a trabalhar com o Embaixador da Oração. O serviço às vezes era um pouco complicado, desse

modo, quanto mais Will compreendesse a idiossincrasia dos humanos, melhor agiria quando

Gabriel lhe passasse uma tarefa.

Mercy estava certa de que, sob sua tutela, Will se sairia bem com o Em baixador da Oração um

dia. Ele era jovem e entusiasmado, ávido para aprender não só sobre a Terra, mas também

sobre o papel que ele desempenharia.

Com o Mercy, rotulada erroneamente de encenqueira, havia apontado, a tarefa deles requeria

muita dedicação, e ela não estava sozinha nessa crença. Goodness — ó, pobre Goodness —

adquirira certa reputação também, e Mercy sentia-se parcialmente culpada, mas isso era outra

história. Shirley procurava com mais empenho fazer as coisas de modo correto e tinha

trabalhado arduamente para corrigir suas amigas. De fato, Shirley, uma antiga Anjo da Guarda,

fizera um trabalho tão maravilhoso que Gabriel lhes proporcionara a chance de treinar o

primo e o jovem anjo, que no momento estava com elas.

Naturalmente, ficou subentendido que, se as três aceitassem a atribuição de treinar Will, então,

é óbvio, não haveria trapaça, truques ou qualquer coisa do tipo. Todas haviam concordado. Essa

era, de fato, uma grande honra, e as três tinham boas intenções.

Agora, lá estavam elas, passando o reveillon na Times Square, em uma das cidades mais

incríveis da Terra. Mercy respirou fundo, apreciando o momento. Levar Will

até ali fora um

bom pretexto, mas, na verdade, ela sentia saudade de visitar a Terra, sobretudo do alvoreço da

cidade grande; afinal, já havia passado um bom tempo desde a última atribuição do grupo.

— A Terra não é maravilhosa? — comentou Goodness, com suas enormes asas batendo de

alegria. — Olhem só para todas essas luzes de néon. Eu sempre gostei particularmente da luz.

— Com o todas nós — Shirley a lembrou.

— Podem os descer até lá e ficar com as pessoas? — perguntou Will.

— Mas é claro que não — protestou imediatamente Shirley, em alto e bom som.

— Não vejo o mal algum nisso — Goodness reagiu, com o olhar ainda fixo nas luzes brilhantes

da cidade lá em baixo.

Will desviou o olhar de um para o outro.

— Com o ele aprenderá sobre humanos se não tem a oportunidade de se misturar a eles? —

perguntou Mercy, apoiando sua amiga mais estimada. Shirley era tão apegada às regras! Certo,

elas haviam originariamente prometido não chegar perto dos humanos, mas fazê-lo seria um

bom aprendizado para Will.

— Com o ele aprenderá algum dia a trabalhar com o Embaixador da Oração se não se



fam iliarizar com os hum anos? — protestou Goodness.

Shirley hesitou. Mercy percebia que, em bora a am iga fosse dogm ática em um a série de

assuntos, tam bém era facilm ente influenciável, o que tornava m uito bom trabalhar com ela.

— Bem ...

— Nós ouvim os as orações dos hum anos? — indagou Will.

— Ah, não — Shirley explicou. — Apenas Deus ouve as orações deles, daí Ele fala sobre os

assuntos com Gabriel e depois...

— Depois Gabriel repassa os pedidos para nós.

— E nós aj udam os a responder-lhes.

— Um de nossos papéis é auxiliar hum anos a perceberem o quanto eles podem fazer por si

próprios com a aj uda de Deus — Goodness esclareceu.

— Nós tentam os fazer o m elhor sem *interferir* na vida deles — Shirley com plem entou

rapidam ente, fitando com um olhar de aviso Goodness e Mercy , o que esta percebeu de imediato

com o um aviso.

— Mas prim eiro, e isto é o m ais im portante — Goodness enfatizou —, devem os ensinar a esses

hum anos um a lição. Então, e som ente então, serem os capazes de aj udá-los com seus problem as.

A dificuldade verdadeira surge quando eles não querem aprender — Goodness

balançou a

cabeça porque o trabalho tinha um aspecto, em geral, desafiador. — Algum as pessoas parecem

querer que Deus intervenha e atenda a seus pedidos sem que contribuam para isso.

— As coisas não funcionam assim — disse Mercy , em bora ela tivesse aprontado das suas para

ajudar pobres almas desajudadas. Em teoria, responder às orações não soava nada difícil.

Infelizmente, os humanos eram completamente estúpidos.

— Eles podem ser tão teimosos — Goodness disse, voltando a balançar a cabeça.

— Determinados — concordou Shirley .

— Ah, sim , e uma vez... — Mercy fechou a boca com um estalo. Era melhor não revelar ao

jovem protegido as travessuras passadas por medo de que, conhecendo-as, ele pensasse que

talvez devesse seguir os passos delas. Gabriel faria objeção a isso.

— Uma vez...? — Will a pressionou. — O que aconteceu?

— Deixa pra lá — Shirley disse, contornando a situação. — É melhor deixar algumas coisas de

lado e não discuti-las.

— Posso descer e ficar no meio da multidão? — voltou a perguntar Will. — Não direi nada

para Gabriel.

— Ele não é o único — Shirley deixou escapar. — Digo, nós não deveríamos os balbuciar um a

palavra sequer sobre isso com ninguém no céu.

— Ou na Terra — Goodness relem brou a todos.

— Não podem os falar com os hum anos? — Will franziu a testa, com o se estivesse confuso.

— Nós podem os, m as apenas...

— Mas, definitivam ente, não esta noite — Shirley disse tão rápido que sua voz se elevou um a

oitava inteira.

Mercy pegou a m ão de Will.

— Houve tem pos, ao longo dos dois últim os m ilênios, em que falávam os diretam ente com os

hum anos.

— No entanto, essas ocasiões foram raras.

— Sim , m uito raras.

— Mas não tão raras quanto deveriam ter sido — Shirley achou necessário acrescentar. Ela

cruzou os braços sobre o peito e parecia em dúvida sobre a m elhor form a de lidar com essa

sessão de treinam ento.

— Não acho que faria m al a Will descer até a m ultidão — Goodness voltou a dizer. — É um a

noite m uito especial aqui na Terra.

— E eu prometi não dizer nada para ninguém, humano ou não — Will reafirmou.

Era difícil recusar o pedido do aprendiz sendo que a própria Mercy estava se coçando para se

misturar a eles. Já fazia um bom tempo que ela visitara a Terra, e os humanos a

fascinavam.

— Vamos descer — Goodness esfregou as palmas juntas, tão ávida quanto Mercy.

— Eu... não sei.

Mercy ignorou a antiga Anjo da Guarda.

— Eu vou nessa. Will... — ela gritou — siga-me e fique perto de mim. Faça o que eu fizer —

pediu, indo em direção a Times Square com Will de um lado e Goodness do outro.

— Não, não... Isso pode ser um erro — Shirley gritou antes de sair em disparada para alcançá-

los. — Faça o que EU fizer — acrescentou.

Os quatro aterrissaram atrás de uma barreira de concreto contra a qual várias pessoas se

empurravam. Os policiais estavam do outro lado, patrulhando a multidão em busca de qualquer

sinal de desordem.

— Eles conseguem nos ouvir? — Will sussurrou.

— Apenas aqueles com ouvidos espirituais em sintonia com Deus — Shirley respondeu. — E

m esm o assim eles duvidarão de si próprios.

— Ninguém está ouvindo agora — Mercy tinha certeza de que a multidão estava muito

em polgada com a festividade para notar a presença deles, o que era melhor para todos.

— Por que eles estão encapotados com casacos, cachecóis e luvas? — Will perguntou, olhando

ao redor.

— É inverno.

— Ah.

— Todos estão olhando para o relógio gigante — Will observou.

— Sim, faltam apenas alguns minutos para a chegada do ano novo.

— E isso é importante?

— Ah, sim. Daqui a dois minutos este ano acabará, dando início a um novo ano. — Esse seria um conceito difícil para Will entender. Todos os jovens protegidos que elas conheciam vinham

do céu, onde não existiam relógios ou calendários. Lá, o tempo nada significava; passado,

presente e futuro eram a mesma coisa.

As restrições do tempo sempre foram problemáticas para Mercy. Geralmente dava a

elas um limite de tempo para ajudar os humanos com seus pedidos de orações, mas resolver

algumas situações dentro de um limite de tempo tão reduzido parecia impossível. Ainda que, em

função de suas muitas experiências, Mercy tivesse aprendido que, com Deus, tudo é possível.

Essa fora uma poderosa lição que ela esperava repassar para Will quando surgisse a

oportunidade.

— Por que as ruas são pretas? — indagou Will, olhando na direção dos pés.

— Aqui elas não são de ouro.

— É asfalto. A Terra não é nada parecida com o céu — Mercy explicou. Se Will ficasse muito

mais tempo na Terra, outras diferenças logo se revelariam .

— Onde está Shirley ? — Goodness rodopiou de forma tão rápida que provocou a formação de

um pequeno redemoinho. As pessoas agarraram os chapéus. Papéis voaram em todas as

direções. — Perdem os Shirley .

— Não, não perdem os — para o bem de Will, Mercy assegurava-se de que tudo permanecesse tranquilo. — Tenho certeza de que ela está por perto.

— Ela não está.

— Ah, não — Will lamentera-se. — Shirley desapareceu.

— Ela tem que estar por aqui — a própria Mercy estava com medo de ficar fora de si, o que

não era bom . Shirley , o anjo mais velho das três, costumava se afastar, mais ao desaparecer desse

jeito não era um tipo de atitude com um . Do grupo, Shirley era de longe a mais responsável.

— Procurem por crianças — Mercy instruiu Goodness e Will, pois Shirley costumava ser

atraída pelos pequenos, resultado de todos os anos que ela tinha passado com o Anjo da Guarda.

Mercy olhou a multidão por cima e elevou-se um pouco para espiar o que ocorria em baixo, na

esperança de um vislumbre da amiga.

Goodness juntou-se a ela.

— Consegue vê-la?

— Você consegue?

— Não.

Mercy continuou observando e, quando ela se virou para falar com Goodness, sua amiga

também sumiu. O pânico começava a se instalar.

— Will — ela gritou, tentando ter perdido totalmente o controle da situação.

— Estou aqui.

Graças aos céus.

— Você consegue ver a Goodness?

— E a Shirley ?

Com a parada da Goodness, Shirley não representava motivo algum para preocupação. Se a sua

companheira Embaixadora da Oração escapasse, seria impossível mensurar o tamanho da

ameaça que ela enfrentaria. E Goodness poderia fazer isso sem sequer tentar.



— Aquela ali é a Goodness, próxima a aquelas pessoas na arquibancada? — perguntou Will.

Arquibancada? Que arquibancada? Mercy vistoriou a área até enxergar a direção indicada por

Will. Era exatamente o que ela temia: Goodness fora distraída pela equipe de TV que estava

ocupada mexendo nas câmeras. E tudo por causa de todas aquelas luzes; Goodness não conseguia

resistir a elas.

Mercy chegou na hora certa. Goodness também tinha uma fraqueza por qualquer coisa

eletrônica além das luzes. Com o tudo no céu era avançado, sua colega fascinava-se pelas formas

primárias de comunicação ainda bastante utilizadas na Terra.

— Goodness — Mercy berrou. — Não faça isso.

Perplexa, Goodness desapareceu da tela gigantesca, mas não sem antes sua imagem

fantasmagórica brevemente piscar na superfície da tela. Um silêncio recaiu sobre a multidão.

— Você viu aquilo? — alguém gritou e apontou para a tela.

— Parecia um anjo.

— É um sinal de Deus.

Mercy resmungou. A situação era pior do que ela havia imaginado. Se Gabriel ficasse sabendo

do ocorrido, o grupo todo poderia ser banido da Terra para sempre.

— Eu sabia que algo do tipo estava prestes a acontecer — Shirley apareceu inesperadamente,

com as mãos na cintura, o rosto desfigurado com um olhar de indignação justificada.

— Nós estavam os procurando você — Mercy a advertiu antes que Shirley pudesse reclamar.

— Aonde você foi?

— Eu estava por perto.

— Goodness — Shirley agarrou a Em baixadora da Oração bem antes de ela fazer outra

aparição na grande tela.

— Ela não consegue se conter — disse Mercy, sentindo-se na obrigação de defender sua

amiga mais querida.

— Onde está Will?

Com o era de se esperar, não conseguiam localizar Will.

— Eu o encontrarei. — Mas, antes, Mercy tinha que tomar conta de Goodness.

— Eu sei, eu sei — Shirley com entou, segurando Goodness pela segunda vez.

— Eu a levarei

de volta para o céu. E você procura o Will.

— Onde você estava? — Mercy quis saber, disposta a não permitir que Shirley voltasse sem

dar uma explicação.

— Desculpe-me; vi uma criança pequena irritada. A mãe fazia de tudo para tranquilizá-la,

mas quase sem resultado algum, então eu lhe dei um amãozinha. O garotinho está dormindo

profundamente.

— Graças a você.

— Aprendi uma série de canções de ninar na minha época.

Certamente Shirley aprendera.

— Eu me juntarei a vocês assim que puder — falou Mercy após ver Will de relance, pelo

canto de seu olho. Com o que suspeitava, ele voltara para a rua. A multidão começava a contagem

regressiva, e então um grito alto, jovial, surgiu enquanto a grande massa da população dava as

boas-vindas ao ano novo.

— Feliz Ano-novo! — Shirley gritou enquanto escoltava Goodness para casa.

— Feliz Ano-novo! — Mercy ecoou. Agora só lhe restava pegar Will antes que ele se

encrocasse.

Ah, não... Ah, não. Parecia que ela havia chegado tarde demais.

Os humanos a rodearam, abraçando-se e beijando-se, e lá estava Will, de pé ao lado de duas

pessoas completamente sozinhas, de costas uma para a outra.

Mercy percebeu o que estava prestes a acontecer e sentiu-se sem forças para evitar. Com um

único movimento de asa, Will fez com que esses dois estranhos tropeçassem um no outro.



## Capítulo 2

Lucie Ferrara sabia que seria um erro ir até a Times Square na véspera de Ano-novo. Ela

preferia ficar enrolada nas cobertas, na cama, com um bom livro.

*No que ela andava pensando?*

Em vez de se permitir uma boa leitura, Lucie deixara Jasmine e Catherine persuadirem-na a

acompanhá-las até o alvoroço do reveillon. A própria mãe de Lucie se juntou às meninas contra

a filha, insistindo que ela já havia trabalhado demais e, portanto, precisava sair de casa e

aproveitar o momento com as amigas.

E até que foi divertido. Jasmine e Catherine tinham sumido, e Lucie estava presa no meio da

enorme massa humana, incapaz de se mexer. Pessoas a pressionavam por todos os lados, e tudo

o que ela queria era escapar dali. De onde estava, via a estação do metrô; se pudesse ao menos

seguir naquela direção...

De repente, a multidão começou a gritar. Uma cacofonia de barulho irrompeu ao redor de

Lucie com uma animada vibração e o “Auld Lang Syne” [\[2\]](#) estourou pelo ar da noite fria.

Sentiu-se ainda mais sozinha ao ver todos os casais ao redor se abraçando ou se beijando.

Todos pareciam pertencer a alguém. Todos, com exceção de Lucie.

Incapaz de assistir à cena e ficar alheia a ela, Lucie fechou os olhos. Sua mãe queria que se

divertisse com as amigas. Afinal, já fazia semanas desde a última vez que Lucie tinha saído e

precisava de uma noite livre, com o Wendy havia delicadamente lembrado. Apenas trabalho

e nenhuma diversão a fariam perder o foco.

Sua mãe estava certa. Lucie precisava mesmo de um descanso, pois provavelmente trabalhara

meses. Dirigir um restaurante não era simples. Havia decisões a serem tomadas, bem como o

dever de honrar com promessas. Elas tinham encontrado um local no Brooklyn, não muito distante

do apartamento em que viviam. Embora o espaço fosse perfeito para o que pretendiam, era

necessário reformá-lo, e as licenças levavam tempo, dinheiro e esforço.

Além disso, Lucie tinha uma responsabilidade para com sua mãe, que investira todo o dinheiro

do seguro de vida recebido após a morte do pai de Lucie, e, assim, o restaurante precisaria

tornar-se um sucesso. Portanto, a fé que Wendy depositava na filha era tanto uma bênção quanto

uma maldição. Se Lucie fracassasse, nunca seria capaz de se perdoar.

De repente, Lucie levou um chacoalhão por trás, fazendo-a tropeçar para a frente.

— Ah, desculpe-me.

— Desculpe.

Após o pedido de desculpas, os olhos dela brilharam quando olhou fixamente para o rosto do

homem cuja aparência era a mais incrível que ela já vira fora de uma tela de cinema. Mais alto do que ela, uns bons quinze centímetros, tinha olhos castanhos absolutamente magníficos. Um tufo de

cabelos castanho-escuros caiu sobre a larga testa dele.

— Você está bem? — ele perguntou. — A multidão...

— Eu sei, é louco. Não se preocupe, estou bem.

As mãos dele apertaram os ombros dela como se fossem segurá-la do bom. Mas Lucie não

caiu, e os dois ficaram um longo tempo apenas olhando um para o outro. Surpreendentemente,

ele parecia desconfortado. Também sozinho na multidão.

— Vão os?

Sem entender muito bem, ela piscou.

Então, após uma breve pausa, ele abaixou a cabeça e pôs os lábios nos dela.

Erguendo-se na ponta dos dedos do pé, Lucie envolveu o pescoço dele com os braços e

retribuiu o beijo. Por que não? Era véspera de Ano-novo, e beijar continuava uma tradição.

O beijo durou até o final da música, e Lucie o aproveitou inteiramente. A

terra não se moveu,

o céu não caiu, mas o contato entre ambos foi quente, mais do que, acima de tudo, agradável. Muito

agradável. Ela quase resmungou em protesto quando seus lábios se separaram.

Ele sorriu para ela.

Lucie sorriu de volta.

— Sou Aren Fairchild.

— Lucie Ferrara.

A multidão começou a dispersar. As pessoas antes ali em pé, tão próximas umas das outras,

estavam partindo. De repente, parecia que todas precisavam ir para outro lugar.

Lucie e Aren permaneceram em pé, imóveis, no mesmo local. Ele continuou a segurar os

ombros dela.

— Acabei de perdendo da minha irmã — explicou.

— E eu não faço a menor ideia do que aconteceu com Jasmine e Catherine.

— Então você está sozinha?

Lucie acenou afirmativamente com a cabeça.

— Eu também. Que tal procurarmos um lugar para tomar uma taça de vinho?

— Eu gostaria. O coração dela palpitou com suave excitação ao ouvir o convite. Talvez,

apenas talvez, no final das contas, esta noite não tivesse sido um desastre.

O celular de Lucie vibrou, indicando uma nova mensagem de texto.

Vasculhando a bolsa, ela  
recuperou o aparelho e viu que era de Jasmine.

*Onde você está?*

Lucie rapidamente respondeu:

*Ainda na Times Square.*

*C e eu estamos indo p/ o metrô.*

*Amanhã a gente se fala.*

OK.

Quando Lucie terminou, percebeu que Aren estava ocupado tecendo no celular  
também. Ele

desviou o olhar quando colocou o telefone no bolso do casaco.

— Avisei minha irmã que iria sozinho para casa.

— Eu disse a minha mãe a coisa para as minhas amigas.

Então Aren esticou o braço para pegar na mão dela e lá se foram os dois. Após  
uma série de

tentativas para encontrar espaço em um bar ou adega, acabaram desistindo e  
contentaram-se

com uma lanchonete que ficava aberta a madrugada toda.

A sensação de se sentar foi boa. Lucie retirou o casaco, e Aren desabotoou o  
sobretudo.

— Desculpe. Não conheço bem esta área, senão saberia de algum local legal  
para irmos.

— Acho que isso é o melhor — Lucie o animou. — Em uma noite com o  
esta, todos os



lugares estão lotados. Tivemos sorte de conseguir um apartamento aqui. — Após falar, ela percebeu

que ele deveria ser novo na cidade. — Você não é de Nova York?

— Seattle — ele explicou. Em outras palavras, ele era turista. Bem, provavelmente fosse até

melhor, visto que ela não dispunha de tanto tempo para investir em um relacionamento, caso

esse, de fato, se tornasse um. Ah não, Lucie estava sonhadora demais.

— Eu me mudei para cá há pouco tempo.

— Ah! — No mesmo instante, o ânimo dela elevou-se, embora as circunstâncias não fossem

favoráveis por um bom tempo.

— E você?

— Eu moro no Brooklyn.

— Ainda não estive lá, mas minha irmã me disse que está se tornando um bom local

rapidamente. Preciso encontrar um apartamento logo, e ela sugeriu que eu procure por lá.

— Você irá gostar. — Lucie morava no Brooklyn toda sua vida e fazia parte da comunidade. O

apartamento dela e o dela ficava próximo da Jamison Street. O restaurante, assim que fosse

inaugurado, seria relativamente perto e teria o nome de Encantos Divinos, escolhido por ambas.

— O que traz você a Nova York? — ela perguntou.

— Vim a trabalho. Sou escritor e um bom amigo me indicou para uma vaga na *Gazeta de*

*Nova York.*

— A *Gazeta*. Uau! Você deve ser muito bom.

— Eu gostaria de pensar assim, mas só o tempo dirá. E você?

Lucie mal sabia por onde começar.

— Bem, eu me formei recentemente na escola de culinária e, junto com minha mãe, estou

trabalhando para abrir um restaurante.

Parecia que Aren estava prestes a dizer algo, mas mudou de ideia.

— Isso dá muito trabalho.

— Nem me diga — ela se conteve para não entrar em detalhes sobre os esforços e as

dificuldades, os gastos e os receios. Não era hora para isso.

— Você parece pensativa — Aren comentou.

Lucie sorriu.

— Pouco antes de trocarmos um no outro, eu estava pensando que preferia estar em casa a

ficar lá em pé, sozinha, sentindo frio.

Aren riu.

— Engraçado, eu pensava na mesma coisa. Apenas concordei em ir porque não queria deixar

minha irmã virar o ano sozinha. Ela terminou um relacionamento há pouco tempo e está sendo

com plicado. Na verdade, eu estava pensando se encontraria o caminho de volta para o

apartamento da minha irmã.

— Você está perdido?

— Não exatamente — ele disse, olhando-a um pouco constrangido. — Entender as direções

aqui está me deixando louco e testando a minha inteligência. O que vocês querem dizer com

Cinquenta e Três, entre a Sexta e a Sétima, sendo que o endereço é completamente diferente,

com o Madison Avenue, número doze? Eu costumava pensar que tinha um bom senso de direção.

Mas não mais.

Agora era a vez de Lucie rir dele.

— Não se preocupe, você logo irá entender.

— Espero que sim.

A estressada garçonete aproximou-se da mesa e entregou-lhes os cardápios.

— Café?

— Por favor — Lucie respondeu, ciente de que precisaria da bebida se pretendesse ficar

acordada por muito mais tempo, e, honestamente, ela esperava ficar. Seu dia com o café às

quatro da manhã, quando se reuniu com fornecedores e lidou com o que parecia um a dezena de

problemas que precisariam ser resolvidos naquele dia.

Aren endireitou sua caneca de café e olhou para o cardápio.

— Eu não costum o com er tão tarde assim , m as Josie insistiu que procurássem os algo na rua

m esm o.

Josie deveria ser a irm ã dele.

— E você acabou nem com endo.

— Na verdade passei m etade da noite em um a busca frenética pela m inha irm ã. Afinal,

ficam os separados por horas seguidas.

O m esm o acontecera com Lucie e suas duas am igas. Os policiais as tinham conduzido para

um a área cercada, m as a m ultidão ainda parecia afastá-la das am igas. Ela poderia ter sido um

pouco m ais agressiva, m as essa sim plesm ente não era sua natureza. E sentia-se nervosa por sair

do local onde estava porque sabia que os policiais não a deixariam voltar para lá.

— O que você espera para o ano novo? — Aren perguntou-lhe após tom ar um gole do café.

— Ai, tanta coisa. — Lucie endireitou o corpo e falou sem parar por uns bons dez m inutos, até

perceber que tinha dom inado com pletam ente a conversa. Mais do que um pouco constrangida,

ela balançou a cabeça. — Chega, j á falei dem ais sobre m im . O que você espera para o ano

novo?

— Não, não, continue — ele insistiu, antes de acrescentar: — Na verdade, há algo im portante

que estou esperando ouvir.

— E o que seria?

O sorriso de Aren foi caloroso.

— E quanto aos hom ens na sua vida?

Lucie encolheu os om bros.

— No m om ento, há apenas um .

— Então há alguém im portante na sua vida?

— Ele é um pouco possessivo tam bém .

O sorriso de Aren desvaneceu.

— Sério? Conte-m e sobre ele.

— Cham a-se Sam m y , e estam os j untos há cinco anos. Na verdade, Sam m y m e perm ite até

dorm ir com ele.

— Perdão? — Aren colocou o cardápio de lado e franziu a testa.

— Sam m y é um cachorro vira-lata de 5 quilos e m eio que eu e m inha m ãe adotam os. Ele

perm ite m esm o que eu durm a com ele, além de deixar bem claro que estou ali apenas por sua

generosidade.

Aren riu.

— Em outras palavras, atualm ente você não está envolvida com ninguém ...

hum ano.

— Isso — Lucie estremeceu com a pergunta dele. — E você? Mulheres em sua vida?

Aren suspirou profundamente.

— Estou divorciado há dois anos — e olhou para baixo na direção de seu café.

Lucie observava enquanto tristeza e decepção afundavam os ombros de Aren.

— Katie e eu fomos casados por cinco anos. Mas ela se apaixonou por outra pessoa — ele

disse, com o peso da dor ainda persistisse.

— Filhos?

— Não, felizmente evitamos essa complicação. Eu queria constituir uma família, mas Katie

vivia inventando desculpas. Olhando para o passado, sou muito agradecido.

— Você teve muitos encontros desde então?

— Pouquíssimos. Mas, voltando a você, pois quero deixar isso bem claro entre nós: não está

envolvida com um homem ou atualmente casada, certo? — ele levantou a questão com o peso

tem esse um a repetição dos erros do passado. — Sabe, Katie me abandonou por um homem com quem ela já se envolvera antes.

— Ah, não há motivo para preocupação.

Agora, ele franziu a testa.

— Por que não? Você é maravilhosa.

Ela enrubesceu com o elogio.

— Não tenho pressa. Primeiro porque eu cursava a escola de culinária e trabalhava meio

período para pagar a mensalidade. E agora, bem, agora eu e minha mãe estamos nos esforçando

para colocar nosso restaurante em funcionamento. Sim, aparentemente parece não haver horas

suficientes em um dia para tudo o que preciso fazer, e mesmo ainda para um pouco de vida

social.

A garçonete retornou à mesa para anotar os pedidos, e cada um escolheu algo para um café

da manhã leve. A conversa não demorou muito.

Os pratos tinham sido retirados há muito tempo, e Lucie e Aren haviam bebido duas ou três

xícaras a mais de café antes de ela olhar para o relógio e notar a hora.

— Meu Deus, já são quase 4 horas — ofegando, apoiou a mão no peito. As horas tinham

sim, aparentemente evaporado. Lucie achou chocante eles ficarem ali sentados a noite toda,

compartilhando um momento tão agradável, por três horas e meia. Com um sentimento de

pânico, alcançou a bolsa e deslizou do estofado. — Tenho que trabalhar hoje. — Ela não podia

acreditar que o tempo passara tão rápido. Mas tinha tido sorte de ainda dispor de três horas para

dormir antes de trabalhar em um turno de doze horas. A mãe a incentivara a

tirar folga no dia

primeiro, mas Lucie sabia que não poderia recusar as horas extras. Não quando o restaurante

pagava 75% pela hora trabalhada no feriado. O dinheiro lhes seria útil.

Nesse momento, cada centavo contava. Elas queriam abrir o Encantos Divinos no dia 1º de

março, mas, ao ver quanto tempo todo o processo de abertura estava levando, Lucie precisou

aceitar que a estimativa era otimista.

Aren segurou a mão dela.

— Deixe-me e levá-la até o metrô.

— Certo. — Ela não queria ir embora, mas não lhe restava outra opção. De qualquer maneira,

Lucie já estava acordada há pelos menos vinte e quatro horas. — Eu não queria sair com pressa,

mas...

— Tudo bem, eu compreendo.

— Ah, Aren, não consigo me lembrar de ter passado um momento tão bom com o este. É tão

fácil conversar com você. — Afinal, por uma boa parte da noite, Lucie compartilhou com ele

coisas que não havia contado a colegas de trabalho e amigos. Os olhos dela se encheram de

lágrimas quando falou sobre o pai, falecido há um ano e meio em decorrência de complicações



no que deveria ter sido um a cirurgia de rotina.

O irmão de Lucie, que morava e trabalhava no Texas, tinha uma família jovem, então eram

apenas ela e sua mãe. E Wendy tinha problemas de saúde. Diabética tipo 1, a mãe de Lucie

precisava controlar cuidadosamente sua dieta e as dosagens de insulina.

Aren recolheu o sobretudo.

— Eu estava pensando agora mesmo no quanto você é interessante e divertida.

Ele já tinha pagado a conta, e os dois estavam liberados para partir.

— Eu gostaria de vê-la outra vez — ele disse enquanto desciam a calçada em direção à

estação de metrô.

— Eu também gostaria, mas...

— Mas — ele repetiu, terminando o pensamento dela — você não sabe se é possível envolver-

se em um relacionamento bem agora.

— Sim. — Lucie sentia-se grata por ele formular em palavras o pensamento dela.

— Eu compreendo, mas nós dois acabamos de falar com o foi bom este momento juntos. Eu

não acho que deveríamos simplesmente desistir um do outro. O mínimo que podemos fazer é nos

conhecer um pouco mais. Não posso falar por você, porém esta é a primeira vez em dois anos

que me senti eu mesmo. Estou recomendo a vida, conheci uma pessoa m

aravilhosa e não

quero que isso acabe após um a noite — os passos dele dim inuíram o ritm o para acom panhar os

dela enquanto continuavam a cam inhar. — Segundo a m inha irm ã, sou um bom rapaz e...

— Você é um bom rapaz.

— E acontece que eu acho você um a pessoa m aravilhosa. Então, o que m e diz?  
— Eles

chegaram à parte de fora da estação de m etrô e Lucie hesitou. — Posso beij á-la outra vez? —

Aren perguntou. — Talvez isso a convença.

— Sim , por favor. — Lucie inclinou-se e autom aticam ente deslizou os braços ao redor do

pescoço de Aren.

O prim eiro beij o fora agradável. O segundo, após se conhecerem um pouco m ais, foi m uito,

m as m uito m elhor. Dessa vez, ela ouviu m úsica, m as era o som de um coração feliz.

Assim que se separaram , Lucie percebeu que não queria abandonar esse relacionam ento tão

novo.

Aren fixou o olhar no dela, à espera de um a resposta. Em seguida, apoiando a testa na dela,

sugeriu:

— Só lhe digo um a coisa.

— O quê?

— Em vez de se afastar, pense com carinho, certo?

— O que você quer dizer com isso?

— Acho que sei no que você está pensando. Estam os com as em oções e a cafeína altas, e um

pouco mais do que exaustos. — E ela tivera a mesma impressão. — Tire um a sem ana para

pensar.

— Um a sem ana — ela repetiu.

— Se você resolver que vale a pena explorar este sentimento, então nos encontrarem os

novamente no dia 7 de janeiro, às quatro da tarde.

— Sete de janeiro, às quatro da tarde — ela repetiu.

— Sete dias — ele enfatizou — para refletir sobre isso com calma.

No momento, todo esse período parecia tempo demais para esperar. Lucie, invadida por

emoções, sentia-se pronta para decidir naquela mesma hora. Ainda assim, uma grande

responsabilidade recaía-lhe em relação ao restaurante. Agora não era hora de se envolver com

alguém, mesmo o que fosse um homem maravilhoso como o Aren.

— Onde você propõe que nos encontrem os? — Lucie perguntou. — Outra vez no restaurante?

— Não — ele respondeu, percorrendo o dedo pela lateral do rosto dela. — Admito que sou um

pouco romântico. Vam os nos encontrar no topo do Empire State Building.

— Por que lá? — ela perguntou, sorrindo com a sugestão.

— Porque é o lugar onde eu gostaria de beijá-la novamente.

— Certo — concordou —, mas saiba que... talvez eu não apareça. Odeio pensar em você ali

me esperando naquele frio.

— Então não me deixe esperando.

— Ah, Aren, eu não sei...

— Agora você não sabe mesmo. Reflita em uma semana, certo?

— Tudo bem .

Aren desceu os degraus até o metrô e esperou com Lucie até a chegada do trem . Ela entrou no

vagão e automaticamente se dirigiu à janela, pressionando a mão contra o vidro. Do outro lado,

Aren fez mesmo, com o vidro separando ambas as mãos. Quando o trem comecou a se

deslocar, ela me andou-lhe um beijo.

Com o ele era sensato! Uma semana daria a Lucie tempo para pensar, tempo para decidir. E

com o foi romântico da parte dele sugerir o topo do Empire State Building! Mordendo o lábio

inferior, ela queria tanto continuar esse relacionamento... Mas o momento era totalmente

inadequado. Será que ela teria uma oportunidade dessa outra vez? Essa era uma pergunta que ela

tem ia responder.



### Capítulo 3

Os olhos de Lucie ardiam enquanto ela se vestia apressadamente para o trabalho após dormir

menos de três horas. Embora estivesse se arrastando, emocionalmente se sentia vibrando, sem

um único arrependimento. Seu passeio até a cidade fora incrível. Conhecer Aren tinha aberto o

coração de Lucie a várias possibilidades. Eles entraram em tal sintonia que parecia terem

crescido juntos, redescobrimo uma profunda ligação mútua após uma longa separação.

Antes de o pai dela falecer, e antes de Lucie ter iniciado o curso de culinária, ela namorava

com certa frequência. No entanto, com outros homens, sempre houvera aquele estranho período

de “se conhecer”, marcado por longas pausas no diálogo enquanto se esforçavam para descobrir

alguma afinidade. Com Aren não foi assim. Ele se mostrara tão interessante e interessado nela.

Ela nunca tinha conhecido um homem que não gostasse de falar apenas sobre si próprio,

dominando a conversa, procurando causar uma boa impressão. Aren, ao contrário, mostrou-se

tão confortável consigo mesmo o que não pareceu sentir a necessidade de tagarelar sobre sua

carreira ou seus amigos influentes. Desde o primeiro momento ambos perceberam estar

mutuamente conectados, tornando a decisão de Lucie ainda mais difícil. Com o ela poderia

desistir desse relacionamento por isso? Em função de viver tão sem tempo, com o poderia

manter um relacionamento?

Lucie escovou o cabelo escuro, na altura dos ombros, e em seguida o prendeu para afastá-lo

da frente do rosto, empurrando os longos fios atrás das orelhas. Quando estava no restaurante, ela

o cobria com um avental e um chapéu de *chef* de cozinha. E usava o chapéu com orgulho, afinal, trabalhara duro para esse privilégio.

Sua mãe parou na entrada do banheiro de Lucie.

— A que hora você chegou ontem à noite?

— Tarde — Lucie não queria dizer à mãe exatamente a hora em que fora para cama.

— Divertiu-se?

Suspirando, Lucie acenou com a cabeça.

— Eu tive a noite mais incrível da minha vida.

O rosto da mãe alegrou-se.

— Eu sabia que sair lhe faria muito bem. Lucie, eu me preocupo com você e com o quanto

trabalha, assim , fico feliz que tenha seguido m eu conselho e saído com suas amigas.

— Tam bém estou feliz. Não se preocupe com igo, de verdade, m ãe. A situação vai se resolver

logo. — Logo que o restaurante fosse inaugurado e estivesse em pleno funcionamento, Lucie

conseguiria descansar. Assim ela esperava. Encantos Divinos precisava ser um sucesso. Era o

futuro delas, o sonho delas, e Lucie estava determinada a tornar o local bem-sucedido. E sentia-se obrigada a isso, visto que sua m ãe investira tanto na empreitada. Wendy confiara à filha todas

suas economias e o dinheiro do seguro de vida, e Lucie não podia, e não iria, desapontar a

família.

— Você conheceu alguém , não é?

— Mãe!

— Não conheceu? — De forma relutante, Lucie concordou com a cabeça. — Por que esse

sigilo? Conte-me e sobre ele.

— Mãe, não tenho tempo. Já estou atrasada.

Sua mãe continuou a insistir:

— Bem , pelo menos me conte com o vocês se conheceram .

Lucie não conseguiu conter o sorriso, mesmo tentando.

— Nós nos conhecemos na Times Square, à meia-noite, e Arem me beijou.

Os olhos de Wendy arregalaram-se.

— Bem , é claro. Foi dessa form a que eu conheci todos os hom ens da m inha vida — a m ãe

brincou.

— Eu m e perdi de Jazm ine e Catherine no m eio da m ultidão, e estava ali de pé, sozinha,

enquanto todas as pessoas entoavam cantos de Ano-novo, abraçando-se e beij ando-se. Aren e eu

trom bam os um no outro e, antes que eu percebesse, tam bém nos beij ávam os.

Os om bros de sua m ãe ergueram -se com um profundo suspiro.

— Esta é provavelm ente a coisa m ais rom ântica que j á ouvi.

Lucie term inou de se m aquiar, deu um a últim a olhada no espelho e resolveu que estava com

um a aparência boa o suficiente. Assim que term inasse o trabalho naquele dia, ela faria um a

refeição leve e iria direto para a cam a. Trabalhar na cozinha, com facas e fogo por perto, lhe

exigia m uita prudência se não dorm isse o suficiente.

— Quando você voltará a se encontrar com Aren? — a m ãe perguntou-lhe, seguindo Lucie até

a cozinha.

— Eu... eu não sei. Ele é novo na cidade e m uito ocupado.

— Lucie...

— Sim , m ãe? — ela disse, forçando um tom leve à voz.

Sua m ãe a encarou, com as m ãos na cintura.



— Você está escondendo alguma coisa de mim. Eu lhe disse quando era uma garotinha que

não precisava ter medo de mim e contar qualquer coisa. Sou sua mãe.

— E tá bem a melhor mãe do mundo — ela afirmou, beijando Wendy na bochecha.

— Mas... — a mãe protestou.

— Contarei mais depois do trabalho, certo? — Lucie não tinha tempo para prolongar a

conversa e, além disso, não chegara a uma conclusão sobre a quantidade de detalhes que

deveria contar à mãe. Durante toda a noite se sentira em polgareda, seus sonhos preenchidos por Aren. Ele se mostrara tão certo e confiante de que voltariam a se encontrar. Em bora tivesse

falado muito pouco sobre seu divórcio, Lucie sabia que ele passara por um período nada fácil.

Ainda assim, por ela, estava disposto a pôr de lado seus medos, basicamente lhe pedindo que

ignorasse os obstáculos de sua vida e desse uma chance a eles.

Aren era novo na cidade e desejava recomeçar sua vida. E ele queria recomeçá-la

namorando Lucie. A mente dela continuou a se agitar com perguntas, dúvidas, desejos e medos.

O jornal provavelmente tinha um período de experiência para seus escritores. O encontro deles e

a atração imediata que experimentaram foram uma surpresa. Tanto para Aren quanto para

Lucie. Nenhum deles esperara tam anha intensidade. No entanto, a época não poderia ser pior.

— Você parece pensativa, querida — a mãe dela disse, interrompendo os pensamentos de

Lucie. — Tem certeza de que não há algo que queira me contar agora?

— Tenho — Lucie forçou um sorriso. — Só quero lhe dizer que Aren é simplesmente

maravilhoso.

Wendy apertou a mão da filha.

— Está na hora de você encontrar alguém, Lucie. Na sua idade, eu já estava casada e grávida

de seu irmão.

— Pare, mãe, você me faz parecer a tia Adele.

— Ela não se casou antes dos 43 anos — Wendy a lembrou.

— Sim, mas a tia Adele viajou o mundo, nadou com arraias, criou duas em presas e se casou

quando encontrou o homem sem o qual não conseguia viver. Eu ainda não encontrei esse

homem.

— Com o quê sabe? — a mãe a desafiou. — Ele pode ser Aren. Dê uma chance a ele, Lucie.

Já fazia um bom tempo que não via seus olhos brilharem assim ao falar sobre um homem. Eu

nem conheci esse tal de Aren e já gosto dele.

Em vez de comentar, Lucie agarrou a bolsa e dirigiu-se até a porta. Sua mãe

poderia estar

certa, mas ela não tinha tempo para pensar sobre isso naquele momento.

Lucie ficava tão ocupada enquanto trabalhava que as horas passavam numa velocidade

incrível. Ao final de seu turno, ela estava tão exausta que mal conseguia pensar logicamente. Ao

voltar para casa de metrô, ela quase dormiu sentada. Com o jantar imaginava, sua mãe a esperava

com Sammy, que a cumprimentou balançando o rabo com tanto entusiasmo que chacoalhou

todo o traseiro.

— Lucie, você está exausta. Ai, querida, eu temo isso.

— Estou bem, mãe.

— Com eu hoje? — Wendy perguntou-lhe.

— Comi — Lucie respondeu, distorcendo os fatos. Ela até fizera um intervalo, mas usara o

tempo para descansar os olhos; apenas pouco antes de voltar para a cozinha ela pegara um

pãozinho, espalhara bastante manteiga nele e o chamara de almoço.

Lucie sentou-se e conversou com a mãe por vários minutos, dando atenção também a

Sammy. Sua mãe insistiu em lhe preparar ovos mexidos. Lucie disse que não precisava, mas

Wendy não lhe deu ouvidos; na verdade, Lucie ficou contente com o jantar tardio, com Sammy sentado obedientemente ao seu lado.

Após ela terminar a refeição, Wendy repousou a cabeça no estofado da parte de cima da

cadeira e fechou os olhos.

— Conte-me mais sobre esse jovem que você conheceu.

— Mãe, a sua taxa de glicose no sangue está controlada?

— Estou bem. Não se preocupe comigo. Sem controle os meus níveis de insulina. Agora

me conte sobre Aren.

— Não sei bem o que dizer... Só que ele é divertido, charmoso e inteligente. Depois de a bola

descer, nós fomos a um café-restaurant que fica aberto de madrugada e conversamos sem

parar por quase quatro horas. Ele é escritor, e deve ser muito bom porque acabou de conseguir

emprego na *Gazeta de Nova York*. E tem uma irmã. Está morando com ela até conseguir

encontrar um lugar próprio. Ele vive preocupado com ela.

— Ah, é?

— Aparentemente ela terminou um longo relacionamento. Eles estavam noivos, mas algo deu

errado e cancelaram o casamento e não estão mais se vendo. Parece que Josie está sofrendo

muito por isso.

— Aren parece ser um jovem excepcional.

— Ele é — disse Lucie estava certa.

— Quando você irá vê-lo outra vez? — a mãe insistiu.

— Ainda não resolvem os isso... exatamente — Lucie não queria explicar o que com binaram ,

pois sabia que sua maravilhosa mãe iria incentivá-la a encontrar Aren no tempo e no local

acordados, e não aceitaria um não com o resposta.

— Vocês trocaram telefones? — Wendy perguntou.

Lucie balançou negativamente a cabeça e em seguida percebeu que a mãe descansava os

olhos.

— Não, não trocam os. — Ela tinha cogitado pedir o número do celular de Aren e estava muito

certa de que ele também pediria o dela. Mas isso poderia tornar a decisão ainda mais difícil.

Desse modo, não haveria volta e sequer segunda chance. Era 7 de janeiro ou nada. — Ele quer

que eu o encontre no dia 7 no topo do Empire State Building — Lucie deixou escapar. No final

das contas, a mãe arrancaria a informação dela de uma forma ou de outra.

— Então você deveria ir — abrindo os olhos, a mãe de Lucie franziu a testa com o se estivesse

confusa.

— O problema, mãe, é que o momento é o mais inadequado — Lucie sussurrou.

— E daí? Se você for esperar até que tudo esteja perfeito, poderá perder Aren, e eu não quero

que isso aconteça.

— Eu também não quero. Resolvem os dois dar esta um a sem ana. Afinal, ficam os acordados

quase a noite toda, rodeados de estímulos por toda a parte, mas, com o eu disse, a hora não

poderia ser pior para mim. A mãe está com o péando em um novo emprego; eu já estou atolada com

o restaurante e...

— Meu Deus, Lucie Ann, você ainda não sabe que se apaixonar nunca é inconveniente? Eu

conheci o seu pai pouco antes de ele ser enviado para a Guerra do Vietnã. Nós passamos os

únicos dias juntos e depois nos comunicamos por meio de cartas. O seu pai escrevia as cartas mais

belas e impressionantes.

Lucie tinha ouvido a história mais de mil vezes e nunca se cansara dela.

— Um ano se passou — ela continuou para a mãe.

— Treze meses. Eu estava no segundo ano da faculdade, e um dia, de repente, o seu pai

apareceu no campus.

— Um homem de uniforme e não era exatamente a visão mais agradável naquele tempo,

sobretudo na universidade.

— Você está sendo generosa.

— Mas você o amava.

— Sim, mas eu vivia com problemas de saúde e não estava totalmente certa de que poderia ter

filhos.

— E papai superou cada obstáculo porque ele amava você.

— Ele era determinado, tudo bem — Wendy disse, e os olhos dela brilharam com a

lembrança.

— E papai lhe deu um prazo.

— Assim como o Aren está fazendo.

— É diferente, mãe.

— Não tão diferente, minha garotinha. Não tão diferente mesmo. Com o eu disse, não há um

calendário exato para encontrar a pessoa certa. Você não faz 21 anos e imediatamente conhece

o homem dos seus sonhos. Acontece quando tem que acontecer.

Lucie conhecia a veracidade disso por meio da própria história de amor dos pais. Seu pai tivera

que trabalhar duro para convencer a mãe de que eles deveriam se casar. Wendy resistiu e

insistiu que George não sabia no que estava se metendo. Embora as circunstâncias fossem outras,

era como se a história se repetisse.

— Prometa-me que você irá encontrar esse jovem.

— Mãe...

— Eu sei o que o seu coração está lhe dizendo, Lucie. Você não me engana, querida. Nunca

conseguirá.

Era verdade. Lucie achava impossível enganar a mãe e odiava ser enganada pelos outros.

— Preciso de um tempo. Tenho uma semana inteira para decidir.

Na manhã de 7 de janeiro, Lucie acordou convencida do que queria. Sua mãe a

influenciado a semana toda, falando com empolgação sobre o aspecto romântico do encontro.

De forma repetitiva, ela lembrou a filha do galanteio de um brado com o jovem oficial do

exército que se tornara o pai de Lucie.

— É esta tarde — Wendy mencionou casualmente durante o café da manhã.

— Sim, mãe, eu sei.

— Diga-me que você decidiu encontrar Aren, pois, se não for, juro que irei até o Empire State

Building e eu mesma o encontrarei.

— Mãe.

— Bem, provavelmente eu não farei isso, mas, Lucie, com o que eu queria que você visse seus

olhos brilharem toda vez que o menciona. Eu me sentia assim com seu pai, e, querida, nós

tivemos os anos maravilhosos juntos. Quero que você encontre essa mesma felicidade.



— Eu sei, mãe...

— Tranquelize-me! Conte-me o que você decidiu.

Lucie tinha tentado se mostrar discreta, mas estava claro que não conseguia.

— Eu estarei lá às 16 horas e Aren estará esperando por mim.

Wendy esfregou as palmas com o se fosse impossível de se conter de alegria.

— Você diz ao jovem que deseja conhecê-lo?

— É claro, mãe. Você terá um monte de oportunidades para conhecer Aren. —  
Lucie adorava

o entusiasmo da mãe. — Já acertei tudo para sair mais cedo do trabalho —  
explicou. — Pegarei

o metrô até a cidade.

— Perfeito. Você vai me ligar quando estiver lá, não vai? Eu me recuso a ficar  
desinformada.

Quero saber o que acontecerá quando ele vier, certo?

— Espere pelo menos alguns minutos para que eu possa cumprimentá-lo. —  
Lucie ligaria após

aquele beijo que Aren lhe prometera. Assim, sentiu dificuldade de conter o  
sorriso. Afinal, tudo

começara com um simples beijo. Bem, na verdade, não fora tão simples assim.  
As coisas

raramente eram.

Lucie nunca foi de ficar enrolando, principalmente no trabalho. No entanto,  
naquele dia seu

olhar ricocheteou várias vezes contra a parede enquanto ela contava as horas  
passarem. Às três

da tarde, um a hora antes do encontro, ela trocou de roupa, renovou a maquiagem e saiu pela

porta em direção à estação de metrô. Estava prestes a descer a escadaria quando seu celular

tocou.

— Lucie Ferrara? — uma voz feminina perguntou.

— Sim .

— É do Hospital Metodista de Nova York. Estam os com a sua mãe aqui. Ela levou um tombo

feio e quebrou o braço. Acredito que terá que passar por cirurgia...

— Ah, não. A minha mãe está bem ? Ela é diabética.

— Não se preocupe. A taxa de glicose está estabilizada.

Lucie fez careta ao pensar na mãe com dor.

— Já estou indo até aí — disse Lucie, tentando controlar a sensação de pânico que sentia.

Então, parou no topo da escadaria e observou a cidade, com a visão do Empire State Building em segundo plano. Não havia nada a fazer agora. Seria absolutamente impossível ela se encontrar

com Aren. A decepção se instalou no fundo de seu estômago. Era intervenção divina. Apesar de

sua decisão, ele ficaria ali, esperando por ela... e ela não apareceria.

Lucie estava ao lado da cama de sua mãe quando Wendy acordou após a cirurgia. Ela piscou

para a filha e depois franziu a testa.

— Você se encontrou com Aren, não é? — Em vez de responder verbalmente,

Lucie balançou

a cabeça negando. — Eu pedi para o hospital não ligar para você.

— Mãe, eu precisava vir até aqui pra conversar com os médicos. O que aconteceu? — Mas

Lucie já sabia. A taxa de glicose de sua mãe tinha caído outra vez e provocara o tombo.

Felizmente ela estava próxima a uma vizinha que naquela mesma hora ligou para o 911[3].

— Ah, Lucie, me sinto tão mal por você. É tudo culpa minha.

— Mãe, não era para ser.

— Não, não, eu não acredito nisso. Não posso acreditar nisso.

Então, Wendy pressionou os olhos com força e os lábios dela começaram a se mexer.

— O que você está fazendo? — Lucie perguntou-lhe.

— Xiii, estou orando.

— Orando para quê? — brincou.

— Por você e Aren. Estou pedindo a Deus para uni-los novamente na hora Dele. E Ele irá

fazer isso, você sabe. Confie em mim. Deus realizará meu pedido porque Ele sabe que eu nunca

me perdoarei por você perder o encontro com o amor da sua vida por minha causa.

— Isso é muito mais, mãe, mas acredito que Deus tenha orações mais importantes às quais

responder do que a sua.

Wendy zom bou.

— Não sej a boba. E não se surpreenda se você e Aren se cruzarem nos próximos dias. Anote o

que eu digo. Anote aí.

— Sim , m ãe. — Em bora Lucie concordasse, internamente ela tinha um depósito de reservas

de que o Todo-Poderoso Deus realmente se importasse com algo tão secundário. E, ao mesmo tempo

tempo, ela nutria esperanças de que Ele se importasse.



## Capítulo 4

### *Dezembro*

#### *Onze meses depois*

Gabriel abriu o enorme livro de orações e olhou rapidamente para o grande número de

solicitações que chegavam a sua mesa de hora em hora. Ele emitia ordens para os anjos baixadores

da Oração a todo momento. Serviço era o que não faltava no céu.

Eles se aproximavam dos festejos natalinos, o período mais atribulado do ano, o que levava os

anjos nomeados com os anjos baixadores da Oração ao seu limite. A Terra estava agitada nessa

época do ano. Os humanos viviam estressados e Gabriel queria ficar o mais adiantado possível.

Ele correu o dedo pela longa lista e pausou ao encontrar uma solicitação não respondida, que

já estava lá há quase 11 meses, de uma nova-iorquina chamada Wendy Ferrara. Então franziu a

testa e, em seguida, bateu o pé. Algo o atormentava, uma sensação torturante com a qual ele não

fora capaz de deixar de se preocupar.

Ah, Gabriel se lembrou dessa oração. Ao recebê-la, ordenara uma investigação. Assim que o

relatório foi devolvido, ele o leu, resmungou e então o deixou de lado até que pudesse decidir qual

a melhor forma de lidar com essa difícil situação. Aparentemente, seus três anjos favoritos

tinham resolvido o assunto por sua conta e risco. E, para piorar, haviam levado um jovem

aprendiz junto. Gabriel nomeara Shirley, Goodness e Mercy mentoras de Will, e elas fizeram

um excelente trabalho. Bem, exceto por uma imprudência. O assunto, bastante delicado, exigia

tratamento cuidadoso.

O tempo para lidar com a oração de Wendy Ferrara era agora. Assim, Gabriel convocou as

três Embaixadoras da Oração e o aprendiz. Mal enviara a ordem, quando Shirley, Goodness e

Mercy apareceram com as asas esvoaçando de empolgação e expectativa.

Assumindo uma pose séria, Gabriel desviou de uma o olhar. As três eram só

sorrisos.

— Você pediu para nos ver — Shirley disse, aparentando serenidade e nobreza. Esses anjos

eram criaturas magníficas. Uns dos trabalhos mais belos de Deus, juntamente com os Anjos Guerreiros

e, naturalmente, com os humanos, criados à própria imagem de Deus.

— Eu sei por que você nos mandou buscar — Goodness gabou-se.

Gabriel arqueou as grossas e brancas sobrancelhas.

— Você sabe?

— Você está pronto para nos dar uma tarefa na Terra.

Mercy acenou com a cabeça afirmativamente.

— Você já notou a escassez de Embaixadores da Oração e está pensando em nos colocar novamente em ação. Nossos métodos podem não ser convencionais, mas atendemos às orações.

Gabriel não respondeu, mostrando-lhes que virava a página do livro de orações.

— Na verdade, isso tem a ver com ...

— Desculpe, eu me atrasei. Eu estava... — Will surgiu e, ao ver Gabriel com suas três

meitoras, parou de falar.

— Estou contente que você conseguiu se juntar a nós — disse Gabriel com um quê de

sarcasmo. Ele gostava bastante do rapaz e sentia que Will serviria bem a Deus assim que fosse

adequadamente treinado.

— Estou contente tam bém . — Will endireitou-se para prestar atenção, dobrando as asas de

form a apertada contra o corpo, com as costas eretas e o olhar respeitoso.

Gabriel andou em volta de sua mesa e entrelaçou as mãos.

— Chegou ao meu conhecimento que vocês quatro fizeram uma visita imprevista à Terra no

último mês de janeiro.

— Véspera de Ano-novo, para ser precisa — Shirley com plenentou e ergueu o dedo

indicador. — Eu quero que se registre que fui contra a ideia desde o início. Não queria fazer parte

desse esquema, e...

— Mas você se juntou a eles — interrompeu-a Gabriel.

— Bem, sim, percebo que a impressão não é das melhores, mas senti que ter alguém sensato

acompanhando de perto era absolutamente necessário. Não havia aviso algum de que problemas

Goodness e Mercy poderiam enfrentar sem a minha presença lá, zelando por elas.

— Nós não...

Gabriel interrompeu a fala de Goodness.

— Quero saber quem foi o responsável pelo fiasco envolvendo Lucie Ferrara e Aren Fairchild.

Shirley, Goodness e Mercy não puderam evitar olhar para os lados com os lábios

com prim idos.

— No caso, fui eu — Will m urm urou. Ele tam bém se sentiu desconfortável com o olhar de

Gabriel.

— Explique o que aconteceu — Gabriel usou sua voz m ais grave.

Will deu um passo para a frente e olhou-o diretam ente.

— Para ser j usto com m inhas m entoras, fui alertado a não m e envolver com hum anos, m as

eu...

— Você quer dizer que se m isturou aos hum anos?

O lento aceno de cabeça de Will revelou sua relutância.

— Mercy explicou que som ente aqueles com olhar espiritual poderiam nos ver.

— E alguém notou você?

— Não.

— Tem certeza? — Gabriel o pressionou.

— Não totalm ente, m as, se fui reconhecido, ninguém disse nada a respeito.

Gabriel cam inhou ao redor de sua m esa.

— É m elhor você m e contar tudo. — O olhar dele encontrou o de Mercy , que suspirou e

deslocou-se para o lado de Will.

— Eu assum o a responsabilidade. Perdi Shirley de vista e, enquanto a procurava, Will

desapareceu.



— Em outras palavras, esse problema é o resultado direto de sua desobediência — Gabriel

olhou-a fixamente. Em silêncio, ficou satisfeito por ela se dispor a dar um passo à frente e

admitir seu erro, em caso ele suspeitasse de que todas as três estavam envolvidas nesse desastre.

Mercy contorceu-se toda desconfortável sob a rigorosa avaliação de Gabriel.

— Eu gostaria de pensar em nossa breve estada na Terra com o um exercício de treinamento

não planejado.

Gabriel direcionou sua pergunta seguinte a Will.

— E o que você aprendeu, meu jovem ?

— Ah... — Will parecia sem palavras e olhou para suas mentoras em busca de ajuda.

— Bem , em primeiro lugar — Shirley disse, tentando ajudar seu protegido —, eu aprendi a

não deixar que bebês esquisitos me distraiam .

— E então Goodness sentiu-se atraída por aquelas câmeras de TV e eu tive que distraí-la antes

que ela voltasse a aparecer no telão.

— E foi quando o sino soou à meia-noite e todos aqueles humanos começaram a se beijar e a

cantar — Will interrompeu-se.

— E... — Gabriel queria a história completa.

— E eu apresentei essas duas pessoas uma para a outra — o anjo aprendiz admitiu

itiu, olhando

para baixo na direção dos pés.

— Lucie e Aren?

— Eu não peguei os nomes deles.

— Lucie e Aren — Gabriel disse um pouco mais alto.

— Eles se beijaram — Will com entou com em polgação. — Eu os vi.

— E você interferiu no plano de Deus para eles se encontrarem — Gabriel resmungou,

balançando a cabeça com o se estivesse totalmente desanimado.

— Você quer dizer que era a intenção de Deus eles se conhecerem desde o começo? —

Mercy perguntou, com a voz levemente elevada devido à animação.

— Sim, mas o encontro deles não estava marcado para acontecer naquela época e agora está

tudo errado.

— Há algo que eu possa fazer para corrigir as coisas? — Will perguntou. — Porque eu posso

retornar à Terra com o voluntário e fazer o que for necessário para compensar o erro.

*Aposto que você faria*, pensou Gabriel. Já estava evidente que Will se entusiasmaria pela Terra tanto quanto suas mentes.

— Isto é — continuou Will —, se você estiver disposto a confiar em mim outra vez.

Para seu crédito, o aprendiz aparentava decepção e arrependimento. Gabriel refletiu sobre a

questão enquanto esfregava o queixo, pensando se havia uma forma simples de resolver o

problema.

— Bem, com algum esforço você talvez consiga desatar esse nó.

— Isso significa que será necessário retornar à Terra? — Goodness perguntou, sem fôlego e

cheia de esperanças.

— E naturalmente, com o mento de Will, nós precisaremos acompanhá-lo

— Shirley

acrescentou, sugerindo que Will poderia não conseguir lidar com essa difícil situação sem o

auxílio delas.

— Bem ...

— Com grande sacrifício pessoal, eu sou voluntária acompanhá-lo sem as outras —

Mercy ofereceu-se.

Gabriel observou enquanto as duas amigas de Mercy a olhavam fixamente sem disfarçar a

indignação. Várias penas se soltaram e flutuaram até o chão, numa clara indicação de que elas

estavam perturbadas pela disposição de Mercy em deixá-las para trás.

— Levando em conta que vocês três estavam juntas nisso, sinto que é justo que todas

acompanhem Will e endireitem a situação.

— Partiremos neste exato minuto — Shirley sequer disfarçava seu ardor para

controlar o

projeto.

— Esperem — Gabriel disse, interrompendo-as. — Ocorreu uma série de mudanças.

— Ah.

— A fim de que vocês compreendam a complexidade da situação, precisarão dar uma olhada

nas vidas de Lucie e Aren neste momento, depois de todos esses meses.

Ele acenou com os braços e o fino véu que separava a Terra da vista do céu desapareceu. As

três Embaixadoras da Oração, ao lado do aprendiz, observaram atentamente através da névoa

que se dissipava.

— O que é isso? — Will perguntou.

— É o Encanto Divino — explicou Gabriel. — Lucie e a mãe abriram o restaurante em abril.

Está sendo um sucesso. Lucie é a responsável pelas irresistíveis sobremesas, e o restaurante já

provocou certa comoção no Brooklyn, apesar de não haver propaganda impressa. O sucesso

deles se deve à divulgação boca a boca. — Ele ficou pensando se algum deles compreendera o

trocadilho. Aparentemente não.

— Que maravilhoso.

— Lucie passa várias horas ali. Sua mãe atua com o recepcionista. Wendy é

cordial e

receptiva e faz com que os clientes se sintam como se estivessem em casa.

— Encantos Divinos — Goodness repetiu. — Que nome é perfeito para um restaurante.

— Quase todos supõem que o nome vem das maravilhosas sobremesas, que, segundo dizem, são cheias de inspiração — Gabriel explicou.

— Então quer dizer que o nome do restaurante não vem disso?

— Não. — Gabriel sentia-se bastante satisfeito com o fato de o nome ter se baseado em

alguém que eles conheciam muito bem. — Na verdade, foi outro amigo, um amigo meu muito

estimado, que acabou dando ao local esse nome.

— Que amigo?

— Sei que isso pode surpreendê-los, mas, por incrível que pareça, eu tenho amigos.

— É claro...

— Naturalmente.

— Foi a sra. Milagre — disse Gabriel, abrindo um sorriso. — Por causa de Emily, Lucie

acertou um contrato de fornecimento de última hora pouco antes do Natal, há alguns anos. Esse

acontecimento foi o responsável pelo pontapé inicial do restaurante.

— E agora o restaurante é uma realidade.

— O que é aquilo no canto? — Will apontou para a vitrine do refrigerador próxima à mesa da

repcionista.

— Aquilo — disse Gabriel — é um mostuário dos doces de Lucie. As sobremesas dela se

tornaram tão populares que é difícil conseguir uma reserva para jantar. Wendy, a mãe de Lucie,

teve a ideia de vender sobremesas também para viagem. E acabou dando muito certo.

— Quando estava programado para Aren e Lucie se conhecerem ... originalmente? — Will

quis saber.

— Daqui a alguns dias, no tempo da Terra.

— Com o?

— Bem, eles nunca iriam trombar um no outro, se é o que está me perguntando.

Will parecia infeliz ao saber disso.

— Eu gostaria de fazer o que fosse possível para acertar as coisas.

— E eu lhe concederei essa oportunidade.

— Obrigado, Gabriel.

— Sim, obrigada — Shirley, Goodness e Mercy ecoaram.

Gabriel suspirou. Ele esperava não se arrepender dessa decisão.

— Aren Fairchild trabalha para a *Gazeta de Nova York* com o crítico gastronômico, e escreve

sob o pseudônimo de Eaton Well, um nome pertencente ao jornal.

— Eaton Well — Mercy repetiu. — Inteligente.

— Ele não pode revelar sua identidade por causa de uma cláusula no contrato. O editor da

seção “Estilo de Vida” encontra restaurantes promissores para Aren.

— Daí ele faz uma reserva para o jantar, come e escreve uma resenha sem ninguém do

restaurante saber quem é o cliente secreto — Mercy disse, pensando em voz alta.

— Exatamente.

Will parecia abatido.

— Eles estavam originalmente programados para se conhecer no restaurante, quando Aren se

apaixonaria pela mulher responsável pelas maravilhas sobre elas.

— Nem tudo na vida ocorre conforme o planejado — Gabriel não queria acabar com o

entusiasmo do jovem. O coração dele estava no lugar certo.

— O que está acontecendo agora? — Mercy perguntou, espiando lá em baixo, na cozinha.

— Vamos descobrir — disse Gabriel. Com um movimento de seus braços, a conversa entre

Lucie e sua mãe de repente se tornou audível.

— Lucie — Wendy a chamou ao entrar na despensa.

Lucie estava sentada em um engradado de suprimentos recentemente entregues segurando

uma cópia da *Gazeta de Nova York*. Assim que ouviu a voz de sua mãe, tentou sem sucesso

esconder o jornal.

Wendy parou e seus ombros cederam .

— Ah, Lucie, você está procurando o nome do Aren outra vez, não está?

Lucie não viu motivo algum para esconder o óbvio.

— Não está aqui. No final das contas, ele não deve ter conseguido o emprego.

O sorriso de sua mãe se desfez.

— Odeio ter sido a responsável por vocês não terem se encontrado naquele dia. Mal consigo

olhar para o Empire State Building e não pensar naquela oportunidade perdida.

— Mãe, pare. Não era para ser. — Lucie dissera essas palavras para si mesma a centenas de

vezes e tentou acreditar nelas, em bora não conseguisse tirar Aren da cabeça.

— Mas você ainda pensa nele.

Lucie não se incomodou em negar. Ela, de fato, pensava em Aren. Por mais que tentasse

esquecê-lo, não funcionava. Continuava imaginando quanto tempo ele a esperara naquele dia.

Será que ele tinha ficado no frio, na esperança de que ela chegasse com uma explicação lógica

sobre o motivo do atraso? Será que ele se arrependera de não terem trocado os telefones, assim com o

acontecera com ela? “Se tiver que acontecer, nós nos encontraremos outra vez”. Então se

lembrava da oração da mãe e também orou.

— Eu vim para dizer que mais uma vez todas as mesas estão reservadas para hoje e à noite, e já



estão os aceitando pedidos de reserva para o Ano-novo.

— Isso é maravilhoso.

— Gostaria que você tirasse folga na véspera de Ano-novo.

— Mãe, eu não posso. Será uma das noites mais movimentadas da temporada.

— Não se preocupe... Trarei o reforço.

— Mãe, não posso. Sei no que você está pensando: quer que eu volte para a Times Square e para a remota possibilidade de encontrar Aren outra vez por acaso. Impossível. Não irei. Não

seria mais do que uma tentativa à toa.

— Ah, Lucie, não achei que você pudesse ser tão teimosa.

Lucie riu. Ela não pôde evitar.

— E você acha que eu herdei isso de quem ?

— Do seu pai — Wendy teimou, e as duas acabaram rindo juntas.

— Fico contente em ver como o restaurante está indo bem — Shirley comentou.

— Mas coitada da Lucie — Will sussurrou e exalou o ar com força. — Ela nunca se esqueceu

de Aren.

— E o que era toda aquela conversa sobre o encontro? — Goodness coçou a lateral da cabeça

como se tivesse perdido algo importante.

Gabriel explicou.

— Lucie não apareceu? — Mercy perguntou ansiosamente.

— Não, e Aren esperou o máximo o que os guardas permitiram . E ele também voltou um a

segunda vez.

— Nossa! Pobre Aren.

— Ele também pensa em Lucie?

Gabriel acenou com a cabeça.

— O tempo todo.

— Só um minuto... Espere aqui. — Mercy começou a andar lentamente no escritório de

Gabriel.

— O quê? — Shirley perguntou, analisando a amiga.

— O que estão esperando? — Goodness desviou o olhar de Mercy para Gabriel. — Tem os

trabalho a fazer.

Mercy acenou com a mão, e uma asa batia enquanto ela falava:

— Entendi, entendi. Aren é um crítico gastronômico. A linha em que apareceria o nome dele

nunca estará no jornal, a fim de manter em segredo sua identidade.

— Sim — Gabriel disse e esperou Mercy completar o pensamento dela.

— E ele foi nomeado para escrever uma resenha sobre o Encantos Divinos, certo?

— Certo.

— E era assim que eles deveriam originariamente ter se encontrado?

Gabriel não disse nada. Queria que eles descobrissem sozinhos.

— E Aren não podia deixar que Lucie soubesse o pseudônimo o que ele usa — Shirley os

lembrou — por causa do contrato com o jornal.

— Mas ele se apaixonaria pelas sobremesas de Lucie mesmo antes de encontrá-la! — Mercy exclamou com o que parecia a lógica perfeita.

— Agora é o nosso dever garantir que Aren e Lucie se reencontrem — o rosto de Will brilhou

de animação. — Nós somos os capazes de fazer isso, Gabriel. Deixe tudo conosco.

— Você tem certeza de que está preparado para a tarefa?

— Sem dúvida.

— Então vá lá, meus amigos. Não deixem de fazê-lo.

— Sem problema — Mercy prometeu.

Antes que ele pudesse lançar-lhes um alerta, os quatro desapareceram. Gabriel abriu um largo

sorriso e, em seguida, balançou a cabeça. A ele, só lhe restava recuar e observar os quatro se

dirigirem para a Terra.

Que o céu ajudasse a todos.

Literalmente.



## Capítulo 5

— Olhe, Aren já está no restaurante — Will sussurrou. Shirley, Goodness e Mercy juntaram -

se a ele, e os quatro ficaram observando das luminárias do restaurante Encantos Divinos.

— Aquela é a mãe de Lucie? — Goodness perguntou, olhando a mulher de meia-idade que

cumprim entou Aren.

— Qual mulher? Há várias ali.

— Aquela que está conduzindo Aren até a mesa.

— É ela.

— Quem é aquela mulher com Aren?

Will balançou a cabeça.

— Não faço a mínima ideia. Ela não estava com ele na véspera de Ano-novo. Na verdade, eu

nunca a vi antes. Algum de vocês já a viu?

Ninguém parecia conhecê-la. Mercy suspirou, agora de preocupação. Talvez Aren tivesse

conhecido outra mulher, alguém de quem ele gostasse até mais do que de Lucie. Os dois

certamente pareciam íntimos, rindo e brincando um com o outro. Ah, não, isso seria um grave

problema. Algo deveria ser feito, e rapidamente.

Will apertou as mãos, também aparentando preocupação.

— Você acha que pode ser tarde demais? Acha que Aren encontrou outra pessoa?

— Pode ser um a colega.

— Ou um a amiga — Shirley sugeriu.

— Xiii, vamos ouvir a conversa deles. Talvez ela nos revele o que precisam os saber. —

Mercy não compreendeu por que ela tinha que ser a prática do grupo. Os outros eram muito

rápidos e, assim, chegavam a conclusões precipitadas.

— As primeiras impressões de um restaurante são importantes — Aren disse, desdobrando o

guardanapo de linho e estendendo-o sobre o colo, antes de olhar para a irmã. — Está pensando no

quê?

Josie olhou ao redor, aparentemente notando a atmosfera do salão.

— A decoração é simples e discreta. Gosto disso.

— Eu também — Aren concordou. Apego visual era importante. A experiência de um jantar

nunca se baseava apenas na qualidade da comida. — E o que achou da recepcionista? —

perguntou em seguida, afinal, haviam jantado juntos várias vezes e ele apreciava a contribuição dela.

Esse jantar era especialmente importante. Ele trabalhava para o jornal há quase um ano e já

fizera resenhas de diversos tipos de restaurantes, desde os mais caros até os mais baratos, desde

os mais famosos e consagrados até lugares totalmente desconhecidos. Desse modo, sabia que um

lugar novo e promissor com o o Encantos Divinos proporcionaria uma grande oportunidade tanto

para seus leitores com o para o próprio restaurante.

Josie sorriu.

— Ela me deu que me lembrou da tia Lucille, tão receptiva e cordial. — Então, parou e olhou

fixamente para o irmão. — Você está franzindo a testa de novo. Ultimamente, sempre que

menção a tia Lucille você faz essa cara engraçada.

— Não faço.

— Faz sim. Sou sua irmã e reconheço uma franzida de testa em você quando a vejo. Está

pensando naquela garota que conheceu no Ano-novo outra vez, não está? O nome dela era Lucie.

— Não — a negação dele foi firme. — Além disso, eu lhe pedi que não mencionasse o nome

dela outra vez. — Aren fizera a parte dele, dando tempo a Lucie, e aparentemente ela não se

interessara. Nada ganho, nada perdido... Ainda que Aren não tivesse conseguido tirá-la da

cabeça.

Josie simplesmente balançou a cabeça, notou Aren, indicando que ela achava que não valia a

pena brigar por isso. Se eles tivessem que discutir sobre algo, deveria ser sobre Josie e sobre

como não se relacionava com Jack. A irmã dele agia bem ao esconder a m

ágoa, mas Aren não

era tolo. Ela estava deprimida e orgulhosa demais para admitir. E ele não compreendia como o

duas pessoas que se amavam a ponto de quase trocar alianças decidiram, de repente, dar por

encerrado o assunto. Aparentemente, com o advento da época do casamento se aproximava, os dois se

acovardaram. Eles tinham discutido e agora a teimosia superara o senso comum.

— Nós vamos ficar batendo boca ou examinando o cardápio? — Josie perguntou, já abrindo. —

O que parece ser bom para você?

— Estou com vontade de comer peixe. — Aren examinou a seção de frutos do mar e achou

diversificada e surpreendente. O linguado Dover servido com molho à base de manteiga lhe

agradou. — Esse molho pode ser complicado e é um bom teste da destreza do *chef*. — Portanto, o prato seria frutos do mar, que tantos restaurantes tendem a cozinhar demais.

— Você ouviu isso? — Will disse triunfante. — A mulher que acompanha Aren é a irmã dele.

— E ele ainda está pensando em Lucie. — O plano iria dar mais certo do que eles haviam

imaginado. Mercy já conseguia prever. Ela observou enquanto irmão e irmã brincavam,

zombando um do outro, obviamente com o irmão, assim com o bons amigos. Após alguns

minutos, ela olhou ao redor e descobriu que Will não estava em seu campo de visão.

— Onde está Will? — Shirley perguntou.

— Estou aqui — ele respondeu, retornando de algum destino desconhecido. Mercy sentiu a

necessidade de explicar a importância de eles todos ficarem juntos, e, quando terminou,

descobriu que Shirley também havia desaparecido.

— E a Shirley, onde está?

— A garçonete é simpática e prestativa — Aren continuou com a irmã. O Encantos Divinos

estava se revelando tudo o que prometia. Se a comida fosse tão boa quanto os relatos, ele

escreveria uma resenha positiva com prazer. Até então, estava achando a experiência do jantar

bem agradável, mas o verdadeiro teste, com o em todo restaurante, seria a comida.

Várias pessoas haviam entrado em contato com o jornal sobre esse restaurante promissor que

chamava a atenção dos apreciadores de comida do Brooklyn. O número de recomendações fora

tão impressionante que o editor o colocara no topo da lista. Mas a experiência de Aren

evidenciava que muitos restaurantes altamente elogiados não costumavam corresponder às

expectativas. Assim, a função dele era perceber os detalhes que a maioria dos



clientes ignorava,

semelhante a um cantor a quem fora concedido o dom de um agudo ou grave perfeito. Para um

leigo em música, um artista poderia soar fabuloso, mas alguém com um bom ouvido

reconheceria na mesma hora uma nota que estivesse só um pouco dissonante. Arian sentia que

tinha o “grave ou agudo perfeito” quando o assunto era restaurante e comida.

Até aquele momento, tudo atendera às suas expectativas. O restaurante era limpo. A equipe de

funcionários trabalhava com eficiência, sem ser impertinente, repetindo os especiais do dia sem

recorrer à consulta das anotações. Quando pediram vinho, copos d’água foram prontamente

servidos. Alguns minutos após o vinho ser servido, pães recém-assados, ainda aquecidos do forno,

foram levados até a mesa. Quase tão logo eles colocaram os cardápios de lado, o garçom

aproximou-se para anotar os pedidos. Ah, sim, esse restaurante prometia muito.

Arian e a irmã tomaram um gole do vinho e, no tempo esperado, a refeição chegou. O

linguado estava engenhosamente disposto no prato com pequenos montes de purê de batata em

redesmiados tostados e dourados. O vegetal era aspargos assados cobertos com casca de limão.

— Nossa! Isso parece delicioso mesmo — sua irmã olhou para o prato dele com satisfação.

— O seu também. — Josie tinha pedido frango ao molho. A carne fora frita até chegar a

um tom adorável de marrom e coberta com uma camada de queijo suíço italianos, acompanhada

de espaguete coberto por um rico molho vermelho marinara. O jantar dela incluía ainda salada e

pão de alho torrado. Os aromas do pão aquecido e do alho funcionavam com o um afrodisíaco.

Era muito fácil exagerar no alho. E a cozinha não tinha comido tal deslize.

— O *chef* está de parabéns — Josie esticou-se para pegar o garfo.

— Você ainda não experimentou — ele a criticou.

— Ora, minha nossa, se o gosto for metade tão bom quanto o aroma, estarei nos céus. — Aren

abriu um sorriso e virou os olhos. A aparência poderia enganar. — Por falar no *chef*...

Aren ergueu a mão, interrompendo-a.

— Não me diga o nome.

Josie colocou o garfo de lado.

— Por que não?

— É melhor que eu não saiba, para não induzir a minha opinião. Já vi muitos outros na minha

posição influenciados por uma celebridade na cozinha. — Ele não ousou dizer nada que pudesse

sugerir a alguém por perto que ele escrevia para a *Gazeta*. Aren julgava a comida, não a

reputação. Não o número de livros de receitas publicados e certamente não a fama. O que lhe importava era a comida e a experiência total do jantar.

— Você ainda não experimentou — disse Josie.

Cheio de ansiedade, Aren pegou o garfo. O linguado estava perfeitamente cozido. A boca da

irmã ficou aguada na ansia para dar a primeira mordida. Ele fechou os olhos, esperando o puro

deleite.

Deleite não era a palavra exata que ele usaria para descrever o linguado. Na verdade,

conteve-se para não cuspir a comida. Somente com muita força de vontade ele conseguiu engoli-

la.

Em uma palavra, o linguado era *horroroso*. O olho à base de manteiga estava salgado a

ponto de estragar o prato inteiro. Aparentemente, o *chef* notou o erro e supercompensou-o com limão, que deixou na carne um sabor ácido tão poderoso que Aren quase enrugou os lábios. Se

isso não bastasse, havia nitidamente o gosto de pimienta-caiena. Apenas os aspargos estavam

comestíveis, cozidos à perfeição. Infelizmente, todo o resto da comida no prato de Aren não era

bom para o consumo humano.

A refeição foi uma decepção e tanto. Em contrapartida, Josie parecia saborear

cada pedaço.

— Há algo de errado com a sua refeição, senhor? — o garçom perguntou enquanto retirava o

prato vazio de Josie. Incapaz de se forçar a engolir um segundo pedaço do peixe, Aren deixou o

prato praticamente intacto, com exceção de um pedaço de linguado, aspargo e batata. Até

mesmo esta parecia estranha, tão carregada com manteiga que o sabor natural se perdera.

— Não, está tudo bem — Aren forçou um sorriso. Em outras circunstâncias, ele teria

devolvido o prato para a cozinha e se recusado a pagar.

— Gostaria de sobremesa? — o garçom perguntou. — Temos os bem conceituados pelas nossas

maravilhosas sobremesas. Eu recomendo nossa mousse de caramelo salgado.

— Mousse salgado? — Aren repetiu. Aparentemente o *chef* tinha um caso amoroso com o

saleiro. Francamente, ele já experimentara tudo o que podia. Algo doce não iria redimir o

restaurante. E Aren já bebera uma taça de vinho e dois copos de água em um esforço para

eliminar o gosto desagradável de sua boca.

— Eu gostaria — Josie se voluntariou, entusiasmada demais na opinião dele.

— Vou experimentar a mousse dela — disse Aren.

Sua irmã pediu a mousse e, para ser justo, Aren experimentou-a e não estava tão ruim. Ele já

tinha provado outras que podiam ser com paráveis a essa, mas o *chef* exagerara muito no sal, o que poderia ser perigoso para a saúde de clientes que têm pressão alta ou que fazem dieta com

pouca ingestão de sal. O cardápio deveria alertar para isso, e Aren já planejava mencionar tal

problema em sua resenha.

— Aren não gostou do jantar — Will respondeu.

— Você não sabe.

Goodness era muito otimista. Até mesmo o Mercy podia ver que Aren não mencionava em seus

que um pequeno pedaço do peixe. E tinha feito um careta com o se tivesse mordido um limão e

mal degustara as outras comidas no final das contas. O prato voltara à cozinha praticamente

intacto.

— A irmã dele com eu tudo.

Uma suspeita tomou a forma na cabeça de Mercy. Cada um de seus amigos tinha

desaparecido por curtos períodos de tempo. Será que... Era possível...? Não, certamente eles não

iriam interferir na comida.

— Não deveria ter acontecido isso — Will estava mais do que pouco chateado e continuou a

esfregar as palmas juntas enquanto refletia sobre a situação.

— Will, você sumiu por alguns instantes logo depois que Aren pediu o linguado.

— Hum m , sim .

— Pode m e dizer aonde foi?

— Ah...

— Você visitou a cozinha, não foi?

— Ah...

Não precisava nem confirmar: foi exatamente isso que Will tinha feito.

— Você, por acaso, não adicionou um pouco de sal no molho à base de molho antigo, adicionou?

Will encolheu os ombros e depois, de forma relutante, admitiu tê-lo feito.

— Talvez um pouco, mas foram só algumas pitadas. Minha intenção era apenas intensificar os

sabores naturais.

— Você adicionou sal? — gritou Shirley , agitando as mãos no ar. — Com o quê fazer isso?

— Eu estava apenas tentando ajudar — Will balbuciou.

— Tem o que Will não tenha sido o único — Goodness confessou. — Eu adicionei um pouco a

massas de limão.

Quase receosa de perguntar, Mercy olhou para Shirley .

— Ao ver aquele condimento vermelho, pensei em deixar o prato um pouco mais agradável

— a antiga Anjo da Guarda admitiu. — E, enquanto estive lá, posso ter misturado um pouco aqui

e ali.

— Ah, não — os ombros de Mercy afundaram. A situação era ainda pior do que ela havia

imaginado.

— E você? — Will quis saber.

Mercy soltou o ar lentamente e admitiu que também havia participado disso:

— Culpada de fato.

— Nós todos adicionamos os condimentos extras àquele maravilhoso olho — Will cometeu a

retorcer as mãos. — Arruinamos tudo. Agora não terá outra escolha senão escrever uma resenha

negativa. As pessoas irão lê-la, e não será apenas a versão impressa. A resenha

disponibilizada *on-line* e logo circulará por toda parte na internet.

— Lucie e a mãe ficarão arrasadas — Goodness lamentou. — O negócio delas irá afundar. As

economias que Wendy guardou por toda a vida desaparecerão pouco a pouco, e as duas

perderão tudo. Elas não conseguirão pagar as contas e vão acabar morando nas ruas,

desabrigadas e sozinhas, e a culpa será minha.

— E minha — Shirley choramingou.

— Nós arruinamos as vidas delas — Goodness estava quase indo às lágrimas.

Mercy acenou com os braços, silenciando os amigos:

— Tem preocupações maiores do que o que acontecerá com Lucie e a mãe dela.

— Você quer dizer que tem mais coisa? — Will preocupou-se.

— Quer dizer que as coisas vão ficar pior?

Com profunda tristeza, Mercy acenou com a cabeça.

— Muito pior.

Goodness ficou boquiaberta.

— O que mais poderia acontecer?

Mercy não se conteve.

— Gabriel descobrirá o que fizeram os.

As duas amigas dela e Will ofegaram de pavor.

— Desta vez nós aprontamos pra valer. Mover alguns porta-aviões de lugar não é nada se

comparado com a sabotagem no olho de Lucie.

— Tenho certeza de que este é o nosso fim — Shirley choramingou.

— Eu ouvi algum de vocês mencionarem meu nome? — De repente, Gabriel apareceu diante

deles. E nunca tinha se mostrado tão intimidador ou inacessível. Os enormes braços estavam

cruzados sobre o peito e seu olhar era de desaprovação.

Will correu até o lado de Mercy. Shirley e Goodness juntaram-se ao lado dos dois de forma

que os quatro ficassem praticamente invisíveis.

— O que aconteceu aqui? — ele exigiu saber. Ninguém respondeu. — Eu lhes fiz uma



pergunta — a voz dele parecia ressoar e ricochetear pelo restaurante. Era um milagre nenhum

hum ano ouvi-lo, em bora as paredes parecessem ceder com o poder daquelas palavras.

— Nós tentam os ajudar Lucie a impressionar Aren — a voz de Mercy soou com o se ela

tivesse sido jogada em um poço profundo. Ela ecoou em seus ouvidos num tom agudo e

metálico.

— Adicionando sal, limão e pimenta-caiena ao molho e um pouco de manteiga extra às

batatas?

Então ele já sabia.

— Tem o que sim .

— O que podem os fazer para consertar isso? — Will perguntou. O precioso garoto estava

realmente preocupado.

— É tarde demais para consertar. Aren escreverá uma resenha nem um pouco favorável —

Gabriel falou em um tom crítico.

— E isso afetará o negócio delas?

— Terá o potencial de destruir o restaurante. A *Gazeta de Nova York* é capaz de provocar isso,

você sabem .

— Ah, não — Goodness lambeu entou. Ela tinha um coração tão sensível. Mercy

sabia que sua

amiga nunca se perdoaria caso Lucie e a mãe perdessem o restaurante por causa do que eles

havam feito.

— Nós estavam os apenas tentando ajudar — disse Shirley . — Por favor, diga que nós

poderem os voltar atrás e desfazer o que acabou de acontecer.

A tristeza lhe ardeu os olhos de Gabriel.

— Você sabe que não podem .

— Mas no céu...

— Esta é a Terra, e nós somos os envolvidos pelas fraquezas de um mundo arruinado. Não existe

um botão de desfazer, nem tecla de apagar. A vida é assim .

— O que vai acontecer? — Mercy apelou. Gabriel tinha o dom de olhar para o futuro,

habilidade que, infelizmente, eles não possuíam .

Infeliz, Gabriel balançou a cabeça.

— Acho que talvez seja melhor esperar e deixar vocês descobrirem por si mesmos. Os quatro

quebraram uma das regras primordiais dos Embaixadores da Oração.

— Nós interferimos para ajudar — Goodness confessou.

— Nosso papel é guiar.

— Nós temos uma diretriz sem interferências.

— Agora vocês verão o que acontece quando um anjo se excede ao ajudar humanos.

— Mas nossas intenções eram boas.

— Intenções — Gabriel repetiu. — Intenções, meus jovens, são pavimentadas ao longo da estrada

da morte.

— Mas...

— Isso será uma lição dolorosa para todos vocês.

Mercy receou o que certamente viria a acontecer.

— Nós estamos os banidos da Terra, não estamos os? — Eles nunca mais teriam permissão de

visitar humanos. Poderiam até perder o *status* de Embaixadores da Oração e terem as asas

retiradas. Essa possibilidade era mais do que ela conseguiria suportar.

O olhar de Gabriel concentrou-se nos quatro.

— Vocês aprenderam a lição?

Os quatro acenaram simultaneamente com a cabeça.

— Vocês prometem não interferir outra vez nos assuntos humanos?

— Eu prometo — Will respondeu. — Nunca mais adicionarei sal em outro prato enquanto servir ao Senhor.

— Shirley, Goodness e Mercy — Gabriel virou-se para as três. — Vocês sabem bem.

Elas inclinaram a cabeça, e as asas se curvaram tanto que as pontas se encostaram no chão.

— E quanto a Aren e Lucie? — Mercy sentiu a necessidade de saber com o agirdo m elhor

m odo para ajudar esses dois... isto é, guiá-los. Com o ela e seus colegas eram responsáveis por

atrapalhar o plano de Deus, o m ínim o que podiam fazer era, se possível, consertar as coisas.

— Ah, sim — Gabriel refletiu em voz alta. — Aren e Lucie. Bem , m eus amigos, nós terem os

que esperar e ver o que acontecerá a seguir.



## Capítulo 6

Revoltada com a resenha do Encantos Divinos publicada na *Gazeta de Nova York*, Lucie

am assou o jornal e, em seguida, pisoteou-o. Ela já lera a resenha diversas vezes, procurando por

um vislumbre de algo positivo, qualquer coisa considerada construtiva, mas não havia nada.

Sequer uma única palavra animadora. O restaurante fora criticado por Eaton Well. A resenha

mostrava-se severa, sarcástica, e isso apenas no primeiro parágrafo. Depois, ela piorava. Era um

desastre com potencial de arruiná-las.

— Querida, você está lendo isso outra vez? — a mãe dela perguntou.

Lucie pisou com força no jornal todo amassado e moveu os pés para a

frente e para trás,

com o se estivesse apagando um toco de cigarro. Era isto que gostaria de fazer com o resenhista:

pisoteá-lo com o se fosse um a barata. Ele ou ela era um parasita. Um inseto que precisava ser

exterminado. Eaton Well fora totalmente injusto caçoando da com ida dela, depreciando seu

talento e chegando até a sugerir que ela desistisse da cozinha.

— Lucie, Lucie, querida, deixe pra lá — Wendy colocou a mão no braço da filha, com o se

quisesse contê-la. — Não permita que esse artigo ridículo a chateie tanto.

A mãe permitiu relaxada e calma, o que só servia para enfurecer Lucie ainda mais.

Aparentemente, sua mãe otimista, de bom coração, não compreendia as consequências que tal

resenha talvez trouxesse ao restaurante. Poderia ser o começo do fim .

Wendy parecia tolerar essa horrorosa resenha, ao passo que Lucie estava em ponto de

ebulição, afinal, ela era a principal parte da resenha escrita.

— Você está levando isso muito a sério — Wendy a alertou.

Lucie olhou fixamente para a mãe. Wendy sempre fora a otimista da família, aquela que

sempre encontrava algo positivo em qualquer situação. Quando tinha lido a resenha pela primeira

vez, Wendy sugerira que o resenhista poderia ter enfrentado um dia ruim . O pobre repórter

estava provavelmente apressado, sem tempo de apreciar sua refeição.

— Você não entende que uma resenha com o essa pode nos arruinar? — Se Lucie tivesse dito

isso apenas uma vez... Mas ela repetira dez vezes, e aparentemente as palavras ainda precisavam

entrar na cabeça de sua mãe.

— Talvez, mas particularmente não acredito que precisamos nos preocupar — Wendy

despejou o chá quente na xícara e assoprou o vapor que saía do líquido antes de dar um gole. —

Ainda não tivemos redução de reservas, tivemos os?

— E com o poderíamos os? — Lucie a repreendeu. — A resenha saiu há menos de 24 horas. Mãe,

você não entende? Os leitores consultam essas resenhas de restaurantes. Mesmo que consigam os

sobreviver, ela pode nos fazer regredir por anos. — Lucie não queria parecer negativa, mas uma

delas precisava ser realista. Ser objeto de uma resenha não era pouca coisa. Com literalmente milhares de restaurantes à escolha dele, ter Eaton Well juntando em seu estabelecimento

significava que o Encantos Divinos havia provocado certo alvoroço. O suficiente para chamar a

atenção da *Gazeta*.

Ainda assim, com o o resenhista ousara criticar o olho dela? Lucie tinha dado duro naquela

receita e a iguaria poderia ser equiparada à de qualquer *chef* do ramo.

Wendy perm aneceu inabalável.

— Lucie, você se preocupa demais. Nós temos um grande número de clientes fiéis.

— Você não entende? Você não leu o artigo? — Lucie não precisava recuperar a página

impressa. Após ler o pior que havia nela por várias vezes, já me orizara os comentários:

*“Encantos Divinos é tudo de menos. Se você sofre de pressão alta, tome cuidado, pois a chef tem uma mão pesada com limão e sal. Tanto sal, que ela deve ter drenado o Mar Morto no molho à*

*base de manteiga... É sério, seja lá quem for que estiver na cozinha, precisa voltar para a escola de culinária ou abandonar o ofício de vez”*. Lucie estava chateada demais para continuar.

— Eu concordo que esse comentário não foi nem um pouco agradável.

— Foi um esforço desesperado para soar inteligente e genial à minha custa — Lucie ficava

inquieta toda vez que pensava naquelas observações sarcásticas.

— Eu não acho que você deveria levar isso para o lado pessoal, Lucie.

— Não levar para o lado pessoal? Com o que você pode dizer isso? Definitivamente se tornou algo

pessoal. É um ataque à minha credibilidade. O resenhista pode ter sugerido que também sou

desqualificada. Pense nisso, pois isto está no artigo também — Lucie esforçou-se para conter a

indignação. Era brincadeira! Eaton Well não sabia nada a respeito dela, nem necessitava

escrever a resenha dele ou dela. O crítico gastronômico sequer imaginava os sacrifícios que ela

fizera a fim de frequentar a escola de culinária ou de com o ela havia trabalhado durante noites e

fins de semana até ficar extremamente exausta, a ponto de não conseguir pensar. Na opinião

dela, esse crítico fora muito piedoso e injusto.

Sua mãe continuou a beber o chá, colocando a xícara cuidadosamente de volta ao pires.

— Responda-me uma coisa: quando foi a última vez que você tirou uma noite de folga?

Lucie afundou-se na cadeira.

— Você está sugerindo que estou tão sobrecarregada que eu...

— Não estou dizendo nada disso. Apenas estou sugerindo que você precisa dar um passo para

trás, respirar fundo e relaxar. Uma única resenha ruim não irá nos destruir.

Lucie gostaria de acreditar nisso. Era óbvio que sua mãe não tinha a menor ideia da seriedade

da situação. Até recentemente, Wendy não fazia parte do mundo da culinária. A mãe de Lucie

não compreendia que essas resenhas poderiam ter uma incrível influência.

O telefone tocou, e Wendy apoiou-se sobre o balcão da cozinha e o agarrou.

Lucie ouviu apenas metade da conversa. Não levou muito tempo para reconhecer que a

pessoa do outro lado da linha era uma amiga de sua mãe ligando a fim de se solidarizar.



— Não estou nem um pouco preocupada — Wendy insistiu. — Eu conheço minha filha.

Qualquer um que já tenha experimentado a comida de Lucie reconhece que ela é uma *chef* altamente qualificada. Minha filha sabe como se virar na cozinha. Não, não, não vamos os entrar

com processo contra o jornal. Representa a opinião de uma pessoa. A maioria prefere julgar um

restaurante por si só. Foi uma infelicidade ele ou ela ter passado por uma experiência ruim, mas

não podem os satisfazer a todos o tempo todo.

Ela tinha razão, notou Lucie. Ainda assim, ela teria preferido que esse repórter elogiasse

infinidamente a sua culinária em vez de reprová-la de várias formas.

Wendy mal tinha desligado o telefone quando ele voltou a tocar.

— Ah, oi, Juliana. Sim, é claro que vim os. Não, não estou preocupada. Obrigada. Direi a

Lucie. Sério? — Após alguns instantes de silêncio, a mãe endireitou o corpo na cadeira e fixou o

olhar na filha. Lucie não conseguiu esconder que notara o modo como os olhos da mãe

brilharam. — É claro que contarei a ela. Isso é maravilhoso. Muito obrigada, Juliana. Você fez o

meu dia — agradeceu Wendy, desligando o telefone com um enorme sorriso no rosto.

— O que a Juliana disse? — Lucie não conseguiu conter a curiosidade frente à mudança de

postura da mãe.

— Ela entrou no site do jornal. Afinal, sempre alcançou a tecnologia. Toda essa tecnologia

de mídia social está fora do meu alcance.

— E? — Lucie pressionou.

— Bem, aparentemente várias pessoas se ressentiram com a resenha e deixaram comentários.

— Sério? Várias pessoas? Ela disse quantas?

Wendy acenou com a cabeça.

— Ela disse que você deveria entrar lá e verificar, pois ficaria impressionada. Se não me

engano, Juliana disse que já há trezentos comentários, todos discordando da resenha.

— Trezentos — Lucie sentiu vontade de sair dançando pela sala.

— E nem um deles é nosso parente — Wendy vangloriou-se.

Lucie sentou-se à mesa na mesma hora, instalada no canto da aconchegante sala de estar.

Sammy, que sentiu algo errado, veio andando e sentou-se no chão, próximo à sua dona,

repousando o queixo em um dos pés dela com o que quisesse confortá-la.

Lucie ligou o computador, conectou-se à internet e acessou a página do jornal. Com o era de se

esperar, a resenha do Encantos Divinos dominava os comentários direcionados ao jornal. Lucie

mal conseguia acreditar no que lia. Ela cobriu a boca com a mão enquanto lia

com entário após

com entário elogioso ao restaurante. Várias pessoas m encionaram os pratos que eram m arca

registrada de Lucie, e quase todas elogiaram m uitíssim o as sobrem esas. Wendy tinha razão. Seus

clientes leais não haviam perm anecido em silêncio. Não era nem m eio-dia e os com entários j á

passavam de trezentos.

— Bem feito, Eaton Well — Lucie m urm urou, abrindo um sorriso incontrolável.

— O que eu disse para você? — Wendy perguntou, cam inhando até o lado da filha. — Não

tem os que nos preocupar com nada.

Era nisso que Lucie m ais queria acreditar.

Um a notificação da gerente editorial não era incom um , e foi esse o m odo com o a m ensagem chegou até Aren: deveria dar um a passada na m esa da editora *assim que pudesse*.

Sandy Markus j á trabalhava no j ornal há quase trinta anos. Ela era *expert*, não fazia

cerim ônias e nem ficava tím ida em com partilhar um a opinião. A m ulher tinha coragem e nervos

de aço — am bos necessários para chegar à posição que um dia foi considerada parte do universo

m asculino. Sandy não havia apenas quebrado um paradigma; ela aj udara a criar um novo. Aren

respeitava sua chefe e gostava dela, em bora tivesse o poder de intim idá-lo.

Quando Aren apareceu à porta do escritório de Sandy , ela olhou para cima e gesticulou para

que ele entrasse, dizendo:

— Feche a porta.

Aren, de forma relutante, acatou o pedido dela. Quando Sandy queria a porta fechada,

geralmente era notícia ruim .

Aren sentiu um frio na barriga.

A gerente editorial continuou a se concentrar na tela de seu computador.

— Sente-se — ela pediu. Sandy não tinha o estereótipo de jornalista. Ela era alta e magra, e

arrumava o cabelo curto e crespo com o dedo até que ele ficasse liso na ponta. Com 60 e poucos

anos, seu rosto tinha suportado bem a passagem do tempo.

— Algum problema? — Aren perguntou. Até onde sabia, seu trabalho tinha sido mais do que

satisfatório.

No entanto, Aren não esperava que Sandy elogiasse seu texto. Ela fora bem clara ao afirmar

que os artigos deveriam ser de primeira. Se não fossem , ele poderia procurar emprego em outro

lugar.

Aren sentou-se.

— O que é isso? — ele odiava ser repreendido quando não imaginava o que havia feito de

errado.

— Encantos Divinos — ela balbuciou, desviando o olhar do monitor de forma relutante. Então

retirou os óculos e uma grande franzida de testa desfigurou-lhe a sobrancelha enquanto ela o

analisava. — Você escreveu a resenha do restaurante, certo?

— Escrevi — Aren recolheu-se. A comida fora uma das suas piores experiências. Até onde ele

sabia, seja lá quem havia cozinhado tinha muito a aprender. O prato de frango atendeu às

expectativas, mas não demonstrava nenhuma especialidade. No verdadeiro teste, o linguado e o

um olho, a *chef* tinha fracassado de maneira lastimável.

— Você foi rigoroso demais nas suas anotações.

Rigoroso não era a palavra que ele usaria.

— Eu fui honesto.

Do outro lado da mesa, Sandy voltou a olhar na direção dele.

— Aparentemente a sua resenha provocou um baita alvoroço.

Ele riu.

— Ah, é? — Ele não conseguia imaginar o porquê, exceto o motivo óbvio de que o restaurante precisava de um novo *chef*.

— Pelo visto você não deu uma olhada no site ou na página do Facebook? Há centenas de

respostas à sua resenha nos dois sites. Os leitores estão defendendo o restaurante, a comida e a

*chef*. Eles até elogiaram a cor das paredes do recinto.

Aren fez um a careta. Aquele com entário resultava de um a linha que ele escrevera sobre o

efeito calm ante do interior do local. Os proprietários tinham escolhido um tom aconchegante de

cinza com realces em preto. Aren talvez tivesse passado um pouco dos lim ites quando insinuou

que o interior, em bora reconfortante e convidativo, não fora suficiente para distraí-lo da pouca

qualidade da com ida. A observação estava carregada de sarcasm o; agora ele desej ava ter agido

de m odo m ais criterioso.

— Nem todos concordarão com igo — ele se sentiu obrigado a fazer sua editora se recordar.

— Eu apoio. Não estão os concorrendo em um a com petição de popularidade com essas

resenhas de restaurantes. No entanto, quando *trezentas* pessoas arrum am tem po para escrever e contradizer as suas constatações, eu m e endireito na cadeira e observo.

— Trezentas? — Aren endireitou os om bros. — Eu pedi o linguado...

— Eu sei o que você pediu — ela o interrom peu. — Escreveu detalhadam ente um a boa parte

da sua resenha sobre ele. — Sim , ela estava certa. — Olhe para isso — Sandy virou o m onitor de

form a que Aren pudesse ler alguns dos com entários deixados no site. Quando ele não conseguia

enxergá-los, Sandy lia em voz alta: — Meu nome é Bill Wheeler e viajei por todos os cantos do

mundo. Um dos meus pratos de fruto do mar prediletos é o linguado servido com um olho à base

de mar anteiga. Pedi linguado em Londres, Paris e em outros lugares. E o melhor, o melhor de

todos que eu já provei, é servido no Encantos Divinos — as três últimas palavras foram

pronunciadas lenta e precisam estar, com o se ela estivesse lendo para uma criança.

— Trezentos com entários — Arem um urrou, prendendo a respiração.

— Aparentemente o Sr. Wheeler gostou do prato.

— Aparentemente, sim. O meu não tinha a menor condição de ser apreciado. Um saleiro

inteiro deve ter caído naquele olho, junto com limão para conservar o arenque, sem mencionar

o sabor evidente de pimenta-caiena. Não havia como salvar o olho ou o peixe.

— Algumas pessoas discordarão das resenhas de um crítico gastronômico.

— Compreendo isso.

— Mas trezentas? Isso significa, pelo menos para mim, que você não está cumprindo sua

função.

— Não é verdade — Arem receou ter de se juntar à categoria dos desempregados. — O que

você gostaria que eu fizesse? — ele perguntou, temendo que ela o demitisse.

— O que eu gostaria — Sandy disse, com a voz elevada a ponto de a janela do escritório vibrar

— é que você voltasse a comer no Encantos Divinos. Claramente a *chef* tinha tirado folga

naquela noite.

— Claramente — Aren esforçou-se para evitar o tom de sarcasmo na voz.

— Se centenas de clientes correram para defender a *chef*, então acredito que uma segunda

resenha deva ser feita.

— Tudo bem — respondeu Aren, em bora não sentisse qualquer vontade de repetir a

experiência naquele local.

— E faça isso logo.

— Considere seu pedido cum prido. No entanto...

— Sim ? — Sandy já tinha voltado sua atenção à tela do computador. Seu olhar voltou a Aren.

— Eu fiz uma resenha honesta. Estou disposto a dar uma segunda chance ao Encantos Divinos,

mas, se a comida tiver uma esma pouca qualidade, não mudarei minha opinião

independentemente da quantidade de pessoas que discordarem de mim.

— Justo — Sandy disse. Então, como se tivesse pensado duas vezes, ela perguntou: — Alguém

foi com você quando com eu lá pela primeira vez?

— Minha irmã.



— E qual foi a opinião dela?

Aren soltou o ar e franziu a testa.

— Na verdade, ela ficou im pressionada. O prato de frango, segundo ela, estava delicioso.

— Então foi apenas você que achou a comida abaixo da média.

— Aparentemente.

Sandy voltou a se concentrar no teclado enquanto antes de Aren sair do escritório. Retornando à

sua mesa, ele pegou o celular e mandou uma mensagem de texto para a irmã.

*Vou dar uma segunda chance ao Encantos Divinos. Vamos?*

A resposta dela veio poucos segundos depois: *Quando?*

*Hoje à noite?*

*Amanhã?*

*OK, amanhã.*

*Posso encontrar você lá?*

*Sem problema.*

*Que horas?*

*19h, a menos que eu não consiga.*

Aren ligou para o restaurante e descobriu, para seu descontentamento, que a única reserva

disponível era para 17h30. Ele enviou outra mensagem de texto à irmã.

Ela respondeu: *Farei o possível para chegar a tempo. Posso atrasar alguns minutos.*

*Sem problema.*

Aren chegou ao Encantos Divinos cinco minutos antes do horário da reserva. Sua irmã lhe

enviou um e-mail mensagem dizendo que chegaria em dez minutos e pediu que ele já estivesse lá

mesa.

*Chego aí já, já.*

A mesma senhora elegante que tinha sido a recepcionista na primeira visita o conduziu até a

mesa.

— O senhor está de volta — ela abriu um sorriso para ele. Então, abaixando o tom de voz,

acrescentou: — Estou feliz porque aquela desagradável resenha não o levou a mudar de ideia

sobre nossa comida.

Aren fingiu um sorriso.

Ela o conduziu até a mesa que ficava próxima à cozinha. Ele sentiu-se obrigado a admitir que

os aromas vindos do outro ambiente o instigaram.

Talvez ele tivesse exagerado em sua crítica. Bem, logo descobriria.



## Capítulo 7

Ocupada na cozinha do Encantos Divinos, Lucie fez uma pausa, certa de que

tinha ouvido o

som de sinos tilintantes. A música abafada estava baixa e discreta, porém a suave campainha

podia ser ouvida mais intensamente do que ela. Sinos? Alguém estava tocando sinos no

restaurante, e, embora isso parecesse bem estranho, a melodia a fez se recordar de uma de suas

músicas de Natal favoritas: *Jingle bells*.

Olhando para fora da cozinha, pensando que talvez pudesse encontrar a fonte de tal som, Lucie

localizou alguém que se parecia com ... Aren.

Seu cérebro levou um instante até processar o fato de que o homem sentado à mesa, lendo o

cardápio, era realmente Aren Fairchild. Na mesma hora, seu coração começou a acelerar em

ritmo dobrado. Aren estava ali... no restaurante dela? Então engoliu em seco com dificuldade,

ponderando o que fazer... se é que deveria fazer algo. Já se passara quase um ano. Ela mal

saberia o que dizer a ele. Com o que poderia explicar-lhe o que acontecera?

Mark, o *maître*, entrou na cozinha e Lucie o agarrou pelo braço.

— Traga a minha mãe até aqui.

Ele olhou fixamente para Lucie e seus olhos arregalaram-se.

— Agora? Está tudo bem?

— Sim, acho que sim ... Só traga a minha mãe logo. — Ela juntou as mãos

firm em ente e ficou

grata pela calm aria que reinava na cozinha. Era cedo, eles tinham acabado de abrir para o

j antar, m as logo os pedidos com eçariam a chegar aos m ontes.

— Você tem certeza de que está tudo bem ? — Mark franziu a testa, preocupado.

Lucie j á havia com eçado a trem er.

— Sim ... É claro.

Menos de um m inuto depois, Wendy correu até a cozinha.

— Lucie, o que há de errado? — ela esticou-se para pegar na m ão trêm ula da filha.

— Ele está aqui... no restaurante — afirm ou, m as sua m ãe parecia desatenta ao que ela queria

dizer.

— Quem está aqui, querida?

— Aren. Aren do Em pire State Building.

— Aren — Wendy repetiu lentam ente e seus olhos arregalaram -se. — Aquele Aren?

Mordendo o lábio inferior, Lucie fez que sim com a cabeça.

— E ele está sozinho.

— Está decidico. Você vem com igo.

— Mãe...

Era tarde dem ais. Sua m ãe a pegou pela m anga do avental de *chef* e arrastou-a pelas portas

vaivém da cozinha. Lucie sabia, desde o momento em que Aren a viu, que a reação dele foi

semelhante à sua própria. O pãozinho quente que ele segurava caiu no prato e ele lentamente

ficou de pé.

— Lucie? — o nome dela saiu com o um filete de som, com o se Aren não conseguisse

acreditar no que via.

— Olá, Aren — além do cumprimento, ela não conseguia pensar em uma única coisa. A

sensação era de que sua língua tinha crescido duas vezes de tamanho, preenchendo-lhe a boca

inteira e tornando inviável seu discurso.

— Sou a mãe de Lucie, Wendy Ferrara. — A mãe dela deu um passo à frente e apertou a

mão de Aren aninhando-a entre as suas, com o se estivesse conhecendo um deus grego. Então,

olhou-o fixamente, com o paralisada, estudando seus traços talvez na tentativa de memorizá-los.

O olhar de Aren não desviava de Lucie. Aparentemente ele ficara paralisado com a mesma

doença, pois também não parecia inclinado a falar algo.

— Você... Você foi até lá? — Lucie não precisava explicar o que queria dizer com a pergunta.

Aren sabia.

Ele interrompeu o contato visual e desviou o olhar antes de confirmar com a

cabeça.

Lucie sentiu-se péssima por tê-lo deixado esperando-a no frio, acreditando que ela preferia

não vê-lo novamente. Ela teria dado tudo para sobreviver à sua própria versão de *Sintonia de*

*Amor*, mas aparentemente não era para ser.

— Você esperou muito tempo?

— Algum tempo — ele deu de ombros como se não representasse nada. — Saí assim que

percebi que você não viria.

Lucie percebeu que ele não mencionou o período de tempo que permanecera no frio e no

vento. Ela se lembrou de que chovera naquele dia e odiava pensar nele lá fora, sofrendo com os

fenômenos atmosféricos. Mas tinha esperança de que ele não tivesse pegado toda aquela

friagem. Lucie queria perguntar, mas não conseguiu.

— Perdoe-me — ela sussurrou, sentindo-se culpada. Ainda assim, resistindo a todas as forças

impossíveis, eles tinham se reencontrado e agora não tiravam os olhos um do outro.

— Dê a ele o seu número de telefone — sua mãe recomendou, cutucando Lucie de lado com

o cotovelo. — Deixe pra lá, eu faço isso. O jantar é por nossa conta. Peça o que você quiser.

Aren novamente interrompeu o contato visual.

— Não posso deixá-las fazer isso.

— Por favor — Lucie com plem entou. — É o m ínim o que posso fazer.

Naquele m om ento, um a adorável m ulher cam inhou até a m esa.

— Parece que estam os festej ando. Desculpe, eu m e atrasei.

O coração de Lucie desabou. Ela pensara que Aren estava j antando sozinho. Que tola. Com o

foi ingênua ao im aginar que ele sentira a falta dela com o ela sentira a dele. Era evidente que

Aren tinha conhecido outra pessoa. Enquanto Lucie usava seu uniform e de cozinheira e m antinha

o cabelo preso com um a rede, a outra m ulher era estonteante em cada sentido da palavra.

— Ah — Lucie recuou um passo antes que Aren falasse.

— Lucie, esta é a m inha irm ã, Josie.

*Irmã?* Lucie lem brou-se de que Aren tinha com entado sobre a irm ã. Inclusive, estava

m orando com ela naquela época.

— Lucie? — Josie perguntou, concentrando-se nela. — Aquela Lucie?

— Sim .

Lucie percebeu que ele não falou nada além do “sim ”. Aparentem ente, Josie sabia tudo sobre

ela.

Sem pre atuando com o prom otori, Wendy entregou um cartão de visita a Aren.

— Eu anotei o núm ero do celular de Lucie na parte de trás. E, m eu j ovem , tem

algo que você

deve saber...

— Mãe... — Lucie colocou um a mão no braço da mãe para contê-la.

Aren aceitou o cartão e o colocou sobre o tampo da mesa.

Lucie hesitou. Ela deveria voltar à cozinha.

— Boa refeição para vocês — ela disse, recuando, dando um pequeno passo de cada vez.

Então m ordeu a língua para evitar dizer a Aren que gostaria muito de ouvir o que ele tinha a

dizer. A decisão de falar com ela pertencia a ele. Agora seria ela que ficaria esperando e

pensando.

Aren dirigiu-se à Wendy e soou bem inflexível:

— Ouça, eu aprecio a oferta, mas faço questão de pagar por nossa refeição.

— Discutiremos sobre isso mais tarde.

Embora já estivesse na cozinha, Lucie conseguiu ouvir por acaso a conversa.

— Eu insisto, Wendy. Pagarei por nossa refeição ou Josie e eu iremos embora.

Lucie ouviu a mãe concordar de forma relutante. Quase na mesma hora, os pedidos

começaram a surgir e logo Lucie já se preocupava com a cozinha e a preparação dos pratos.

Depois de alguns minutos, ela estava tão ocupada que conseguiu esquecer que Aren se sentava a

apenas alguns metros dela.



Quando Lucie teve a chance de olhar para fora da cozinha, ela viu outra dupla sentada à mesa

onde Aren e sua irmã tinham já tomado mais cedo.

Aren fora embora.

Wendy certificou-se de que Aren pegou o número do celular de Lucie, e ela teria que ficar

pensando nele, esperançosa de que fosse ligar. Já passava das 23h e Lucie não tinha terminado de

limpar a cozinha. Sua mãe já juntou-se a ela e levou para as duas uma xícara de café descafeinado.

— Eu entendo você — Wendy disse, levando a xícara até os lábios. — O seu Aren é muito

agradável aos olhos.

— Ele não é o meu Aren — ela reagiu e, em seguida, completou: — Você acha mesmo?

No rosto de sua mãe, um sorriso tremulou, e ela não fez questão de escondê-lo.

— Eu queria que você visse o seu olhar quando você o ouviu dizer que esteve esperando-a.

— Todos esses meses. Ah, mãe, eu me sinto péssima.

— Você queria encontrá-lo. Por que não me deixou contar a ele o que aconteceu e que você

estava procurando de encontrá-lo quando ligaram do hospital?

Lucie não sabia bem.

— Não era a hora certa. Resolvi que simplesmente não era para ser.

— E o que você acha agora?

Lucie tem ia revelar o quanto se sentia feliz por encontrar Aren. Em bora tivesse trabalhado

duro em seu turno, ela não estava cansada. Na verdade, tinha certeza de que enfrentaria

problem as para conseguir dorm ir. Sua cabeça e seu coração estavam tom ados pela esperança de

restabelecer contato com o hom em que a deixara nas nuvens na noite de Ano-novo.

— Você acha que ele ligará? — ela perguntou à m ãe.

Wendy abaixou o olhar na direção do café.

— É triste dizer, m as não.

O coração de Lucie desabou de decepção.

— Ele não vai?

— Foi o que ele disse.

— Você falou com ele depois que voltei para a cozinha? — Lucie estivera m uito ocupada para

prestar atenção ao que tinha acontecido depois de seu encontro inicial.

— Detalhadam ente.

— Mãe! — Era típico de Wendy deixar um suspense com o esse.

— Às vezes eu fico m e perguntando sobre você, filha.

— Por quê? O que eu fiz agora?

Wendy balançou a cabeça.

— Bem , a princípio, você perguntou quanto tem po ele ficou esperando-a.

— Sim , fiquei pensando sobre isso... Quero dizer, é normal pensar se ele permaneceu muito

tempo ali. — Ele não poderia culpá-la por isso.

— Mas você não fez questão de lhe dizer que estava caminhando de encontrá-lo quando recebeu

a ligação do hospital.

— Eu sei... — Talvez tivesse sido um erro ficar em silêncio.

Entristecida, sua mãe balançou novamente a cabeça.

— Na verdade, você não disse uma única palavra para animá-lo.

Lucie sentiu um aperto no coração. Sua mãe tinha razão. Sentia-se horrorizada com seu

descuido.

— Percebi que ele não respondeu com sinceridade quanto tempo ficou me esperando.

— Mas ele também não deveria ter respondido. Pare para pensar, Lucie. Você o deixou na

mao e depois perguntou a ele para confirmar. — Ouvir a verdade dessa maneira fez com que ela

sentisse enjoo. — Você não acha que isso já foi duro demais para o ego dele, agravando-lhe o

sofrimento?

Sua mãe tinha razão. Lucie estragara sua oportunidade de estar com Arend formamagistral.

E não uma, mas duas vezes. Não foi à toa que ele deixara claro não ter intenção de voltar a

entrar em contato com ela. Com o tinha sido estúpida. Ao ouvir isso, percebendo com o fora

com pletam ente tola, sua vontade era de com eçar a chorar.

Deixando o café de lado, Lucie sentiu-se deprim ida.

— Então ele disse para você que não pretende voltar a falar com igo... nunca mais.

— Um hom em tem seu orgulho, Lucie.

— E eu consegui estragar tudo isso.

— Estragou — confirm ou sua mãe, antes de hesitar. — No entanto, Aren e eu conseguimos os ter

um a conversa prolongada.

Lucie ergueu a cabeça.

— O que ele disse?

— Bem , a verdade é que fui eu quem mais falou.

Ah, não, isso não parece nada agradável.

— Mãe, o que você disse a ele? — Lucie esperou, prendendo a respiração.

— Lucie Ann, não use esse tom de voz com igo. Eu simplesmente expliquei a ele que tudo o

que você mais queria era encontrá-lo no dia 7 de janeiro, mas recebeu a ligação do hospital. Eu

sou a culpada por fazê-la perder aquele encontro. Garanti a Aren que não sou intrometida, mas,

com o você não conseguiu encontrá-lo por minha causa, achei que era meu dever acertar as

coisas.

— O que ele respondeu? — Lucie inclinou-se tão próximo à sua mãe que correu o risco de cair

do banquinho.

— Bem, na mesma hora eu pude notar que Aren sentiu-se grato por descobrir a verdade. Ele

se animou imediatamente, assim como Josie, a irmã dele.

— Ele se animou? — Lucie franziu a testa. — Mas você disse que ele não pretendia me ligar

mesmo depois que lhe passou o meu número.

Sua mãe balançou a cabeça.

— Dê tempo ao homem, filha. Foi um surto no orgulho dele. Aren deixou comigo o número

do celular dele e disse que, se você ainda estivesse interessada, deveria ligar-lhe. Você vai ligar,

não vai?

Lucie não precisou de tempo para tomar sua decisão.

— Assim que acordar ligarei para ele.

— Perfeito.

Faminta por informação, Lucie vasculhou meus arquivos.

— Você e Aren conversaram sobre outras coisas?

Sua mãe hesitou.

— Bem, sim, e eu espero não ter dito nada errado. Conte-lhe que você procurava o nome dele

constantemente no jornal.

— Ah, mãe — Lucie lamentou-se por ela ter dito isso.

— Pude notar que ele ficou contente ao ouvir.

— Ficou? — Fazendo um retrospecto de tudo que acontecera, Aren merecia saber que Lucie

não o tinha esquecido. Todos os dias, em algum momento, ela pensava nele. Estiveram juntos por

apenas algumas horas, no entanto, Aren Fairchild deixara uma ótima impressão nela.

— Está pronta para voltarmos para casa? — sua mãe perguntou.

Lucie acenou com a cabeça.

— Aposto que você está cansada.

— Estou bem. Sem prego gostei de conhecer pessoas, mas, tenho que admitir, meus pés estão

doendo. — Retirando o sapato, Wendy esfregou os dedos doloridos.

— Conseguimos — Mercy disse, batendo as palmas das mãos nas de Goodness.

— Aren nem sequer notou por que Wendy o colocou sentado próximo à cozinha.

— Ainda que seja minha, foi uma ideia excelente — o peito de Shirley pareceu inflar-se o

dobro do tamanho.

Will não parecia convencido.

— Gabriel não chamaria isso de interferência terrestre?

— Sem chance — Shirley garantiu a ele. — Não chegou nem perto disso. Se você quiser falar

sobre interferência, então podem os discutir a hora em que Goodness assumiu o controle da

escada rolante da loja ou...

— Com o que você fez para que Lucie olhasse para fora da cozinha? — perguntou Will.

Mercy sentiu-se aliviada pela mudança de tópico. Ela respondeu erguendo as mangas da

comprida toga branca para mostrar uma série de pequenos sinos.

— Os sinos que Lucie ouviu? Eles vieram de você?

— Esse será nosso segredinho, certo? — Gabriel poderia não apreciar o truque dela... Um a

pequena mágica.

— Uau.

— É um dom — Goodness explicou, entrelaçando os dedos e erguendo a cabeça na direção do céu com os olhos fechados.

— Quer dizer, com o amor, esperança, misericórdia... Esse tipo de dom divino.

— Ah, não exatamente. — Eles estavam levando Will por um caminho tortuoso, o que deixou

Mercy desconfortável. — Na verdade, os sinos são um pequeno truque que aprendi há alguns

anos e que uso em raras ocasiões.

— Para chamar a atenção dos humanos — Shirley explicou. — Eu me lembro de uma vez

quando Goodness apareceu na igreja.

— Ela apareceu... em forma de anjo? — Essa era uma das primeiras lições que os anjos

aprendiam. Apenas era permitido àqueles com atribuições diretas de Deus aparecer sem

disfarce ou traços com o humano normal. Em todas as outras circunstâncias, eles deveriam

permanecer invisíveis ou assumir a forma humana.

— Era uma situação de emergência — Goodness esclareceu.

— Era necessário — Mercy apoiou —, senão Goodness nunca teria corrido o risco.

Will olhou para Goodness em busca de explicação.

— Eu apareci diante de um pastor que tinha perdido a esposa para o câncer.

— E, além da esposa, ele também perdeu sua fé — Shirley acrescentou.

Os olhos de Goodness brilharam.

— Eu queria que esse pobre e angustiado homem visse o amor de Deus. Então fiquei em

frente à igreja e, na plena glória da graça de Deus, abriminhas asas e deixei a luz brilhar.

Os olhos de Will arregalaram-se.

— O que aconteceu?

Mercy aproximou-se do amigo.

— Talvez devêssemos ver o que Aren Fairchild está fazendo agora, depois de ter encontrado



Lucie.

— Não, espere — Will insistiu. — Conte-me o que aconteceu com Goodness e o pastor. Você

tem que me contar.

Goodness suspirou, deixando os ombros e as asas abaixarem.

— Ele não me viu.

— Ele não a viu? — Will estava incrédulo. — Com o ele não conseguiu vê-la? A luz do amor de

Deus deveria tê-lo cegado.

— Ele estava muito envolvido em seu luto.

— Nossa — Will sussurrou, estupefato.

— Foi quando eu tive a ideia dos sinos — Mercy explicou. — É uma abordagem mais sutil.

Quanto mais tempo você passar lidando com humanos, mais você aprenderá que é necessário

ser sutil.

— Na maioria das vezes, a manipulação sutil funciona — Shirley acrescentou.

— Na maioria das vezes — Mercy concordou, mas acrescentou baixinho: —, mas não em

todas.

— Certo, vamos descobrir o que Aren está fazendo — disse Will.



## Capítulo 8

— Você não vai ligar para Lucie? — Josie quis saber, tom ando um gole do café em um copo

descartável enquanto se dirigiam à estação de metrô na manhã seguinte. —  
Você vai forçá-la a

te ligar?

Aren sabia que Josie não conseguiria entender o dilema em que ele estava. Bem,  
por outro

lado, talvez ela entendesse. Ele tinha orgulho, e isso sua irmã deveria entender.  
Afim de contas,

era o orgulho que a impedia de entrar em contato com Jack, embora  
Aren suspeitasse de

que a irmã ainda estava apaixonada pelo ex-noivo. Ela havia poupado informações do que

exatamente tinha dado errado, apesar de ele estar bem certo de que era algo  
relacionado ao

casamento. Uma discordância, provavelmente um motivo tolo, que rapidamente  
se acentuava de

intensidade. E, pelo que tudo indicava, se a ponto de os dois se  
convencerem, um ou o

outro, de que o casamento não era uma boa ideia no fim das contas. Além  
disso, parecia lógico

supor que continuar o relacionamento também não faria o menor sentido. Os  
nervos chegaram à

flor da pele com o casamento e agora Josie estava sozinha e infeliz. Bem, Aren  
e sua irmã

formavam uma boa dupla, um apoiando o outro no sofrimento.

O relacionamento dele com Lucie era complicado e ficava cada vez mais difícil. Tudo

parecera tão perfeito, até inocente, naquela véspera de Ano-novo. Agora, com ele trabalhando

para a *Gazeta* e Lucie como coproprietária do restaurante que ele resenhava, a possibilidade de Aren envolver-se nesse relacionamento tornou-se muito mais difícil.

— Só se ela for muito tonta para não telefonar.

Aren e a irmã sem pre foram muito próximos. Todas as manhãs caminhavam juntos até o

metrô. Ele encontrara um apartamento perto de Josie, e eles se encontravam para tomar café,

levando a bebida enquanto se dirigiam aos seus respectivos trabalhos.

— Talvez ela não seja tão tonta. — Aren passara a noite em claro rumando sobre a sua

situação. Por um lado, ele sentia arrependimento em relação ao Encantos Divinos. Trezentos

clientes não poderiam estar errados. O jantar estava um *encanto* e as sobremesas simplesmente *divinas*. A opinião dele sofreu uma reviravolta completa em relação à sua visita anterior. Dessa vez, o local tinha feito jus ao nome. Aren dissera à gerente editorial que pretendia escrever outra

resenha, e ele o faria. Além disso, o arrependimento não tinha relação alguma com seus

sentimentos pela *chef*.

— A propósito, existe alguma chance de você conseguir entradas para *Anjos no Natal*? —

perguntou Josie.

Naturalmente sua irmã se referia ao musical recente musical da Broadway . As entradas estavam

esgotadas com meses de antecedência. E, com o Natal se aproximando, era impossível encontrá-

las.

— Até parece.

— Bem , você pode conseguir. O jornal tem seus contatos, não? É só um a questão de conhecer

as pessoas certas.

Aren abafou o riso. Com o recém -contratado, ele tinha pouca chance de arrumar os ingressos.

Apenas deixara Josie sonhando. Aren gostava da companhia da irmã, mas, se ele fosse levar

alguém para assistir a um musical, essa pessoa seria Lucie, isto é, se ela quisesse voltar a vê-lo.

Após seu divórcio, Aren não voltara para o mundo das paqueras e notou que Josie também

não, em bora ela fosse rápida para encorajá-lo. No fundo, Aren imaginava que sua irmã

precisava vê-lo disposto a arriscar o coração novamente antes de ela se sentir confortável para

fazer o mesmo. Irmão e irmã formavam uma tremenda dupla problemática.

— Avise-me o que você descobrir — Josie murmurou enquanto ela caminhava até o seu trem .

— E, se você conseguir arrumar aquelas entradas, pergunte a Lucie se ela quer

ir.

Aren franziu a testa.

— Eu pensei que você quisesse ir.

— Eu irei um dia. Estava pensando que seria o tipo de convite que Lucie seria incapaz de

recusar. Ouvi que *Anjos no Natal* é um musical incrível.

— Não fique ansiosa demais, certo? — Ele odiava revelar seus pensamentos, e Lucie tinha

definitivamente pegado pesado com ele.

Josie acenou alegremente para ele e partiu.

Aren foi para outra plataforma a fim de pegar seu trem e, em seguida, caminhou os poucos

quarteirões até o prédio do jornal. Jogou a mochila na mesa e foi diretamente ao escritório de

Sandy .

A gerente editorial estava sentada à frente do computador e desviou o olhar da tela quando ele

bateu à porta. Olhando-o sobre os óculos pendurados na ponta do nariz, Sandy ergueu as mãos do

teclado e girou a cadeira.

— Você já antou no Encantos Divinos?

Ele fez que sim com a cabeça, enfiando as pontas dos dedos nos bolsos da calça jeans.

— E?

— Foi maravilhoso.

Ela arqueou as sobrancelhas com o se estivesse agradavelmente surpresa.

— Então você se arrependeu da resenha anterior.

Ele admitiu:

— Não sei explicar o que aconteceu na primeira visita. Minha irmã estava com fome e a refeição

dela parecia normal. A minha foi um desastre.

— Mas desta vez não?

— Não. O linguado estava fabuloso em todos os sentidos. — E de certa forma ele não esperava

que aquilo não tivesse nada a ver com os itens do cardápio.

— Bom. Escreva o seu texto e o publicaremos na edição desta noite. Ele deverá deixar os administradores do restaurante felizes — falou a editora, voltando sua atenção para a tela do

computador.

— Sandy — disse Aren, ainda em pé em frente à porta do escritório.

Ela olhou na direção dele, franzindo a testa de impaciência.

— Que foi?

— Não posso escrever a resenha.

— Por que não? — ela quis saber, claramente irritada.

— Encontrei a *chef* e eu a conheço.

— E isso influenciou a sua opinião?

— Não.

— Então escreva a resenha.

— É o que eu mais gostaria de fazer. No entanto...

Sandy tirou os óculos e o encarou.

— Qual é o seu problema, Fairchild?

— Eu quero namorar a *chef* — ele deixou escapar.

A editora franziu a testa e voltou a olhar para a tela do computador.

— Então namore. Ela não precisa saber que você é Eaton Well. — Aren ficou espantado.

Sem saber o que esperar de Lucie quando a verdade viesse à tona, a mente dele com eçou a

borbulhar de felicidade e expectativa. — Você ainda está aqui? — Sandy deixou escapar.

— Obrigado, Sandy, obrigado mesmo. Essa é uma ótima notícia — o coração de Aren estava

mais leve do que estivera em meses.

Quando a caminho da conversa com Sandy, Aren ficou imaginando o que ela diria sobre ele

querer namorar Lucie. Agora era como se o peso de dez caminhões basculantes tivesse sido

retirado de seus ombros.

Sandy olhou novamente na direção dele.

— Por que você ainda está aqui?

— Sem ... Sem motivo... Estou indo para a minha mesa escrever a melhor resenha de

restaurante que você já viu ser publicada.

— Então vá agora — ela resmungou rispida mente.

Aren mal tinha se sentado à frente do computador quando seu celular tocou. Distraído, olhou-o,

mas, não reconhecendo o número, deixou quem quer que estivesse do outro lado da linha falar

com a secretária eletrônica. Ele estava na metade de sua resenha, que literalmente parecia ser

escrita por si só, quando Norm Lockett passou por seu compartimento. Norm fazia as resenhas

dos shows da Broadway .

— Norm — Aren o chamou, interrompendo-o. — Posso lhe pedir um favor?

— Do que você precisa, jovem ?

Aren ficou de pé. Norm tinha 30 anos de experiência e era estimado por todos.

— Existe alguma possibilidade de conseguir entradas para *Anjos no Natal*? — não fazia mal

algum perguntar.

Norm abriu um largo sorriso e deu um tapinha nas costas dele.

— Vou ver o que consigo fazer.

— Obrigado, Norm , aprecio sua ajuda. — Então, pensando que isto poderia ajudar, Aren

acrescentou: — Acredito que você ouviu falar que Doris Roberts está vindo para substituir a

protagonista em *Anjos no Natal*?



— Ouvi, sim .

A história surgira alguns dias antes. Betty White estava com uma baita gripe e precisava de um

descanso.

— Eu poderia escrever um breve texto sobre Doris assumindo o papel — Aren sugeriu.

— Não há necessidade — Norm disse, e deu um tapa nas costas dele pela segunda vez. —

Verei o que posso fazer, mas não posso prometer nada.

— Obrigado — Aren agradeceu. — Seria ótimo.

Ele voltou à sua baía e continuou envolvido em seu texto quando Norm voltou.

— Este é o seu dia de sorte.

— Você conseguiu as entradas?

— Duas para a noite de quinta-feira.

Aren não se importava com a noite.

— Obrigado. Você é o melhor. — Sentia-se tão feliz por conseguir as entradas que nem se

preocupou em checar a própria agenda. Mas, ao verificá-la, descobriu que tinha outra visita a um

restaurante agendada para a mesma noite. Jantar e um show. Ele mal conseguia acreditar em

sua sorte. Do céu, olhavam com bons olhos para ele nesse belo dia de dezembro. E seria ainda

o melhor se Lucie lhe ligasse. Se ela não o fizesse, ele levaria a irmã.

Norm voltou à sua baia e Aren voltou a escrever a resenha sobre o Encantos Divinos. As

palavras fluíam facilmente, e ele redigia ininterruptamente até parar na metade de uma palavra.

Um pensamento o acometeu. A ligação que ele deixou a secretária eletrônica atender mais cedo

poderia ter sido de Lucie.

Pegando o celular, ele acessou a mensagem de voz. Acertou em cheio, com o suspiro.

— *Olá, Aren, é a Lucie. Minha mãe me disse que ela explicou por que eu não o encontrei em*

*janeiro. Lamento por tê-lo deixado esperando. Espero que você esteja disposto a*

*chance. Se estiver, então me ligue, mas se não... Bem, eu compreendo* — a voz dela se modificou, afetada pela apreensão e decepção, Aren não sabia dizer qual dos dois.

Ele não se conteve em ligar de volta.

Ela atendeu dizendo:

— Lucie.

— Aren — ele respondeu, mas, antes que ele pudesse proferir outra palavra, Lucie começou a

tagarelar.

— Ah, Aren, você recebeu minha ligação. É claro que a recebeu, caso contrário não estaria

me ligando. Soei totalmente redundante, não soei? É que estou muito contente por ser você. —

Ela pausou com o se constrangida por ter falado tão rápido. — Vou ficar quieta e deixar você

falar agora.

Aren sorriu e um a felicidade ardente o dom inou.

— Você pode continuar falando o quanto quiser. Eu gosto do som da sua voz.

— Gosta?

— É m uito oportuno nos encontrarm os depois de todos esses m eses, você não acha? — ele

perguntou.

— Sim ... E oportuno é a palavra perfeita, m as você trabalha com as palavras, não é?

— Trabalho.

— Minha m ãe disse que você estava escrevendo para o j ornal. Procurei o seu nom e...

— Não sou exatam ente o repórter principal.

— Não, m as você é um m aravilhoso escritor... Pelo m enos eu acho que você deva ser, m esm o

não tendo lido nada do que escreveu.

Na verdade, ela j á lera um de seus textos m ais im portantes — a resenha de seu restaurante.

Mas Aren não poderia lhe contar isso, pois seu contrato com o j ornal o im pedia, e a gerente

editorial havia se esforçado para lem brá-lo disso. E, m esm o que ele pudesse, não o faria. Ele não

queria term inar um relacionam ento prom issor quando este estava apenas com

ecendo.

Aproveitando a oportunidade para mudar de assunto, ele disse:

— Eu liguei porque fiquei pensando se você estaria disponível para um jantar e um musical na

semana que vem. Tenho duas entradas para *Anjos no Natal* na próxima quinta-feira.

— *Anjos no Natal!* Eu ouvi dizer que é impossível conseguir entradas para esse musical.

— Eu tenho duas.

— Mas, ah, não, eu... acho que não poderei ir. Tenho que trabalhar na cozinha do restaurante à

noite.

É claro que ela tinha. Alguém podia acreditar que havia se esquecido dessa informação

essencial.

— Naturalmente você estará trabalhando. Fiquei tão empolgado com as entradas que me

esqueci completamente disso.

— Quinta-feira à noite você disse, né? — a pergunta foi seguida de uma breve hesitação. —

Ouça, não importa a noite que for, vou tirar uma folga. Tem os meus *sous chef* maravilhosos que podem me cobrir. Frequentei a escola de culinária com Catherine, que é muito boa. Minha mãe

sempre insiste que eu tire uma folga, e isso é importante. Não é importante para o mundo em

geral, mas é para mim. Ah, meu Deus, estou fazendo isso de novo. Provavelmente

ente não faço

sentido algum , não é?

— Incrívelm ente, faz sim — o sorriso de Aren era tão largo que seu rosto doeu.

— Vej o você

sem ana que vem , então.

— Certo. Você m e ligará até lá ou devo ligar para você?

— Eu ligo.

— Maravilhoso. Obrigada por m e ligar de volta, Aren.

Era ele quem deveria estar agradecendo a ela. Eles se despediram , e Aren estava tão feliz que

seria capaz de escalar um a m ontanha. Retornando ao trabalho, ele esperou alguns m inutos e em

seguida pegou o aparelho para ligar para a irm ã.

Josie atendeu quase na m esm a hora. Ela trabalhava na Wall Street para um a grande em presa

de ações.

— Tenho boas notícias, boas e m ás notícias.

— Conte-m e.

— Lucie m e ligou — ele poderia ter não dem onstrado tanta em polgação, m as sua irm ã o

conhecia m uito bem . Ela notara sua atitude sim ulando indiferença em um segundo. Enganar

Josie seria quase im possível. Consequentem ente, ele nem sequer tentou.

— Ela j á ligou para você?

— Há alguns minutos.

— Você irá se encontrar com ela, não?

— Aham . Essa é a boa e a má notícia.

— Explique-se, irmãozinho.

— Vou levá-la para um jantar e um show.

— Uau, você sabe bem como deixar uma garota encantada. Qual show?

— Essa é a má notícia.

Um a breve hesitação se seguiu.

— Não me diga... Que você conseguiu as entradas para *Anjos no Natal*?

— Consegui.

— Ai, cara!

— Não me odeie por isso — Aren brincou. — Eu também tenho outras notícias boas, mas não

queria confundir-la.

— Você pode ir além até. Suponho que sejam assentos de orquestra — ela riu, e Aren sabia

que Josie estava feliz por Lucie ter aceitado o convite.

— Por mim , eles poderiam ser da seção de hemorragia nasal que eu não me importaria.

Minha terceira boa notícia é que conversei com Sandy , minha chefe, e ela disse que não haverá

problema em escrever uma resenha para o Encantos Divinos e me retratar pela anterior.

— Mas é claro que você deveria.

— Tem i que isso pudesse ser considerado um conflito de interesse, m as Sandy basicam ente m e disse para não m e preocupar contanto que eu não revele m inha identidade.

— Bom ... Mas Lucie ou a m ãe dela sabem que foi você quem escreveu a resenha inicial,

criticando o restaurante?

— Não.

— Não? Aren, você poderá ter problem as.

— Eu contarei a Lucie quando for a hora certa. Não quero esconder o fato dela, m as, segundo

m eu contrato, não posso revelar a m inha identidade para ninguém fora da fam ília. Além do

m ais, Lucie e eu acabam os de nos reencontrar.

— E você não quer estragar os futuros planos.

— Algo do tipo — adm itiu. Em sua cabeça, ele tinha a desculpa perfeita.

— Ah, Aren, prom eta-m e que você não vai m anter isso em segredo por m uito tem po.

— Josie, tenho de obedecer ao contrato. Eu poderia perder o em prego se dissesse a Lucie que

escrevo com o pseudônimo o de Eaton Well.

— Existem m odos de fazer isso sem precisar dizer diretam ente, você sabe.

— Talvez — ele reagiu. — Mas ainda é m uito cedo.

— Certo, concordo com você nesse aspecto, m as tem o que isso vá pairar sobre sua cabeça

com o um balão gigante de água, am eaçando explodir a qualquer m om ento.

— Eu saberei a hora certa de dizer — Aren prom eteu. — Mas não até que consiga descobrir

um m odo de falar a verdade sem , de fato, contar a Lucie e até que tenham os um a chance de nos

conhecer m elhor. Concorda?

— Certo, m as não espere até que sej a tarde dem ais.

— Não esperarei. — Seria com plicado, m as ele procuraria a m aneira e a hora certas de fazer

isso.



## Capítulo 9

— Olha só esses anj os no palco — Mercy resm ungou, balançando a cabeça, irritada. —

Aparentem ente a hum anidade tem essa ideia de nós. Nossa! Essas pobres pessoas não têm a

m enor ideia.

Shirley , Goodness e Mercy , j untas com Will, estavam sentadas no cam arote do teatro da

Broadway , todos eles bastante entretidos com o m usical. Após rigorosas instruções de Gabriel,

sabiam que não valia a pena interferir no rom ance que florescia entre Lucie e Aren. Era um a

m issão sem interferências.



Mesmo assim, Mercy ficou de olho nos dois. Eles ocupavam ótimos assentos cerca de dez

fileiras atrás, na seção da orquestra, e pareciam apreciar imensamente o musical. De vez em

quando, as cabeças de ambos se aproximavam e eles trocavam sussurros. Mercy sentia-se um

pouco romântica e parecia-lhe que o casal era perfeito junto. O coração dela encheu-se de amor

assim que, logo após o início do musical, Aren pegou na mão de Lucie e ela abriu o sorriso mais

doce de todos para ele. Há muito tempo Mercy não presenciava um momento tão romântico.

Quando o olhar de Mercy voltou a se concentrar nos amigos, ela franziu a testa ao perceber

por uma sensação estranha.

Goodness tinha desaparecido.

— Onde está Goodness? — ela sussurrou, resistindo ao espanto. Shirley sacudiu os ombros,

aparentemente envolvida com o que estava acontecendo no palco. — Will, você viu a Goodness?

— perguntou, na esperança de esconder o pânico em seu tom de voz.

O jovem protegido delas parecia achar muito divertidas as travessuras que ocorriam no palco

e respondeu com um aceno negativo de cabeça.

Mercy olhou ao redor freneticamente e viu que os seus piores medos logo iriam se concretizar:

Goodness estava no palco com os atores. Sem saber mais o que fazer, e pretendendo evitar outro

desastre, Mercy rapidamente juntou-se à amiga e agarrou-a pelo braço.

— O que você está fazendo aqui? — ela sussurrou.

— Esses atores não sabem nada sobre anjos ou sobre nosso comitê. As roupas deles

são uma piada.

Ah, não, a situação era pior do que Mercy imaginava.

— Goodness, nem pense nisso.

— Eu só quero agitar as penas deles um pouco. Deixá-las um pouco mais apresentáveis.

Gabriel concordaria com isso.

— Não, ele não concordaria — Shirley interrompeu-se. As três deslocavam-se pelo palco,

esvoaçando de uma parte para outra, evitando os atores.

— O que é aquilo? — Will perguntou, juntando-se a elas.

— O que é o quê?

— Aquele homem. Ele está tocando uma espécie de instrumento musical.

— É a tuba, agora volte para onde estavam os — Mercy ordenou.

De repente, uma atriz do palco, travestida de anjo, soltou um grito enquanto era suspensa cerca

de 60 centímetros do chão.

— *Goodness, mercy*[\[4\]](#) — a atriz berrou em inglês, freneticamente agitando os braços.

— Ela sabe os nossos nomes — Shirley disse horrorizada.

— Coloque-a no chão — Mercy suplicou, e rapidamente reparou a situação. — Com cuidado,

por favor.

Os pés da atriz foram se aproximando aos poucos do palco e, quase na mesma hora, outros três

atores, também no papel de anjos, foram erguidos. Sem saber o que estava acontecendo, os

outros atores, obviamente profissionais qualificados, continuaram suas falas com o mesmo nada

estivesse errado, estendendo os pescoços a fim de olhar para cima, na direção dos atores cujos

pés estavam se debatendo e os braços se agitando. Aparentemente, o público achou tudo muito

natural, rindo estrondosamente. Aqueles que assistiam à apresentação pareciam acreditar que a

cena era parte do programa, com o mesmo pedaço dentro de um pedaço.

Os principais personagens tinham participado de um programa de Natal em que as crianças

reencenaram o nascimento de Jesus. Os anjos, todos atores, faziam os papéis principais, dirigindo

as crianças. Agora Shirley, Goodness e Mercy quase provocaram um pânico com a equipe

de palco, que dava de ombros, correndo pelo cenário e procurando algum inexistente fio

escondido.

Enquanto Mercy discutia com Goodness, a sensata Shirley aparentemente perdera a cabeça e

havia decidido que era seu momento de brilhar. Mercy não conseguia acreditar no que via: sua

colega Em baixadora da Oração cantava junto com o pequeno coro de crianças.

Percebendo que já era uma causa perdida, Mercy desistiu e se juntou à amiga, cantando uma

de suas canções natalinas preferidas. Todos no palco congelaram e olharam fixamente para as

crianças, e, por um breve instante, Mercy temeu que fossem descobertas.

— Acho que está na hora de irmos agora — Will disse, puxando Shirley pela manga.

— Minha nossa! Você tem razão — concordou Shirley, aparentemente recobrando os sentidos.

— Eu gostaria de tentar tocar aquela tuba antes de irmos — disse Will, deslocando-se na

direção da cavidade no palco onde ficava a orquestra.

Goodness agarrou Will e o puxou de volta.

— Agora não — Mercy se opôs, acompanhando os outros três para fora do palco. —

Precisamos sair daqui enquanto é tempo.

— Ah, não, isso não está nada certo.

— E quanto a Lucie e Aren? — Will protestou enquanto eles faziam o caminho de volta para o

céu. — Vamos deixá-los para trás assim ?

— Não tem os escolha agora. — Mercy não sabia bem com o as coisas tinham saído tanto de

controle, m as agora a situação era irreparável. Ah, ela deveria saber; deveria adivinhar que ver

aqueles anj os no palco representaria m uita tentação para eles. Então, após saírem do teatro e

Mercy com eçar a se tranquilizar, ela ouviu o grito de Shirley :

— Goodness! Coloque o cam elo de volta no lugar antes que alguém dê falta dele!

Mercy olhou para trás e ofegou. Certam ente sua querida am iga roubara o cam elo que estava

preso atrás do palco e o conduzia pela rua.

Sim , eles não tinham salvação. Mercy só esperava que o céu não ouvisse tal história tão cedo.

— O que você achou do m usical? — Aren perguntou a Lucie enquanto eles saíam lentam ente

do teatro.

Era difícil para Lucie ouvi-lo por causa da anim ada vibração da m ultidão. Todos falavam

sobre o espetáculo. Lucie ouviu por acaso alguém com entar que j á assistira à peça antes e que

gostara m uito das m udanças côm icas.

— Achei incrível... Sim plesm ente incrível.

— Eu tam bém — concordou Aren.

Um a vez do lado de fora, ele aj udou Lucie a colocar o casaco e, em seguida, abotoou o seu

próprio. Então pegou na mão dela e a aconchegou em seu braço. Era uma noite fria, o que dava

a Lucie uma boa desculpa para ficar próxima de Aren. As luzes na cidade durante as festividades

pareciam brilhar um pouco além do normal. Tudo tão perfeito, tão maravilhoso. Em breve ela

conhecesse Aren há pouco tempo, tinha a impressão de que ele sempre estivera em sua vida.

Sem nunca ter experimentado esse tipo de sensação com um homem antes, Lucie não pôde

evitar imaginar se conseguiria encontrar um homem a quem associasse com a mesma intensidade

que tinha o amor que seus pais um dia com partilharam.

— Eu ainda estou tentando entender como eles conseguiram suspender os anjos — Aren

comentou, franzindo a testa enquanto falava. — Geralmente, consigo ver os fios, e nós estavam os

perto do palco o suficiente para enxergá-los, mas não vi nenhum.

— O canto das crianças foi... inacreditável.

— Eu vou baixar a música assim que chegar à minha casa. Foi... — Aren parecia buscar a

palavra certa.

— Angelical — Lucie sugeriu. Os ombros dos dois se tocaram enquanto caminhavam de

braços dados. — Que noite mais maravilhosa. Não sei como lhe agradecer.

Aren abriu um sorriso e envolveu a mão de Lucie na sua, apoiando-a no braço

dele.

— Ainda não terminamos os.

— Não?

— Espero que esteja a fome.

— Morrendo de fome — Lucie tinha acordado mais cedo do que o habitual naquela manhã,

pois precisava cozinhar e deixar tudo pronto no restaurante, assim poderia sair à noite sem

qualquer sentimento de culpa. Sentiu-se muito tentada a ligar para garantir que tudo estava dando

certo. Mas sua mãe a havia desaconselhado a fazer isso. Wendy queria que Lucie esquecesse o restaurante por uma noite e aproveitasse. Ela achava que isso seria impossível, mas enganara-se.

Quando estava com Aren, era com o se não tivesse a maior preocupação com o resto do mundo.

— Eu sei que está tarde, mas fiz reservas para o jantar.

Eles passaram pelo Rockefeller Center e pararam para admirar as luzes na árvore de Natal e

olhar os patinadores circulando pelo rink de gelo. Incapaz de resistir, Lucie pressionou a

cabeça contra o ombro de Aren.

— Cansada?

Ela deveria estar, mas não estava.

— Não, apenas feliz, tão feliz.

— Eu também estou. Não acreditava que fosse possível encontrá-la novamente.

— Eu tam bém não. Já havia perdido as esperanças.

Eles continuaram a cam inhar num ritm o lento e relaxado até chegarem ao restaurante cuj o

nom e era o de um fam oso *chef* da televisão. Lucie não escondeu o quanto estava im pressionada.

— Com o você conseguiu arranjar o jantar e os ingressos do teatro para a apresentação m ais

cobiçada da cidade na m esm a noite?

Ele abriu um sorriso tím ido.

— Eu m exi m eus pauzinhos.

— Ouvi falar tanto sobre a com ida daqui. Sem pre quis experim entar.

— Bom , esta tam bém é a m inha prim eira vez aqui.

Agora ela com preendia por que eles j antariam tão tarde. Provavelm ente aquele era o único

horário que ele conseguiu para fazer as reservas. De que Lucie tinha ouvido, ela sabia que o

restaurante fora reservado com m eses de antecedência. Era praticam ente im possível arrum ar

um a m esa nas festividades. Lucie só podia im aginar quantos favores Aren devia aos outros por

essa noite. Certam ente ela iria se lem brar desse m om ento por um longo tem po.

Após se sentarem , eles aguardaram vários m inutos até receberem os cardápios. Lucie cham ou

a atenção de Aren.



— Minha mãe nunca deixaria isso acontecer — ela sussurrou.

— Hã?

— Esperar pelos cardápios. Ela os entregaria imediatamente.

Aren sorriu e abriu o cardápio de madeira toda elaborada. Um a borla dourada pendia na parte

de baixo dele.

Após dar a eles mais do que o tempo necessário para analisarem o que era oferecido, o

garçom retornou e falou em voz alta quais eram os especiais da noite detalhadamente,

menzionando o país de origem das ervas e dos condimentos e as suaves variações de cada prato.

Mas, como já era tarde, os aperitivos haviam acabado e o restaurante dispunha de apenas uma

única das entradas especiais.

Novamente, Lucie não se conteve e franziu a testa.

— Por que mencionar as refeições especiais se não estão disponíveis? Todos esses detalhes não fazem o alimento parecer mais atraente. Ele me fez sentir como se o prato estivesse em um

menu para ser admirado.

— Concordo — Aren disse, rindo de forma contida.

Lucie pediu a merluza-negra, e Aren, *chillies* com recheio de queijo. Uma vez servida, a

comida era tão decepcionante quanto o serviço.

— Bem, o que você acha? — Aren lhe perguntou após ela ter dado a primeira

garfada. — O

restaurante faz jus à reputação que tem ?

Lucie colocou o garfo de lado e avaliou se deveria ou não dizer o que pensava.  
Com o fazia

parte do ramo de restaurantes, ela achava que estava sendo excessivamente crítica. Aren tivera

muito trabalho para conseguir essa reserva, mas ela notou que ele também não estava

apreciando a refeição.

— Você quer a verdade? — perguntou.

— É claro.

— O fato é que estou decepcionada, mas não confie em tudo que eu falar.  
Conheço muito

sobre administração de restaurante. Meu peixe está cozido demais, o meu olho  
sem sabor e os

vegetais sem vida. Isso é o que me deixa louca.

— Hã

— Nós recebemos um crítico gastronômico no nosso restaurante que reprovou  
a minha

comida. Ele ou ela foi cruel e maldoso, e uma coisa eu lhe digo: qualquer prato  
que sirvo pode

competir com os deste restaurante, em qualquer dia da semana.

Aren olhou fixamente para o outro lado da mesa com o garfo paralisado no ar.

Lucie deveria ter entendido tal gesto com o mesmo sinal de que parasse, mas, já  
tendo comido,

ela não conseguia mais controlar-se.

— O que me chateia é que esse mesmo crítico provavelmente daria notas altas para este

restaurante. Digo, Eaton Well deve ter resenhado as refeições daqui para que o restaurante tenha

uma reputação tão fabulosa. Isso para você ver que o crítico não sabe do que está falando. — Ela

mordeu o lábio, reconhecendo que provavelmente fora muito longe. Toda vez que pensava em

Eaton Well e em sua injústa e sarcástica resenha, Lucie sentia o sangue ferver. Porque ela

percebeu que tinha que agir assim, acrescentou: — Eu sei que ele trabalha no mesmo jornal que

você, e, se ele é seu amigo, peço desculpas. Mas Well me fez mal e não sei se algum dia

perdoarei o que ele disse sobre o Encantos Divinos.

Aren continuou a olhar fixamente para ela com o que não soubesse o que dizer. Lucie tentou

outra vez, receosa de que tinha estragado a noite com todo aquele falatório.

— Perdoe-me, por favor — murmurou, alisando o guardanapo no colo. — Eu não deveria ter

me encionado a resenha. Com o que você percebeu, ainda estou chateada com isso.

Aren pegou o café, que a esta altura já estava frio.

— Pelo que sua mãe disse, os seus fiéis clientes rapidamente a defenderam.

— Sim, graças a Deus. Sem eles nós talvez estivéssemos arruinados. Poderíamos ter perdido

tudo por causa de um a resenha negativa.

Aren colocou a xícara de volta no pires e inclinou-se para trás, mas ela notou que ele não estava confortável.

— Teve um a segunda resenha, não?

— Sim, um a retratação. Aparentemente o tal do Eaton Well foi forçado a dar um a segunda

chance ao restaurante.

— A segunda resenha dele foi justa?

— Imagino que sim — ela respondeu encolhendo os ombros. — Ainda assim, eu gostaria de

encontrar esse imbecil e dar um a dura nele.

— Imbecil?

— Bem, para mim ele é. Por que as pessoas têm que ser tão sarcásticas e cruéis? Ele disse

coisas completamente desnecessárias. Esses escritores honestamente pensam que estão sendo

espirituosos? Eles não percebem que colocam o meio de subsistência das pessoas em risco?

— Tenho certeza de que tudo dará certo no final.

— Espero que sim.

Para surpresa dela, Aren pediu um a bandeja de sobremesas com pequenas seleções de

variados doces. Lucie experimentou dois aparentemente convidativos: o bolo de creme e de

banana e o sorvete de framboesa. Ambos estavam satisfatórios, mas não

espetaculares.

— A sua sobremesa é muito melhor.

Ela abriu um sorriso enorme com o elogio dele e concordou sem falar nada. De qualquer

forma, ela já falara bastante sobre a comida e o serviço.

— Obrigada.

Aren pagou a conta, que para Lucie foi desproporcional ao que lhes tinham servido. Enquanto

os dois caminhavam para a saída do restaurante, ele parecia mais desanimado do que antes.

Talvez, assim com o ocorrera com ela, o dia dele tivesse sido longo e ele estivesse cansado. Já era

tarde e os dois tinham que trabalhar na manhã seguinte.

— Olhe só — ela disse enquanto eles desciam a rua. — Deixe-me preparar um jantar de

verdade para você. Esse foi uma decepção, e eu gostaria de oferecer-lhe uma das refeições

criadas especialmente para você.

Aren olhou para ela e sorriu.

— Não recusarei.

— Ótimo. Domingo à tarde está bom para você? — a cabeça dela já borbulhava de ideias.

Cozinhar era uma experiência emocional, e Lucie achava mais fácil expressar seus sentimentos

por meio da comida do que através das palavras. O jantar seria seu modo de

dizer a Aren o

quanto ela apreciava a companhia dele e o quanto se sentia grata por terem se reencontrado.

— Domingo está bom para mim .

— Ótimo. Venha ao meu apartamento por volta das 16h... Se não for muito cedo.

— Está perfeito.

Aren parou de caminhar e sinalizou para um táxi.

— Tive a noite mais maravilhosa de minha vida — ela disse, consciente de que o tempo deles estava chegando ao fim . — Obrigada, Aren, por tudo.

Um táxi encostou ao meio-fio. Aren abriu a porta do passageiro e Lucie instintivamente

levantou-se nas pontas dos pés para beijá-lo. Ela esperara um longo tempo para isso, imaginando

se o beijo da noite de Ano-novo, há quase um ano, estaria à altura desse.

Aren a segurou pelos ombros e inclinou sua boca sobre a dela.

Ah, era bom , tão bom com ela se lembrava, talvez até melhor. Ela queria se derreter nos

braços dele e resistiu à vontade de se envolver em todo seu corpo, pés e mãos, braços e pernas.

— Ei, vocês dois — o taxista gritou —, eu não tenho a noite toda.

Lucie sentiu a relutância de Aren enquanto ele se soltava aos poucos dela.

— Nos falaremos antes de domingo, certo?

— É claro.

Ele parecia tão sério, até mesmo profundamente inquieto, mas as Lucie não imaginava por quê.

A noite fora quase perfeita... Com exceção do jantar, mas as Aren não tivera qualquer culpa.

Assim que ela entrou no táxi, Aren deu um passo para trás e ergueu a mão em despedida.

Pressionando os dedos contra os lábios, ela apoiou a mão sobre a janela enquanto o taxista

partia.



## Capítulo 10

Aren ficou pacientemente de pé na fila do Starbucks, com medo de encontrar sua irmã. Ele

não precisou esperar muito até que Josie entrou toda afetada na cafeteria menos de cinco

minutos após ele chegar.

Ele com prava café para os dois.

— Ei, a que devo isso? — ela perguntou quando ele lhe entregou o copo descartável.

Aren não tinha uma resposta. Ele sabia que Josie estava esperando ouvir sobre a noite dele

com Lucie, e ela fora maravilhosa, melhor do que ele esperava. O que o inquietou foi com o

Lucie ficou zangada com Eaton Well e a resenha original. Ela mal levou em

conta a segunda

resenha na qual ele elogiara e recomendara muito o Encantos Divinos. Era quase como se a

resenha favorável não tivesse qualquer valor.

Eles começaram a caminhar em direção ao metrô com os passos em perfeita sintonia.

— Bem, não me deixe neste suspense — ela disse. — Conte-me como foi com a Lucie ontem

à noite.

— Ótimo.

— Não parece ter sido ótimo. Ah, Aren, não me diga que ela adivinhou quem você é? — Josie

parou de forma abrupta, forçando as pessoas que vinham atrás a se desviar deles, resmungando

enquanto passavam.

Aren também foi forçado a parar.

— Não, mas ela falou muito sobre o *imbecil* que quase destruiu sua reputação com um a

resenha ruim.

— Você não contou para ela que foi você, contou? — Josie quis saber.

— Não consegui. — Ele não sabia quantas vezes precisava lembrar sua irmã de que ainda

tinha um contrato a ser respeitado.

Josie inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu que escurecia como se a frustração fosse



dem ais para ela.

— Ah, Aren, isso não é bom .

Ele só pensara nisso a noite toda. Lucie precisava saber, e quanto m ais ele m antinha o fato em

segredo, m ais difícil seria para ele quando a verdade viesse à tona.

Eles voltaram a cam inhar e logo se aproxim aram da estação de m etrô.

— O que a Lucie disse? — Josie o pressionou.

Aren sacudiu os om bros, com o se praticam ente não lem brasse, em bora tivesse m entalizado cada palavra.

— Ela falou sobre Eaton Well e com o ele foi m aldoso e inj usto. A certa altura, chegou até a

afirm ar que gostaria de conhecê-lo só para dizer isso a ele.

— Nossa!

— Mesm o que pudesse contar a Lucie, eu não o faria... Não com tudo indo tão bem . Ela ainda

está m uito zangada.

— Mas você escreveu um a resenha m aravilhosa depois.

— Eu m encionei isso, m as ela rej eitou, desconsiderando o texto. Lucie só sabia falar da

prim eira resenha.

— Mas, Aren, m ais cedo ou m ais tarde você terá que encontrar um a m aneira de contar a

verdade a ela.

Aren não precisava da irm ã para lem brá-lo disso. Ele sabia.

— Concordo.

— Você, mais do que qualquer um, sabe o que é ser enganado. Sei que é um risco, mas agora

é digno corê-lo.

Em teoria, Aren não poderia culpar seu próprio senso lógico.

— Eu sei o que precisa ser feito, é que... Não sei como fazer isso sem romper meu acordo

com o jornal. Você já conheceu alguém com quem sentiu muita afinidade logo de cara? Lucie é

inteligente, divertida, extremamente leal e gentil. Ela ama a família e o cachorro, e você deveria ver como todos no restaurante tratam ela e a sua mãe. Não me lembro de ter conhecido um

grupo melhor de pessoas.

— Você só foi até lá duas vezes.

— Eu sei, mas não é o que eles dizem, e sim como todos trabalham juntos e se ajudam. Esse

tipo de coleguismo começa na gerência e vai percorrendo toda a hierarquia. Lucie e a mãe estão

destinadas a tornar o Encantos Divinos um sucesso. Já consigo enxergar isso.

— Só posso dizer que você precisa encontrar um modo de contar a Lucie antes que toda essa

situação saia do controle.

Aren não conseguia levantar um único argumento.

— Ela me convidou para jantar em seu apartamento no domingo.

Josie tomou um grande gole de café e balançou a cabeça.

— Você tem que arrumar um jeito antes disso.

— Mas...

— Quanto mais você adiar, mais difícil será.

A respiração de Aren veio em rajadas enevoadas no frio. A neve começara a cair, e, em breve

os sinais do Natal estivessem ao seu redor, ele mais os notara.

— Pensarei em algo — murmurou, e ele pensaria. Josie estava certa. Ele poderia perder tanto

o tempo quanto Lucie, mais era um risco que tinha que correr. — Pensarei em algo. — Não seria fácil, mais era necessário.

— Ligue para mim quando tiver uma ideia.

Ele prometeu que o faria mesmo que o pavor o dominasse.

— Certo, agora que acabou com isso — Josie continuou com o sorriso contente por deixar

esse assunto de lado — me conte o que aconteceu ontem à noite.

Aren sorriu ao se lembrar.

— *Anjos no Natal* foi ótimo, melhor do que esperávamos.

— Está no noticiário desta manhã, não ouviu falar?

— Do quê?

— Aren, minha nossa, você estava lá! Deve ter visto tudo que aconteceu. — Ele se sentiu

totalmente perplexo; não fazia ideia do que sua irmã estava falando. — Entrevistaram os atores e

eles contaram uma história inacreditável sobre como foram erguidos entre 60 e

90 centímetros

do chão. Estavam encenando, recitando as falas como fazem em todas as apresentações, e de

repente foram erguidos do chão e ficaram suspensos no ar por vários minutos.

É claro que Aren se lembrou brava. Lucie e ele tinham como entado sobre não conseguirem

enxergar os fios.

— Você quer dizer que isso não era parte da peça?

— Não, e então outro grupo de atores insistiu que alguém estava cantando com eles. Na

verdade, minutos mais do que um a pessoa.

— A música estava excelente — Aren concordou.

— Os críticos estão dizendo que é uma jogada de marketing e os atores insistem que não é.

Todos estão falando sobre isso no rádio esta manhã. E, sabe, eu fico do lado dos críticos. Parece

minutos com uma espécie de pegadinha publicitária. Quero dizer, como alguém explica aquele

como ele vagando pela Broadway com os treinadores o perseguindo?

— O como ele fugiu? — Aren não tinha ouvido falar nada sobre isso.

— Honestamente, Aren, você tem que voltar para a Terra. Esse lance com a Lucie está

confundindo o seu cérebro.

O cérebro dele estava minutos mais do que confuso. Ele só conseguia pensar em Lucie e se dar conta

de com o tinha receio de perdê-la outra vez pouco depois de se reencontrarem .  
Aquele mesmo ano ele

havia ligado o rádio, mas seus pensamentos concentravam-se apenas em Lucie,  
e aparentemente

não ouvira nada.

Logo os irmãos partiram dali, tomando direções diferentes.

Aren passou a melhor parte do dia escrevendo a resenha sobre sua experiência  
no restaurante.

Então, por ter ido à peça na noite anterior, solicitaram-lhe que escrevesse um  
pequeno texto

sobre o que vira e sobre sua própria interpretação dos estranhos acontecimentos  
da noite anterior,

o que seria publicado na edição da noite. A resenha do restaurante levou mais  
tempo. Ele

deliberadamente incluiu os comentários de Lucie no texto. Assim que ela lesse  
o texto escrito por

Eaton Well, descobriria quem ele era e então poderiam conversar livremente.  
Mas, se ela o

odiasse, acabaria rompendo com ele antes que seu coração se visse ainda mais  
envolvido.

Quando Aren entregasse o artigo, o feedback seria positivo.

Ele saiu do escritório e pegou o metrô para o Brooklyn. O céu estava escuro.  
Neveira de forma

intermitente o dia todo, e uma mancha branca cobria a paisagem .  
Crianças em idade

escolar estavam animadas, e Aren contou muitos bonecos de neve enquanto

cam inhava até o

Encantos Divinos. Em circunstâncias normais, ele teria tomado um táxi, mas dessa vez queria

esvaziar a cabeça.

O restaurante fora aberto há apenas cinco minutos quando ele chegou. A expressão de Wendy

Ferrara mudou para um sorriso brilhante no instante em que Aren entrou no estabelecimento.

— Aren, que bom vê-lo — ela o cumprimentou com o se fosse da família, dando-lhe um beijo

na bochecha. — Lucie disse que passou momentos maravilhosos na última noite. Ela só

conseguia falar sobre isso hoje e de amanhã.

— Eu é que tive momentos ótimos.

Ela o conduziu até a mesa.

— Aqui, sente-se. Vou lhe trazer uma xícara de café quente. Está muito frio lá fora e você está

sem congelado.

Antes que Aren pudesse protestar, Wendy já tinha ido até a cozinha.

Sem escolha, ele se sentou e olhou ao redor. O restaurante fora decorado para as festividades

desde a última vez que estivera ali. Em cada mesa havia um ramo de azevinho ao redor da base

de uma espessa vela circular, e guardanapos de tecido verde e vermelho. Uma cortina de enfeite

prateado circundava a mesa da anfitriã e dois ornamentos de vidro estavam pendurados em

frente a ela com os nomes Wendy e Lucie impressos neles. Outra cortina reluzente guarnecia

todo o comprimento das janelas com ornamentos idênticos e com os nomes dos funcionários

escritos para todos lerem .

Wendy retornou um instante depois, trazendo uma fumegante xícara de café. Aren passaria

sem isso numa boa, mas ela tinha razão: ele estava com frio.

— Espero que não se importe, mas Lucie teve que dar uma saída rápida para resolver uma

coisa. Ela deve estar de volta daqui a alguns minutos. Peço desculpas, ela deve ter esquecido que

você passaria aqui.

— Ela não sabia... Resolvi de última hora.

— Ah, então está explicado. Ela está caidinha por você, com o bem sabe — Wendy contou a

ele.

Ouvir isso era como voltar a escutar todas aquelas incríveis vozes cantando na peça. Sua irmã

tinha razão. O que acontecera na apresentação estava em todos os noticiários. Assim que ficaram

sabendo que Aren estivera lá, ele perdeu a conta do número de pessoas que o pararam em sua

baía para perguntar a respeito. Ele queria ter prestado mais atenção aos

acontecim entos. Naquele

m om ento, o com portam ento dos anj os parecia tão espontâneo, com o se fosse intencional. Atores

são suspensos no palco a toda hora. Oras, o Hom em -Aranha passava em disparada sobre o

público de um lado para o outro do teatro e ninguém tinha feito tanto espalhafato por isso. Mas os

fios eram claram ente visíveis nessas outras ocasiões.

— Acho que tam bém estou no m undo de Lucie.

— Posso trazer algo para você com er? — Wendy perguntou-lhe.

— Não, obrigado. Só passei para falar rapidam ente com Lucie. Preciso ir logo.

— Então vou em balar um a refeição para você levar.

Aren ergueu a m ão em protesto.

— Por favor, sra. Ferrara, não será necessário.

— Que bobagem . Não aceitarei um não com o resposta.

Antes que ele pudesse voltar a protestar, Wendy desapareceu dentro da cozinha. Quando

voltou, trouxe um a grande sacola de papel. Se o tam anho do recipiente fosse um indício, ele teria

com ida suficiente para a sem ana toda.

— Eu liguei para a Lucie e ela está a cam inho. Ela m e pediu para m antê-lo aqui custe o que

custar.

Aren não tinha nenhum m otivo im portante para a visita a não ser a necessidade



de ver Lucie

outra vez e o medo de estar prestes a perdê-la.

— O que irá acontecer? — Will perguntou. Ele franziu a testa com preocupação, quase com o

se soubesse de antemão o que estava prestes a ocorrer. — Quando Lucie descobrir que foi Aren

quem escreveu a resenha negativa, ela ficará extremamente chateada.

— Eu também ficaria chateada — concordou Shirley. — Deve haver algo que possam os fazer

para ajudar. Não consigo prever por que Aren insiste em arruinar um relacionamento tão

promissor.

— Não podem os interferir — Goodness insistiu, fitando os outros. — Gabriel não gostaria disso.

— Ele não gostaria de vê-la fugindo com um camelo também, mas assim não a im pedir de

surrupiar-lo do palco — Mercy fez sua estimativa para recordar.

Goodness teve a boa ideia de aparentar um pouco mais do que decepção.

— Isso foi um lapso de julgamento. Alguém ... Alguém já tem notícias de Gabriel?

— Não, e queira por gentileza abaixar o tom de voz antes que ele ouça.

Mercy rapidamente girou 360 graus, certa de que Gabriel iria aparecer a qualquer momento e

bani-los da Terra para sempre.

— Por enquanto guardem os nossos truques para nós mesmos.

— Se conseguirmos — Goodness sussurrou, olhando por sobre o ombro.

— E quanto a Aren e Lucie? — Will insistiu, sentando-se impaciente em um canto do

restaurante. — O que irá acontecer? — ele esvoaçou pelo salão, revelando seu nervosismo.

— Não sabem até que ela leia o artigo — explicou Mercy. Ela se preocupava com o

jovem casal tanto quanto Will, mas o futuro estava nas mãos de Deus.

As três, acompanhadas de Will, pairaram sobre o restaurante à espera da chegada de Lucie.

Mercy notou que as mesas foram ocupadas rapidamente. Quando Lucie entrou correndo na

cozinha, ela recebeu na mesma hora uma enxurrada de pedidos.

— Será que o Aren irá falar com ela? — Will quis saber.

— Parece que ele quer tentar — Mercy respondeu, observando de perto a cena que se

desenrolava entre Aren e Lucie na cozinha.

Aren seguiu Lucie por toda a ocupada cozinha, mas não conseguia acompanhar o ritmo dela.

Para ele, era incrível como Lucie realizava as tarefas em um espaço tão pequeno,

principalmente com os outros dois funcionários correndo para cá e para lá.

— É tão bom vê-lo — ela disse, girando cogumelos recém-fatiados em uma frigideira sobre o

forno a gás. Então fez uma pausa, o tempo suficiente para abrir um sorriso para Aren. — Adorei

cada minuto da nossa noite. Obrigada por tudo novamente.

Dispensando a gratidão dela, ele respirou fundo e disse:

— Eu sei que não é a melhor hora — as palavras lhe saíram de sua boca quando Lucie virou-

se abruptamente e abriu o refrigerador. Ele se desviou do caminho dela com um solavanco

enquanto Lucie pegou o que precisava e voltou ao forno. — Achei que pudessem os ter alguns

minutos para conversar. — Sua intenção era mencioner o texto que escrevera e pedir a ela que

não o lesse até que tivessem a chance de estar juntos.

— Ah, Aren, era o que eu mais queria agora, mas, com o que você pode ver, estou literalmente

com a mão na massa.

Por falar em mãos, Aren foi obrigado a se encostar na pia e erguer os braços sobre a cabeça

quando Lucie passou voando por ele. Era evidente que isso não estava funcionando.

— Não podem os conversar no domingo? — ela perguntou.

— Ah... claro. — A resenha estava agendada para ser impressa na edição de sábado.

— Ótimo.

— Peço desculpas por passar aqui sem ligar antes... Eu deveria ter tido mais noção. Domingo,

então.

— Dom ingo — Lucie repetiu. — Daí poderei dar toda atenção a você.

— Certo. — Os ombros de Aren cederam de frustração e desânimo à medida que ele foi

saindo da cozinha.

— Aren, espere um minuto — Lucie gritou, interrompendo-o.

Pouco antes de sair, Lucie caminhou até ele, colocando-lhe as mãos nos ombros e, em

seguida, pressionou os lábios delicadamente contra os dele. Aren sentiu aquele beijo passar por

todo seu corpo até chegar aos pés, os nervos à flor da pele, e, quando ela recuou, a reação dele

foi apenas ficar em pé, olhando-a.

— Isso o prenderá até domingo? — ela perguntou com um sorriso atrevido.

Aren precisou pigarrear antes de conseguir falar:

— Deve me prender.

— Que bom .

A sensação do beijo o acompanhou por todo o trajeto até Manhattan. Então, sua cabeça já

tinha esvaziado e o som do celular lhe avisou que ele tinha uma mensagem de texto. Mesmo sem

verificar, Aren sabia que era de Josie.

*E aí?*

Sem dúvida ela ficara esperando o dia todo para saber com o que ele pretendia lidar com essa

situação difícil.

*Escrevi meu texto e usei nele os comentários de Lucie. Ela reconhecerá quem eu sou assim que*

*pegar o jornal.*

Ele precisou esperar apenas alguns segundos para a resposta da irmã:

*Sairá tudo bem. Você está com a consciência tranquila, aconteça o que acontecer?*

Aren odiava esperar. Piorava ainda mais as coisas.

*Eu acho que sim.*

Menos de dois segundos depois de enviar a mensagem, ele recebeu a resposta.

*Dedos cruzados.*

Aren queria mencionar o artigo para Lucie, mas fora impossível qualquer tipo de conversa

enquanto ela estava cozinhando. Fizera seu melhor, mas parecia que as forças da natureza

estavam contra ele.

Ele mandou à irmã outra mensagem de texto:

*Jante comigo. Encontre-me em 15 minutos e eu explicarei tudo. A mãe de Lucie preparou uma*

*comida para viagem.*

A resposta de Josie foi rápida:

*É melhor que seja boa.*

Aren sorriu e rapidamente digitou:

*O jantar ou a minha desculpa?*

*Ambos.*



## Capítulo 11

Sábado à tarde, Lucie pegou o celular e acessou sua lista de contatos. Então pressionou o nome

e o número de Aren. Após três toques, ele atendeu:

— Aren.

— O que você está fazendo? — ela perguntou.

— Lucie? — Ele souou tanto satisfeito quanto surpreso ao ouvi-la, o que aumentou a confiança

dela.

— Sim, sou eu.

— O que estou fazendo? Nada demais. Terminei agora de lavar as roupas e limpar meu

apartamento. Faço tudo que preciso antes para me livrar do trabalho no fim de semana. Ainda

está de pé nosso encontro amanhã para o jantar, certo?

— Estou planejando.

— Com o assim?

— Você gostaria de trabalhar para o seu jantar?

— Ah, claro. No que você está pensando?

— Encontre-me aqui a mim eia hora — ela disse, dando-lhe o endereço.

— Você não está no restaurante?

— Agora não, mas irei para lá mais tarde. Isso é especial.

— Especial. Quer me dar uma dica?

— Não. É surpresa. Você me fez passar momentos tão maravilhosos que pensei que deveria

retribuir o favor.

— Eu pensei que fosse com o jantar de domingo.

— Isso é algo... mais. Minha mãe está comigo, então não se atrase.

Aren riu.

— Estou a caminho.

Lucie desligou o telefone.

— Você falou com ele? — Wendy perguntou, amarrando o avental na cintura. A refeição

estava quase pronta para servir. Duzentas e cinquenta refeições para ser mais exato. Rosbife,

purê de batatas com caldo de carne, vagem fresca, um pãozinho caseiro ainda aquecido do forno

e bolo de chocolate.

— Aren está a caminho.

— Você disse a ele que hoje é o sopão para os pobres?

Lucie fez o melhor que pôde para esconder o sorriso.

— Acho que me esqueci de mencionar isso. — Então retornou para a cozinha

do Exército da

Salvação e deu os toques finais no caldo de carne. Dentro de alguns minutos, as portas seriam

abertas e os sem-teto invadiriam o refeitório. Após procurar bandejas e pratos, Wendy, Lucie e

Aren serviriam todos conforme eles fossem entrando na fila. Wendy serviria a carne e as

batatas, Aren ficaria encarregado dos vegetais e do caldo de carne e Lucie planejava encerrar

com o pão e o bolo. As bebidas estavam no aparador, e os funcionários contratados iriam repor

café, chá, leite e água nos recipientes.

Há tanto tempo quanto Lucie conseguia se lembrar, ela e a mãe eram voluntárias no abrigo

em dezembro. Ela só teria tempo de servir o jantar antes de seguir correndo para cozinhar no

Encantos Divinos. O dia dela fora superatribulado desde cedo, começando com os assados e o

planejamento do cardápio. A cabeça de Lucie estava num turbilhão com tudo que ainda tinha que

fazer quando Jazmine telefonou para dizer que estava se sentindo mal, gripada. Isso significava

que Lucie e sua mãe teriam uma baixa para servir o jantar. E foi assim que Lucie pensou na

mesma hora em Aren.

— Vou permanecer aqui — sua mãe lhe disse. — Se você não explicasse o que



está se passando

aqui, Aren pensaria ter vindo para o endereço errado.

— Você acha que eu deveria ir para o lado de fora e esperá-lo?

— Sim , querida, senão ele ficará confuso.

Lucie sabia que a mãe tinha razão. Pegando o casaco, ela enfrentou o vento frio do final de

tarde. O céu escuro era uma escuridão de mais neve, mas ela não se importava com isso. A neve

deixava a época de festividades ainda mais alegre.

Enquanto caminhava pela área, ela pensou nos homens e nas mulheres que não tinham um

lugar quente para dormir. Bem , pelo menos esta noite eles receberiam uma refeição quente e

nutritiva para lhes preencher o estômago.

Um táxi encostou do outro lado da rua e Aren desceu dele, com a testa franzida. Em seguida,

olhou para o pedaço de papel que trazia na mão. A mãe de Lucie tinha razão: ele estava confuso.

— Aren — Lucie chamou, acenando com o braço sobre a cabeça a fim de chamar a atenção

dele, enquanto apertava o casaco na altura do pescoço. Ela se admirava de ele ter se mostrado

tão disposto a vir mesmo sem saber de mais detalhes.

A expressão no rosto de Aren relaxou quando ele a viu e, depois de olhar para os dois lados,

atravessou a rua correndo.

— O que é isso?

— Um abrigo para sem-teto. Minha mãe e eu somos as voluntárias e estamos sem um

funcionário. Pode nos ajudar?

— Eu adoraria... Mas podem os conversar depois que terminarmos?

Os ombros dela afundaram de decepção.

— Ah, Aren, não posso. Perdoe-me. Tenho que sair correndo para o restaurante assim que

terminar.

Ele soltou o ar.

— Você leu o jornal hoje de manhã?

— Não — ela admitiu. Simplesmente não tivera tempo. Mas só poderia haver uma razão para

aquela pergunta. — O jornal publicou um dos seus artigos? Você conseguiu um artigo nominal?

Finalmente! Ah, Aren, você deve estar tão contente. Vou pegar o jornal assim que puder.

Ele hesitou um pouco ao responder:

— Na verdade, eu preferiria que você esperasse. Vamos conversar antes que você leia meu

texto, combinado?

— O que há no jornal? — Will perguntou, seguindo o casal para o abrigo.

— Eu não sei. — Shirley entrou com ele. Goodness e Mercy já estavam do lado

de dentro.

Goodness permanecia de pé nos fundos do recinto, com o jornal aberto em um dos tampos da

mesa.

— Ah, não — ela lamentou e, em seguida, bateu com a mão sobre a boca. Os olhos dela

arregalaram-se enquanto lia a seção “Estilo de Vida”.

— O que foi? — Will quis saber, juntando-se a Goodness.

— É a resenha do Aren sobre o restaurante — Goodness explicou. — Aquela do restaurante

onde ele e Lucie jantaram na quinta-feira à noite, depois da peça.

— E...

— Minha nossa!

— O quê? O quê? — Mercy veio rapidamente do outro lado do recinto. Ela tentou dar um a

olhada, mas, com Goodness, Shirley e Will pairando sobre o jornal, não conseguia enxergar

nada.

— O que Aren fez? Levou um gravador no bolso?

— O que ele disse? — Mercy quis saber.

— Ele praticamente citou cada comentário de Lucie sobre o jantar. Assim que ela começava a

ler a resenha, saberá que ele é o crítico gastronômico Eaton Well.

— E é por isso que ele quer conversar com ela antes que leia o jornal. Santo

Deus! Por que ele

faria tal coisa?

— Não pergunte para mim .

Pairou um silêncio ensurdecador. Isso era ainda pior que antes. Seria desastroso para o

relacionam ento que só estava com eçando.

— Então é nosso dever garantir que Lucie não leia o artigo.

— O que podem os fazer? — disse Shirley , com as asas se curvando. — Nós dem os nossa

palavra a Gabriel que não iriam os interferir no rom ance deles. Se o fizerm os, ele descobrirá na

m esm a hora.

Mercy não enxergava problem a nisso, visto que j á tinham cruzado a linha lim ítrofe na noite da

peça. Na verdade, ela estava surpresa de eles não terem sido convocados a agir até agora.

— Vocês não acham que estam os nos preocupando m uito agora... Depois do que aconteceu na

peça? — Mercy perguntou.

— Certo, certo, eu sei que todo m undo ainda está chateado com igo por causa daquele cam elo.

Adm ito que deixei as coisas saírem um pouco do controle, m as eu não fiz nada, repito, não fiz

nada para influenciar os sentim entos de Aren e Lucie um pelo outro.

— Eu tam bém não — Shirley os lem brou. — Tudo que eu fiz se resum iu ao

palco.

— É isso aí — disse Mercy , reconfortada pelo pensamento. Em bora eles tivessem causado

um a espécie de sensação m undana, aquilo fora apenas um a diversão inocente. Sej a lá qual fosse

o m otivo, Gabriel não tinha m encionado o incidente, e por isso ela enum erava suas bênçãos. Suas

m uitas bênçãos.

— Ainda assim , devem os proceder com cautela — Shirley disse. — Não querem os passar dos

lim ites, m as precisam os m anter Lucie no escuro até que Aren tenha um a chance de se explicar.

— O que significa que ela não pode ler o artigo.

— Então estão os todos de acordo. Fazer os o que for necessário para m anter o artigo longe

das m ãos de Lucie.

— Mas somente o j ornal — disse Shirley . — Não nos envolverem os em nada além disso.

— Sim — cada um disse sucessivam ente.

— Isso dará a Aren um a chance de conversar com ela no dom ingo. Mas e se Lucie ficar

chateada com ele após a conversa? — Will perguntou.

— Daí ela continuará chateada.

— Mas e se...

— Não podem os nos envolver no acaso — Mercy explicou. — Lidarem os com

a reação dela

quando for a hora certa.

— Já que eu estraguei a hora certa — Will murmurou, repreendendo-se severamente.

Shirley pousou uma suave mão no antebraço dele.

— Foi um erro de principiante. Não seja tão duro consigo mesmo. Você deveria ter

testado algum das façanhas de Goodness e Mercy quando começaram a trabalhar

com o Em baixadoras da Oração.

— Todos nós cometemos os erros — Mercy completou. — Até mesmo Shirley.

— Ah, sim, eu já cometi alguns erros — a antiga Anjo da Guarda admitiu. — Mas, com a

ajuda dos meus amigos, tudo terminou bem.

— Daremos um jeito nas coisas — Goodness assegurou a Will, e eles dariam. Com Deus não

havia acidentes.

— Muito obrigada por dar uma mão — Lucie disse a Aren enquanto eles terminavam de

limpar a cozinha. Wendy lavou os pratos, Aren os secou e Lucie colocou tudo de volta no seu

devido lugar.

Os sem-teto tinham vindo e ido. Vários comentaram que aquele fora o melhor jantar que já provaram.

— Você faz isso sem pre? — Aren perguntou, im pressionado.

Lucie estava feliz, pois, na verdade, era ela quem se sentia tão bem após ser voluntária naquela

ação.

— Nossa fam ília faz esse trabalho desde que eu era criança. Meu pai tam bém costum ava

participar. Não seria Natal se não pudéssem os aj udar os outros. Meus pais faziam questão de nos

ensinar, a m im e a m eu irm ão, a retribuir.

— Deixam os você esgotado? — Wendy perguntou, j untando-se a eles.

Aren balançou a cabeça, negando.

— Não. Na verdade m e sinto ótim o. Eu deveria estar exausto, m as não estou.

— Tam bém m e sinto assim — Lucie afirm ou. Ver os rostos dos hom ens e das m ulheres que

apareceram na fila a tinha inspirado a fazer m ais, a ser m ais, a investir m ais dela própria nos

outros. Ela pensou na equipe de funcionários no restaurante e nos am igos com a estim a renovada.

Ela pensou em Aren tam bém , e no quanto gostava dele e com o era grata por tê-lo de volta em

sua vida.

— Lucie, é m elhor você ir agora, querida, senão se atrasará. Irei logo que term inar aqui.

A m ãe dela tinha razão. Im pulsivam ente, Lucie abraçou Aren. Autom aticam ente, os braços

dele a envolveram , e ele a segurou perto do corpo por um breve instante antes de, com

relutância, soltá-la.

— Obrigada outra vez — ela sussurrou no ouvido dele. — Serei sem pre grata por tê-lo

conhecido.

— Sem pre? — ele perguntou, contestando-a com o olhar.

A pergunta parecia estar dentro de outra. Um a que ela não com preendera bem .

— Sim — Lucie garantiu a ele. Se eles nunca mais se vissem , ela não teria o que lamentar.

Em bora estivesse apenas com eçando a conhecê-lo, sentia um a forte ligação com Aren. O

relacionam ento era m uito prom issor, e a atração continuava forte e parecia aumentar a cada vez

que se encontravam .

Lucie olhou nos olhos dele e viu dúvida e arrependim ento. Ficou chocada, mas as infelizmente

não teve tempo de perguntar o motivo.

Wendy trouxe o chapéu, o casaco e o cachecol da filha. O cachecol era um de seus prediletos,

principalmente porque sua mãe o havia costurado para ela no penúltimo Natal. O que o tornava

especial era o fato de sua mãe ter se dedicado à costura com o válvula de escape para o

sofrimento com a morte do pai de Lucie. Essa foi a primeira peça de roupa que Wendy



com pletara após a morte do marido.

— Eu a acompanharei até lá fora — Aren se ofereceu.

— Ah, por favor — Wendy com plem entou. — Às vezes é difícil arrumar um táxi nesta parte

da cidade.

— Mãe, eu ficarei bem .

— Sim , você ficará, principalmente se Aren a acompanhar. Agora, xô!

Balançando a cabeça, Lucie pegou as luvas e a bolsa antes de se juntar a Aren. Ela não era

boba. Sua mãe encontrara um jeito de ela passar mais tempo com Aren, e Lucie não reclamaria

disso. Afinal, ela via a oportunidade com bons olhos.

Anoitecera. As luzes da rua tinham acabado de ser acesas. Estivera tão ocupada com as

demoras do restaurante, que Lucie sequer pudera apreciar a nova temporada de festas. Tudo

parecia tão corrido. Sua mãe já decorara algumas coisas com enfeites natalinos, mas a árvore

ainda estava desmontada, e ela ainda precisava começar a fazer as compras.

— Eu queria ter mais tempo para passar com você — ela disse a Aren enquanto eles

caminhavam até o cruzamento mais próximo.

— Relaxe, Lucie. Não se estresse com isso.

— Tem tantas coisas que eu quero saber sobre você.

Ele colocou um pé na rua e acenou para um táxi. O primeiro passou rápido por eles, mas o

segundo parou.

Aren abriu a porta para ela e Lucie adentrou o carro.

— Veja o que amanhã — ele disse e, apoiando-se na janela do carro, deu um rápido beijo

nela.

— Farei um jantar do qual você se lembrará por muito tempo.

— Não se preocupe. O importante é estar com você.

Lucie tinha a mesma sensação. Eles passariam a noite inteira juntos, e essa certeza a deixava

com uma feliz ansiedade.

Aren fechou a porta e recuou. Ela acenou e, como de costume, colocou a mão nos lábios e,

em seguida, na janela.

Após Lucie dizer o endereço do Encantos Divinos ao taxista, o veículo partiu e ela se

acomodou. Foi só então que notou um exemplar da *Gazeta de Nova York* no assento ao lado.



## Capítulo 12

Uma sensação imediata de pânico tomou conta de Mercy quando ela viu Lucie pegar a edição

de sábado da *Gazeta de Nova York* no táxi.

— Rápido — Goodness gritou, m exendo o dedo na direção de Lucie. — Pegue esse j ornal.

Lucie alcançou o j ornal, m as ele não se m ovia de lugar sim plesm ente porque Will estava

sentado sobre ele. Por m ais que ela o puxasse, o j ornal perm anecia no m esm o lugar.

— Isso não vai funcionar por m uito tem po — Shirley lam entou-se, igualm ente em pânico. —

Abaixe a j anela e se livre disso.

Mercy esticou-se e rapidam ente acionou a m anivela. Na m esm a hora, um a raj ada de ar frio

invadiu o táxi.

Lucie ofegou e esticou-se para subir o vidro da j anela.

— Ei, m oça, estão os em dezem bro. Levante essa droga de vidro antes que nós dois fiquem os

congelados.

— Estou tentando. A m anivela parece estar em perrada.

— Tente com m ais força.

Goodness esticou-se para pegar o j ornal e o fez esvoaçar dentro do táxi, o que não era pouca

coisa, um a vez que o veículo estava abarrotado com os quatro anj os apertados nos assentos da

frente e de trás, além do taxista e de Lucie.

— Se você atirar esse j ornal pela j anela e eu for responsabilizado por j ogar

lixo na rua, será

você que pagará a multa, moça.

— Estou tentando pegá-lo — Lucie gritou de volta, mas, cada vez que o jornal ficava ao seu

alcance, Goodness o afastava.

— Livre-se disso — Mercy a encorajou, fazendo o melhor que podia para ajudar, mas apenas

causando mais confusão.

— Eu não quero jogar lixo na rua — Shirley gritou, enrolando o jornal e colocando-o em baixo

do assoalho.

Lucie tentou pegá-lo novamente, mas, antes que ela conseguisse agarrá-lo, Mercy segurou o

jornal e gritou para sua amiga:

— Pelo amor de Deus, jogue fora essa coisa. Podem os voltar e pegá-lo mais tarde.

— Certo, certo.

E lá se foi o jornal pela janela, mas, por sorte, as páginas caíram sobre os pés de um policial.

Ele imediatamente subiu em sua moto e começou a perseguição, com luzes acesas e a sirene tocando.

— Moça, o que eu disse pra você? — o taxista rosnou. — Você irá pagar a multa. Eu não tive

nada a ver com isso.

— Ah... Eu não joguei o jornal na rua, juro. Ele voou para fora do táxi sozinho.

— Se essa é a sua versão, tudo bem, mas as particularmente acho que seria melhor você inventar

algo um pouco mais original.

O taxista desviou para o acostamento e foi parando aos poucos no meio-fio. O policial

estacionou a moto bem atrás do táxi. Em seguida, desceu e caminhou diretamente até a lateral do

táxi. Com os pés firmes e separados e os dedos das mãos enfiados no cós, o oficial esperou o

taxista abaixar o vidro da janela. O motorista acatou, mas com relutância.

— Olá, policial. Você precisa falar com a passageira.

Lucie suspirou em seu interior e abriu um sorriso amarelo para o patrulheiro.

— Feliz Natal, oficial.

Ele se inclinou na janela do carro e olhou diretamente para ela.

— Gostaria de se explicar?

— Ah... — Parecia que Lucie não encontrava as palavras.

O patrulheiro franziu a testa e sua expressão mudou.

— No estado de Nova York, jogar lixo na rua implica uma multa pesada. Atirar jornal para

fora da janela é um perigo à segurança. Aquele jornal poderia ter tapado a visão de um

motorista.

— Oficial... Eu poderia inventar uma história, mas o que estou lhe dizendo é a absoluta

verdade. Eu queria ler aquele jornal, mas era com o se ele estivesse grudado no assento. Depois,

o vidro da janela abaixou sem eu fazer nada. Ele estava levantado e, de repente, desceu e eu

nem estava perto daquele lado do táxi. Pensei que o motorista deveria ter apertado o botão sem

querer, mas, quando olhei para o lado, percebi que a janela não era automática. Daí ele

começou a gritar para eu subir o vidro, mas ele não se mexia. E enquanto eu estava tentando

fazer isso, o jornal começou a girar em círculos dentro do veículo e, antes que eu conseguisse

agarrá-lo, ele voou pela janela.

— Essa é a sua história?

— Sim — ela disse —, e cada palavra dela é verdadeira, eu juro.

— E você espera que eu acredite que o vidro da janela desceu sozinho?

— Eu juro que não toquei nele. Ele desceu sozinho.

Ele voltou a olhar para ela e balançou a cabeça com o se a história fosse completamente

absurda.

— Você acha honestamente que eu jogaria lixo na rua de propósito na sua frente? — Lucie

perguntou.

— Moça — o taxista dirigiu-se a ela. — É melhor não discutir. Pegue a multa e vá os sair

daqui.

O oficial de polícia franziu ainda mais a testa.

— Na verdade, eu estava querendo muito ler aquele jornal — Lucie continuou.

— Um amigo

me escreveu um artigo nele.

O oficial olhou para o motorista e, em seguida, de volta para Lucie.

— Bem, você tem sorte porque eu o recuperei. — E saiu e retornou à sua moto.

— Ele pegou o jornal e vai voltar com uma multa — o taxista disse a ela. — E a multa é sua,

moça. Eu lhe avisei.

— E continua me avisando — Lucie resmungou.

O oficial retornou e entregou o jornal a ela.

— Posso me plorar por com paixão? — Lucie perguntou, juntando as mãos e olhando na direção

dele. — Foi um acidente bizarro. Tenho certeza de que isso nunca voltará a acontecer.

Ele hesitou e, em seguida, acenou com a cabeça.

— Certo, vou deixar passar desta vez. Mas trate de não causar mais esse tipo de acidente

estranho.

— Farei o meu melhor.

— Será mais fácil eu acreditar em você se subir aquele vidro — ele disse, balançando a

cabeça.

— Eu tentei antes, mas estava em perrado.

— Tente outra vez.

Naturalmente, o vidro subiu sem o menor esforço. Lucie suspirou de frustração.

— Eu sei que parece que menti, mas falei a verdade. Palavra por palavra.

— Podem os ir agora? — o taxista perguntou.

— Vão e não pequem mais — o oficial disse, olhando diretamente para Lucie.

O taxista não precisou de nenhum estímulo. Deu partida no carro e saiu acelerado, jogando

Lucie para trás contra o assento acolchoado.

Mercy soltou o ar dos pulmões e agarrou tanto Shirley quanto Goodness pelo braço.

— Vocês... sa-sabem quem ... quem era aquele? — ela gaguejou.

— Sim — Will respondeu para todos. — Era um oficial da lei.

— Não, não era — disse Mercy, tremendo tanto que várias penas amassaram cair de suas

asas. — Era o Gabriel. Ele olhou diretamente para mim.

— Gabriel? — Goodness levou a mão sobre a boca. — Com o você sabe?

— “Vão e não pequem mais”? Que patrulheiro de Nova York iria dizer algo do tipo?

— Ele sabe que nós estávamos os causando problemas a Lucie.

— O jornal, o jornal — Will gritou. — Lucie está lendo o jornal! — Com o era de se esperar,

Lucie tinha aberto a capa do jornal e estava analisando o conteúdo à procura do nome de Aren.



— Ah, não — Will resmungou. — Depois de tudo que passam os...

Mercy o silenciou com um único olhar.

— Não se preocupe. É a edição de sexta-feira.

— De sexta? Você quer dizer que passam os por tudo aquilo por causa de um jornal velho? —

Shirley afundou no assento ao lado de Lucie. — Estou velha demais para esse tipo de emoção —

continuou levando a mão até o peito, na altura do coração.

— Não foi a edição de sexta-feira que voou pela janela — disse Will rapidamente. — Eu vi a

data antes de me sentar e era definitivamente a edição de sábado.

— Então aquele era mesmo o Gabriel — Shirley sussurrou. — Eu não fazia ideia de que ele

intervinha em assuntos da Terra.

— Eu também não... Nunca soube que ele tenha feito algo parecido antes — Mercy continuou

trêmula. — Você sabe o que isso significa, não sabe? — ela perguntou aos colegas Em baixadores

da Oração.

— Hum ?

— Conte-nos.

— Significa que Gabriel também não quer que Lucie leia aquele jornal antes de

conversar com ela. Ele está permitindo, ainda que de modo subentendido, que nós façamos o que

for necessário a fim de que isso não ocorra.

— Gabriel? — Goodness repetiu com o se estivesse chocada. — Você acredita m  
esm o nisso?

— Faz sentido, caso contrário ele teria nos puxado tão rapidam ente para fora da  
Terra que

nossas cabeças estariam girando até agora.

— E talvez ele ainda corte nossas asas — Goodness frisou.

— Minha nossa, m inha nossa! — Shirley gritou. — Ouçam , vocês três,  
prossigam sem m im —

ela pressionou a palm a da m ão contra a testa. — Eu não sei se consigo  
continuar suportando essa

pressão. Acho que devo ter torcido m inha asa batendo-a dentro deste táxi.

— Relaxe — disse Mercy , pegando na m ão da am iga e alisando-a delicadam  
ente. — Respire

fundo e você ficará bem em questão de m inutos.

— Posso fazer algum a coisa? — Will perguntou, dem onstrando preocupação.

— Não, não, tudo deve ficar bem daqui a algum as centenas de anos-luz —  
Shirley o

assegurou.

— Respire fundo — Goodness repetiu. — Respire bem fundo.

— Ah, j á m e sinto m elhor.

O táxi parou em frente ao Encantos Divinos, e Lucie pagou a corrida e desceu do  
veículo.

Então parou na calçada e olhou para a descida da rua. O olhar de Mercy seguiu o  
de Lucie e ela

ofegou, recuperando o fôlego.

— O que é isso? — Goodness quis saber.

— Tem um a banca de jornal descendo a rua — Mercy explicou, atirando-se para fora do táxi.

Goodness e Will a seguiram .

— Não me deixem aqui — Shirley im plorou e, de forma relutante, os seguiu.

Lucie desceu a rua correndo, viu o jornal e abriu a bolsa, vasculhando em busca da carteira

para pegar o valor exato.

— E agora? — Will perguntou, percorrendo com os olhos de cada um a das amigas.

— Agora é muito fácil — Mercy explicou. Ela se sentou numa pilha de jornais e cruzou as

pernas, enquanto o proprietário da banca atendia outro cliente.

Lucie colocou o troco exato no balcão e tentou pegar o jornal. Com o que esperava, ele não

saiu do lugar. Ela voltou a correr os jornais, agora com mais ímpeto. Nada. O homem na banca

estava atendendo dois jovens que vinham aparentemente causando problemas e ela ignorou por

completar.

Mercy cruzou os braços e aparentou satisfação consigo mesma.

Então, Lucie chutou os jornais e Mercy caiu de cima da pilha com o bum bum na calçada.

Felizmente Will a substituiu de forma rápida.

Lucie ofegou e recuou dois passos, parecendo não entender bem o que tinha acabado de

acontecer. Em seguida, pegou a bolsa pela alça, colocou-a de volta no ombro e tentou outra vez.

Will segurou com firmeza.

Outro táxi encostou diante do restaurante e, após alguns instantes, Wendy saiu dele. Ela ficou

de pé ali e observou a filha tentando mais uma vez pegar o jornal, sem sucesso.

— Lucie? — Ela se virou e viu a mãe em pé, do lado de fora do Encantos Divinos. — Pensei

que você chegaria aqui bem antes do que eu — sua mãe disse, juntando-se a ela.

— Mãe, quero ler o artigo de Aren, mas só tive problemas até agora. Você me ajudaria no

que vem acontecendo.

— Que droga! — Wendy olhou para o proprietário da banca.

— Se eu não soubesse das coisas, eu imaginaria estar perdendo a cabeça. E vi algo ultrajante

acontecer no táxi também.

— Venha, você pode me contar sobre isso mais tarde, mas agora precisam voltar ao

restaurante. — Lucie hesitou, chutou a pilha de jornais pela última vez e se juntou à mãe. —

Tenho certeza de que encontraremos o jornal usado dentro do restaurante — Wendy estava

dizendo. — Você sabe como as pessoas sempre deixam esse tipo de coisa para

trás.

Lucie concordou.

— Sei que parece loucura, mas é com o se tudo estivesse conspirando contra mim.

Assim que elas viraram as costas, Shirley suspirou com intensidade.

— Foi por pouco.

Mercy, mal ouvindo a amiga, apontou para o jovem aprendiz.

— Will, entre no restaurante e certifique-se de que não haja nenhum a edição de sábado do

jornal por lá.

— Entendido. — Ele partiu com o um foguete.

— Eu irei ajudar — Goodness insistiu e voou atrás dele.

— Shirley? — Mercy perguntou. Sua amiga parecia pálida. — Você quer retornar ao céu?

Os olhos da antiga Anjo da Guarda arregalaram-se.

— E perder toda essa loucura? Acho que não.

Mercy sorriu para a amiga, que continuou:

— Além do mais, não quero ter que encarar Gabriel sozinha.

Por isso Mercy não a culpava. As duas juntaram-se rapidamente a Goodness e Will. Mercy

estava surpresa com a grande movimentação no restaurante ainda no comêço da noite. Lucie e a

mãe deveriam agradecer por isso.

E ela tinha razão, pois Mercy ouviu Wendy dizer a Lucie alguns minutos depois:

— Todas as mesas estão reservadas e tem os várias pessoas na lista de espera.

Lucie olhou por sobre seu local de trabalho. Catherine, que tinha frequentado a escola de

culinária com Lucie e Jasmine e substituíra Lucie em certas ocasiões e nos dias de folga dela,

sorriu.

— Essa resenha negativa deve ter feito mais bem a você do que mais — comentou Catherine.

Lucie franziu a testa.

— Duvido.

— Todas as mesas, Lucie. Esse é o maior elogio que um local pode receber.

— Sim, suponho que sim, e embora a resenha possa não ter nos afetado, graças a nossos fiéis

fregueses, eu ainda não seria capaz de perdoar Eaton Wells por aquela primeira resenha.

— Lucie, você não é assim — Wendy disse, aparentando surpresa.

— Mãe, pense nisso. Não havia a menor necessidade daquele sarcasmo. Eu já mais desejaria a

companhia de alguém que escrevesse algo tão sarcástico e cruel. Ele pareceu sentir prazer em

derrubar a *chef*, que no caso era eu.

— Você conhece esses críticos. Eles gostam de bancar os espertões.

— À custa dos outros. Bem, eu, por exemplo, não acho isso divertido. Eles mais com a vida

das pessoas... Com tudo o que elas têm .

— Ah, Lucie, você precisa ser mais com placente — sua mãe a criticou.

— Não, não neste caso. Não serei.

Mercy ficou paralisada e olhou para os amigos.

— Vocês ouviram aquilo?

Os três assentiram com a cabeça.

— Tem os que planejar algo — Goodness sussurrou.

— Sim , nós tem os — Will concordou.



## Capítulo 13

O celular de Aren tocou quando ele se sentou, bastante cansado, em frente à televisão. Ao

olhar para o identificador de chamadas, ele viu que era sua irmã, Josie.

— Está afim de um filme? — ela perguntou.

— Obrigado, mas não. Estou exausto.

— Só de limpar o apartamento? — Josie brincou.

— Não, Lucie me ligou e perguntou se eu poderia dar um amor a ela.

— Para fazer o quê?

— Se eu lhe contar, duvido que você acreditará.

— Experimente — Josie disse, soando divertida.

— Servim os 250 refeições no abrigo dos sem-teto do Exército da Salvação.

— Você? — ela não fez o menor esforço para disfarçar sua surpresa.

— Sim, eu, e não aparente estar tão chocada.

— Você nunca fez nada parecido antes.

Sua irmã tinha razão: Aren já se dedicara a algo do tipo. Ele já tinha pensado a respeito,

mas não sabia bem como se engajar no voluntariado. O máximo que fizera fora colocar alguns

dólares no balde vermelho na época de Natal. Esse era o limite de sua generosidade. Além disso,

Aren fazia doações rotineiras a uma série de causas dignas, porém nunca se envolvera

pessoalmente com nada. Sua necessidade de retribuir satisfazia-se naquela barreira confortável

de um cheque colocado dentro de um envelope e jogado dentro de uma caixa de correio.

— Aparentemente, Lucie e a família atuam com os voluntários no abrigo todos os anos.

— Sério? — Até mesmo Josie demonstrou estar impressionada. — E como foi?

Aren apoiou os pés sobre o sofá. Inclinando-se para trás, fechou os olhos e uma enxurrada de

bons sentimentos passou sobre ele.

— A verdade é que, se Lucie tivesse me contado por que ela precisava da minha ajuda, eu

provavelmente teria inventado uma desculpa para recusar. Eu me sinto mal



com pessoas vivendo

nas ruas, mas as mães eu pensam então só vai até aí.

— Sim, mas eu também bem. É meio perturbador, não é?

— Sim, com um problema de tal dimensão, o que uma pessoa pode fazer?

— É — Josie concordou.

— Bem, eu descobri. Consigo fazer muita coisa. Consigo servir 250 pratos de caldo de carne e vagem. Consigo sorrir e desejar um Feliz Natal a todos da fila. E, quando termino de servir,

consigo ir até cada um e perguntar se precisa de algo mais para beber.

— Você fez tudo isso?

— Fiz, além de ter ajudado a encher o lava-louça e deixar tudo pronto para a próxima

refeição. E, embora esteja cansado, estou me sentindo igualmente bem.

— Uau, e você disse que Lucie faz isso todos os anos?

— É tradição familiar. Aparentemente, eles se dedicam ao voluntariado durante vários dias

em dezembro. Lucie e a mãe cuidavam da comida, e, com o tempo não fosse suficiente, Lucie teve

que correr para chegar a tempo no restaurante.

— Ela está trabalhando um turno inteiro depois de passar a tarde toda no abrigo?

— Parece que sim.

Josie hesitou.

— Ela é especial, não acha?

Aren não precisou pensar duas vezes. Após seu casamento fracassado, ele vivia receoso

quando o assunto era relacionamentos. Já era ruim o bastante pensar que Katie tinha voltado com

o antigo amor, mas o que mais o magoava, além da decepção, era com o ele descobrira isso.

Aren tinha surpreendido Katie na cama com o amor antes... Na casa e na cama a que Aren dividia

com a esposa. A cena que se seguiu permaneceria na mente dele pelo resto de sua vida. Ele

pedira o divórcio, e Katie, na verdade, parecera grata pelo fim do casamento.

O pior de tudo foram os desdobramentos psicológicos. Aren sentia-se com o alguém que levou

um tombo feio de um lance de escadas e, a partir daí, sempre se agarraria ao corrimão,

independentemente dos poucos degraus que houvesse.

— Eu sei que você gosta de Lucie — Josie continuou.

Ele não podia negar.

— Finalmente conheci a mulher que esperava encontrar. Lucie me dá a esperança de que

posso voltar a me apaixonar. Ela me faz acreditar que posso confiar em outra mulher.

Josie soltou a respiração com um profundo suspiro.

— Katie o magoou mesmo, não foi?

— Pode-se dizer que sim .

— Mas, Aren, Lucie não sabe toda a verdade sobre você.

Esse era o único obstáculo em seu caminho. Ele esperava esclarecer as coisas no domingo,

fosse antes ou depois do jantar.

— Ela logo saberá, e, se ela for metade da mulher que penso que é, então estará disposta a se

esquecer daquela resenha.

— Eu não sei o que deu errado na primeira noite no restaurante — Josie completou.

— Eu também não. — Ainda assim, Aren não mudaria nada da resenha em relação ao prato

que lhe serviram. Em sua opinião, estava intragável.

— Já fui várias vezes ao restaurante depois daquela vez — Josie continuou. — E a comida está sem precedentes. Não consigo entender o que aconteceu naquela noite.

— Eu também não, e concordo com você. Lucie é extraordinariamente talentosa na cozinha.

— Ela não leu a coluna de Eaton Wells no jornal de hoje, leu?

— Não, graças a Deus.

— O que aconteceu? Pensei que sua resenha estava programada para o próximo sábado.

— Eu também pensei. Ao que parece, Sandy Markus decidiu publicá-la esta semana após o

artigo que escrevi sobre o que aconteceu no *Anjos no Natal*. Faz sentido, uma vez que eu acabei mencionando que fomos àquele restaurante assim que acabou a peça.

— Ela devia tê-lo alertado.

— Ela? Contar para mim? — Aren riu. — Sandy tem um jornal para publicar e o que acontece

comigo quando um dos meus textos é impresso não significa nada para ela. Na cabeça dela, eu

deveria agradecer pelo meu emprego. E eu sou grato por ele. Essa oportunidade tem sido

maravilhosa.

Josie hesitou por um instante e, em seguida, perguntou:

— Tem certeza de que não vou conseguir convencê-lo a assistir a um filme?

— Hoje à noite não, minha.

— Certo, bem, acho que vou sozinha ao cinema, então.

Josie parecia de fato um pouco chateada. Nos últimos dias, ela raramente mencionava Jack,

mas Aren sabia que a alemã branca do fim do relacionamento permanecia recente na cabeça da

irmã, em bora tivesse ocorrido há mais de um ano.

— Que tal chamar um de seus amigos?

— É dezem bro. Eles estão todos ocupados fazendo compras e passando tempo com a família.

Esta é a vida de uma mulher solteira.

— Você teve alguma notícia de Jack? — Aren arriscou. Sua pergunta foi seguida por um breve

e constrangedor silêncio.

— Nunca mais — ela respondeu sem entrar em detalhes.

Então Josie rapidamente mudou de assunto. Ela não parecia interessada em voltar a namorar.

Vendo como a irmã estava sensível em relação a Jack, Aren arrependeu-se de trazer o assunto à

tona.

Eles encerraram a conversa e, um tempo mais tarde, Aren aqueceu uma tigela de sopa

enlatada e preparou um sanduíche de pasta de amendoim com geleia. Não conseguia deixar de

pensar em Lucie e no quanto ela deveria estar cansada. Então resolveu ligar para ela na manhã

seguinte e convidá-la para jantar fora em vez de fazê-la cozinhar. Ela precisava de um descanso.

Desse modo, esperava que os dois tivessem um pouco de privacidade para discutir sobre o artigo

e sobre a função de Aren no jornal.

Eram mais de 23h, e Aren assistia à TV quando a campainha tocou. Seu primeiro pensamento

foi de que poderia ser Lucie, mas, após checar o olho mágico, viu que não era ela.

Ao abrir a porta, ele se deparou com Josie em pé, pálida e obviamente chateada.

— Ei, e aí?

Ela ignorou a pergunta dele.

— Tem um minuto para mim?

— É claro. — Ele acomodou a irmã para dentro de casa e fechou a porta atrás de ambos.

Josie afundou no sofá e, em seguida, sentou-se bem na beirada da almofada. Pegando um

lenço dobrado, ela focou a atenção em rasgá-lo em pedacinhos.

— Deve ter sido um baita filme e — ele disse, tentando ser cômico.

— Eu... Eu não fui.

— Por que não?

Em vez de responder, ela vasculhou dentro da bolsa à procura de um lenço novo e o passou no

canto de cada olho antes de assoar o nariz. Então sentou-se com o corpo ereto e, em seguida,

endireitou os ombros.

— Adivinhe quem eu acabei encontrando? — perguntou, com um tom irreverente.

— Acho que não foi o Papai Noel e seus duendes.

Os olhos dela quase fecharam quando olhou fixamente para o irmão.

— Não. Encontrei Jack. Felizmente, acho que ele não me viu.

— Que Jack?

— Não tem graça, Aren. Não é hora para brincadeiras. Não está vendo que estou chateada?

— Tudo bem, tudo bem, desculpe. Então você viu Jack.

— Ele não estava sozinho — explicou. A essa altura, a coluna dela deveria estar tão rígida

quanto o cabo de um a vassoura. O orgulho, ao que parecia, era ótimo para uma postura

adequada.

— Jack estava com outra mulher? — Ah, a situação não deve ter sido fácil.

Josie acenou com a cabeça e, soltando os ombros, pegou um lenço novo.

— Jack e a mulher riam e brincavam um com o outro, curtindo à beça. E lá estava eu,

completamente sozinha, numa fila para conseguir um ingresso para o cinema.

— Ah, Josie, sinto muito. — Aren arrependeu-se de não ter ido com ela, pelo menos para lhe

dar um apoio moral.

— Me sinto uma perdedora total.

Aren sentou-se ao lado da irmã e apertou-lhe delicadamente o braço.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Talvez não seja, mas foi assim que me senti. Aqui estou eu, solitária e infeliz, enquanto

Jack...

— Jack seguiu com a vida dele — Aren completou.

Josie fez o máximo esforço para sorrir.

— Grande coisa.

— Ela era bonita?

Sua irmã o encarou com um olhar que seria capaz de derreter criptonita.

— O que você acha?

— Incrívelmente maravilhosa — ele murmurou. Aren conhecia esse sentimento. O amor de

Katie era fisiculturista, tão cheio de músculos que — por falar em criptonita — até o Super-

Homem sentiria inveja. Os músculos mais fortes do corpo de Aren localizavam-se em seus

dedos, de tanto digitar e escrever. Com cuidado ao homem pelo qual Katie o trocara, Aren sentia-

se com o um fracote de aproximadamente 45 quilos.

— Lamento por você, maninha — ele se solidarizou com ela. — Você quer alguma coisa?

Josie ergueu a cabeça.

— O que você tem aí?

Infelizmente, Aren nunca fora de beber muito, por isso não costumava ter bebida alcoólica no

apartamento.

— Cerveja, acho. Se eu tivesse chocolate, ofereceria.

— Eu não sei, Aren. Do jeito que estou me sentindo agora, não há cookies de chocolate no

mundinho que me ajudem a superar isso.

— Então você ainda o ama? — Na verdade, a resposta era bem óbvia, pelo menos para ele.

Pelo modo como ela hesitou, Aren pôde notar que ela ainda nutria intensos sentimentos por

Jack, embora relutasse em admitir.



— Acho que sim . Pensei que conseguiria tirá-lo da minha cabeça, mas me enganei.

— Você já pensou em entrar em contato com ele? — Aquilo parecia uma solução óbvia para

Aren.

Josie olhou fixamente para as próprias mãos e para os lençóis amassados.

— Na verdade, eu quase fiz isso esta noite... Bem antes de ligar para você. Seria muito

engraçado, não é? Jack teria se divertido com isso, agora que ele está namorando a Miss

Universo.

— Pare. Você não é de se jogar fora, Josie. É inteligente e atraente, bem - educada e...

— É claro — ela zombou — que você diria isso, já que saímos do mesmo fundo genético.

Aren riu.

— Estou falando sério. Em minha opinião, você tem duas escolhas: pode tentar consertar as

coisas com Jack ou seguir em frente com sua vida. A escolha é sua.

— Bem , é certo que eu não vou correr atrás de Jack. Isso é certeza.

— Então você não o ama. Na verdade, sim, talvez não deseje a que ele encontre outra

pessoa. Quer que ele deseje você pelo resto da vida dele.

O olhar dela encontrou-se com o dele e, por um segundo, Josie aparentou estar chocada com o

com entário de Aren.

— Nada disso. Eu m e im porto com ele.

— Não, você não se im porta, principalm ente se estiver disposta a desistir.

— Ele encontrou outra pessoa — Josie argum entou.

— Você não tem certeza disso — ele contra-argum entou com a m esm a rapidez.

— E se ele

encontrou m esm o, e daí? Você tam bém se im porta.

— E daí? Claram ente você não entende a situação. Eu vi Jack com outra m ulher e posso lhe

garantir um a coisa: ele não estava pensando em m im com o eu vinha pensando nele.

Aren concluiu que os dois poderiam discutir sobre esse assunto a noite inteira e não chegariam

a um consenso.

— Apenas quero dizer, m ana, que, se você ainda tem sentim entos tão fortes, dem onstre-os a

Jack. Se você não os tem , então deixe pra lá. Faça o que estiver ao seu alcance para aprender

com a experiência e seguir adiante.

Josie refletiu e balançou a cabeça com o se aparentasse levar em consideração o conselho

dele. Após alguns instantes, ela sussurrou:

— Sou m uito orgulhosa para tentar falar com Jack... E, no final das contas, acabarei

conhecendo outra pessoa tam bém .

Aren com preendia a questão do orgulho muito bem .

— Sim , você conhecerá — ele disse com o tom mais tranquilizador que conseguiu, e esperava

que isso fosse verdade.

— Você ouviu isso? — Will perguntou a Goodness. Os dois tinham deixado Mercy e Shirley

com Lucie e a mãe. As amigas permitiam que fossem até Lucie para mantê-la longe da coluna de

Eaton Well. Will e Goodness foram verificar o que se passava com Aren. — Tem os que agudam a

coitada da Josie — Will disse, sentindo-se péssimo com o romance fracassado dela.

— Não podem os. Estão os estritamente proibidos.

— Mas ela está apaixonada, infeliz e magoada. Não é esta também nossa missão: confortar

aqueles que sofrem ?

— Somente os Embaixadores da Oração, Will. Alguém tem que orar por ela primeiro.

— Ela não pode orar?

— É claro, mas aparentemente não está orando.

— Por que não?

Goodness encolheu os ombros.

— É engraçado. Alguns homens são guerreiros da oração e há outros que só oram quando

estão desesperados ou precisando muito de intervenção divina. Só assim eles

gritam

insistentem ente para Deus em busca de ajuda.

— Nós respondem os a esses oradores desvairados? — Will quis saber.

— Fazem os o que podem os em curto prazo.

Will observou enquanto Josie abotoava o casaco e saía na fria noite. A sensação festiva dos feriados estava por todo lado, mas a irmã de Aren não parecia notá-la. Ela continuava de cabeça

baixa e os ombros arqueados para a frente contra o frio e o vento.

Na esquina, ela parou em um semáforo vermelho, colocou a mão dentro da bolsa e puxou o

celular. Por um longo tempo, manteve-se olhando o aparelho. Depois, olhou para o relógio,

suspirou e jogou de volta dentro da bolsa.

— Você acha que ela ia ligar para Jack? — Will perguntou.

— Não sei. Acho melhor voltarmos e nos informarmos sobre Aren.

Will olhou por sobre o ombro.

— Posso seguir Josie para garantir que ela chegará bem em casa?

Goodness mordeu o lábio inferior.

— Tudo bem, mas não deixe Mercy ou Shirley saberem que eu permito que você fosse.

— Certo.

— Ah, Will?

— Sim ?

Goodness bateu de leve com os pés de maneira im paciente.

— Você tem que ser menos sensível quando for lidar com humanos. Deus lhes concedeu o

livre-arbítrio. Se nos envolvermos na vida deles, pode dar confusão.

— Mas Deus os ama.

— Ele ama muito. Ele sofre quando eles fazem escolhas erradas, mas Ele está determinado a

deixar cada um dos humanos tomar sua própria decisão.

— Incluindo Josie.

— Incluindo Josie — Goodness repetiu.

— E Aren e Lucie.

— Exatamente — a Goodness, só lhe restava ter esperanças de que tudo saísse bem para o

jornalista e a *chef* de cozinha.



## Capítulo 14

— Você deve estar exausta — a mãe de Lucie a seguiu em direção ao quarto após seu turno

no restaurante.

— Você também, mãe. — Wendy tinha trabalhado quase a mesma quantidade de horas que

Lucie, apesar de seu estado clínico. Felizmente, Aren pôde ajudá-las a servir os sem-teto mais

cedo naquele dia. Ele fora m aravilhoso, realm ente m aravilhoso. Fizera questão de não deixar

nenhum a delas carregar peso e levou para lá e para cá todos os potes pesados e os pratos. Aren

com eçara a trabalhar com afinco desde que chegara, dando-lhes m ais do que um a m ão.

Foi bem m ais do que a disposição dele em servir que tocou o coração de Wendy . Aren havia

sido m aravilhoso com os hom ens e as m ulheres, conversando com eles, fazendo-os se sentir

acolhidos, sem pre lhes perguntando algo, puxando assunto. Ele se dispusera a ouvir quando tantos

outros viraram a cara, e tam bém fora ótim o com as crianças.

— Estou cansada, m as não fui eu quem ficou escravizando-se sobre um forno quente a noite

toda.

— Mãe, eu am o o que faço.

Sua m ãe a abraçou e depois seguiu para o próprio quarto. Sam m y perm aneceu pacientemente

ao lado de Lucie, esperando-a, disposto a segui-la aonde quer que fosse.

Lucie tom ou um banho dem orado e se vestiu a fim de ir para a cam a. Dom ingo à tarde ela

prepararia o j antar para Aren, e j á planej ara um a refeição de que ele se lem braria por m uito

tem po. Anos atrás, sua m ãe lhe dissera que o cam inho para o coração de um hom em era o

estômago. Ela queria o coração de Aren. Apesar de todas as exigências de sua vida, da

responsabilidade de fazer do restaurante um sucesso, Lucie não conseguiu deixar de se apaixonar

por Aren. Ele era fácil de amar. A cabeça e o coração dela estavam cheios quando adormeceu.

Seus sonhos naquela noite foram dominados por Aren. Lucie despertou com o cheiro de café

fresco.

— Bom dia, querida — Wendy disse quando Lucie chegou cambaleando à cozinha,

esfregando os olhos de sono.

Automaticamente, sua mãe despejou o café na xícara.

— Tem os dez minutos antes da igreja agora pela manhã. O Advento é a minha época favorita do

ano. Amo cantar as músicas natalinas.

— Eu também. — Com tanta coisa a fazer em seu dia de folga, Lucie estava tentada a não ir

ao culto de adoração. Seria fácil dar uma desculpa para sua mãe. Mas ela não deu, e ficou

contente porque o culto foi inspirador.

Se a ela faltava o espírito natalino, trabalhar com os sem-teto no Exército da Salvação e frequentar a igreja davam-lhe mais do que precisava.

Depois da igreja, Lucie e Wendy arrastavam a decoração da árvore de Natal do depósito no

porão do apartamento. Ela esperava que Aren não se importasse em ajudá-la a

montar a árvore

na tarde. Seria divertido e romântico.

Antes que Lucie se dirigisse até o porão pela última vez, para trazer o último carregamento de

decorações, Wendy anunciou que tinha planos para a tarde. Ela sairia às compras com um a

amigo e talvez fossem assistir a um filme e depois. Lucie não era boba. A mãe dava-lhe um

presente: passar na tarde sozinha com Aren.

Subindo as escadas, Lucie deparou com a vizinha.

— Feliz Natal, sra. Sullivan — ela disse, toda animada. Estava muito bem-humorada, invadida

por uma feliz ansiedade por sua tarde com Aren.

— Feliz Natal, Lucie! — Sua vizinha mais velha arrastava uma caixa de lixo até o contêiner de

lixo reciclável.

— Ah, esse é o jornal de sábado? — ela perguntou, olhando a data no jornal sobre a caixa.

— É, sim.

— Você se importaria se eu o lesse?

— Imagine, por favor.

Lucie apanhou o jornal e o colocou sob o braço enquanto subia correndo os degraus, ansiosa

para procurar o nome de Aren. Ele pedira para que ela esperasse para ler, o que parecia certa



tolice. Era a primeira vez que teria um artigo assinado, e ela estava orgulhosa.

— Consegui pegar o jornal de sábado — Lucie gritou assim que voltou ao apartamento. Após

descer com a última caixa de ornamentos, ela puxou uma cadeira e espalhou o jornal sobre a

mesa. Mas, depois de passar por cada seção duas vezes, ainda não conseguira encontrar o nome

de Aren em nenhum lugar.

— Não está aqui — ela disse, com as palavras envoltas por decepção. — Pelo menos não da

forma que eu esperava.

— Com o quê? — sua mãe quis saber.

— Bem, Aren comentou que escreveu um pequeno texto sobre a peça que vimos e o que

aconteceu, mas não há nenhum texto assinado por ele, apenas uma nota para conferir a resenha

do restaurante, só que ela não faz o menor sentido.

— Você leu a resenha do restaurante? — a voz de Wendy soou tão decepcionada quanto

Lucie.

— Não — admitiu.

— Ele escreve na seção de esportes? — sua mãe questionou, como se Lucie estivesse

procurando na seção errada.

— Não... Na verdade, ele nunca mencionou sobre o que escreve. — Agora que

ela pensou a

respeito disso, constatou que Aren sem pre fora bem reservado quanto à sua função no jornal.

— Bem, confira a resenha do restaurante — Wendy sugeriu.

De qualquer forma, Lucie estava confusa.

— Ele não deve ter nada a ver com ela. A resenha é assinada por Eaton Well.

— Então não a leia — disse sua mãe, balançando a cabeça. — Toda vez que você olha a

coluna dele fica chateada.

— Com razão. O homem é um idiota.

— Lucie, você não deveria dizer isso.

— Não consigo me controlar, mãe. Eaton Well quase nos arruinou. Ah, e olhe só — ela disse,

apontando para a coluna. — Com o que se espera, ele está escrevendo sobre o mesmo

restaurante onde Aren e eu jantamos na última quinta-feira. — Então, pegou o jornal e passou o

olho sobre o artigo. Com menos de cinco centímetros de texto, os dedos de Lucie já

pressionavam as bordas do jornal.

— Lucie, eu falei para você não ler a resenha. Toda vez você fica chateada.

Ela engoliu em seco, fechou os olhos e colocou o jornal de volta sobre a mesa. Lentamente,

levantou-se e sentiu um nó se formar em sua garganta.

— Outra resenha negativa? — a mãe perguntou.

— Foi normal — ela respondeu, com a voz falhando levemente à medida que começava a

perceber a verdade: Aren era Eaton Well. Por esse motivo ele queria que ela lesse o jornal

apenas depois de conversarem. Ele pretendia contar-lhe que era o responsável por aquela

resenha horrível sobre o Encantos Divinos. Na época, Aren não sabia que ela era a *chef* que lhe preparara a refeição. O linguado era um dos pratos assinados por ela, aquele do qual Lucie mais

se orgulhava de ter acrescentado ao cardápio. E ele criticara o prato com uma linguagem tão

rude que a ferroada perdurava na mente dela até aquele momento, depois de todas essas

semanas.

— Lucie, está tudo bem com você? — Wendy lhe perguntou.

— Sim, mãe — ela estava em pé, embora não soubesse o que pretendia fazer ou aonde

pensava ir. Era como se o cômodo repentinamente encolhesse, como se as paredes estivessem se

aproximando dela. Lucie não tinha onde se esconder, nem para onde correr.

— A que horas Aren estará aqui? — a mãe perguntou.

— Ah... Não me recordo. — A cabeça de Lucie começou a girar. Aren logo chegaria ao

apartamento. Seria impossível olhar para ele, sabendo o que ela sabia.

— Daqui a uma hora a Janice passará para me pegar. Você tem certeza de que

não quer

ajuda para decorar a árvore?

A árvore. Lucie tinha se esquecido completamente de que tinha concordado em decorar a

árvore de Natal. Uma tarefa pela qual ansiava realizar na companhia de Aren. Agora, seria

impossível.

— Eu me onto a árvore, mãe, não se preocupe.

— Se Aren tiver outra ideia, não se incomode, está bem ?

— Claro. — Ela caminhou até um canto da cozinha e voltou, perdida em uma névoa que se

recusava a dissipar. Lucie precisava pensar, o que estaria fora de cogitação se Aren estivesse

com ela.

Aren. Aren era Eaton Well.

Não foi fácil para Lucie dissimular sobre algo que ela deveria ter descoberto há muito tempo.

— Lucie, você está bem ? Está tão pálida. Tem certeza de que está se sentindo bem ? Eu posso

ficar em casa, caso você queira.

— Não... Estou bem . Vá e divirta-se... Aproveite o dia.

— Eu vou. — Sua mãe zuniu, e correu para um lado e para outro, organizando as pilhas de

coisas sobre a bancada da cozinha e preenchendo alguns cartões de Natal enquanto esperava a

am iga chegar.

Lucie aguardou o m om ento propício até sua m ãe sair. Então, chegando a um a decisão, pegou

o telefone. O m ais im portante naquele m om ento era encontrar um a desculpa para m anter Aren

longe dali. Ela precisava pensar, absorver a verdade, descobrir o que fazer.

Aren atendeu ao telefone após o prim eiro toque, e, ao ver que era Lucie, ele disse:

— Olá. Estou quase saindo de casa.

— Que bom que encontrei você, então — Lucie esforçou-se ao m áxim o para parecer que não

havia nada de errado.

— O que foi?

Em um instante, ela teve um a ideia do que fazer.

— Eu andei pensando m elhor...

Algo na voz dela deve ter traído seus sentim entos, pois Aren em udeceu de um a hora para

outra. Lucie podia até ouvir o barulho de fundo: o som de um elevador abrindo as portas; o som

apressado das portas se fechando e, em seguida, nada.

— Pensando em quê? — ele perguntou, soando tenso e indeciso, com o se a testasse.

— Em nós. Quando nos conhecem os, há m eses e m eses, eu lhe disse que m inha vida era m uito

corrida com o restaurante e tudo m ais. A época para eu m e envolver com

alguém não poderia

ser pior. E agora percebo que nada mudou desde então.

— Em outras palavras, você quer dar um tempo.

— Sim .

Ele silenciou por um longo tempo e, em seguida, com uma voz calma, perguntou:

— Você viu o artigo, não é?

— Sim . — Ela não iria entender para ele.

— E agora você me odeia?

— Não. — Lucie nunca conseguiria odiar Aren. — Eu... eu preciso dar um passo para trás e

reavaliar nosso relacionamento. Você não é a pessoa que pensei que fosse.

— Você está enganada, Lucie.

— Você foi cruel e mesquinhoso na resenha que escreveu sobre o Encantos Divinos. Eaton Well

não é uma pessoa bondosa... Ele acha que está sendo esperto e não está. Usa as palavras para

derrubar as pessoas... O que você escreveu sobre o Encantos Divinos foi injustificável e...

— Eu fui honesto — ele disse, interrompendo o discurso dela.

— Minha vida é tão ruim assim ? Você está me dizendo que o esforço e o investimento que

eu e minha mãe fizemos no restaurante foi uma perda de tempo e que me fazem fracassar?

— Eu não escrevi nada sequer parecido com isso.

— Quem me dera não tivesse escrito. — Ele não respondeu, o que foi melhor. Discutir não

levaria a lugar algum. — Você não respondeu a minha pergunta — ela continuou. — Agora me

conte e seja verdadeiro. O linguado estava tão ruim assim ?

Novamente, Aren hesitou com o se estivesse procurando um caminho ao redor da verdade, a

sua verdade.

— Todo mundo tem um dia ruim de vez em quando.

— Tão ruim assim ? — ela repetiu, mais alto desta vez, de forma mais insistente.

Lucie sentiu o coração pulsar antes de ele responder:

— Sim, estava.

— Certo — ela quase engasgou. — Isso já me diz tudo.

— Lucie, você está sendo exagerada e injusta.

— Estou sendo injusta? Bem, olha quem fala!

— Certo, tudo bem, se você não quer mais me ver...

— Você deveria ter me contado quem você realmente é há muito tempo — ela argumentou.

— Eu não podia. Meu contrato não me permitia contar abertamente, então fiz o melhor que

pude. Fui o mais honesto possível. Eu lhe contei por meio da única forma que podia, citando seus

com entários na minha coluna. Eu sabia que, assim que você começasse a ler minha resenha,

perceberia. Você não pode me culpar por ter enganado você.

Aren tinha razão, e, embora quisesse discutir com ele, Lucie não conseguia. Mas isso não

mudava o fato de que ele era o homem em que estivera disposto a arruinar o investimento dela e da

vida dela. E não conseguia ignorar tal acontecimento.

— Eu compreendo que você fez o seu melhor para não me enganar... — ela começou, e sabia

que, com o ele fora enganado pela esposa, não me entristecer era fundamental. Entretanto, isso não

alterava o fato de ele ser quem ele era.

— Mas... — ele disse, antecipando-se a ela.

— Mas não está dando certo, Aren. Não está dando certo.

— Eu não acredito em você.

— Com o quê? — ela se enfureceu, ainda que Lucie não tivesse expectativas de que seria fácil lidar

com isso. O que ela achou difícil foi o modo com o qual ele a desafiou. Ela até previu que Aren

reagiria com orgulho inflado e defenderia suas atitudes. Em vez disso, ele demonstrou

sensatez e serenidade, dificultando ao máximo o que precisava ser feito.

— Você me ouviu muito bem. Nosso relacionamento está dando certo e isso a amedronta.



Você confiava em mim, mas, quando fiz uma objeção à sua com ida, não soube aceitar a crítica.

— Você está tão errado que perde até a graça. — Não era uma questão de orgulho. O

problema era que ela estava se apaixonando por Aren, o que tornava tudo mais difícil. Lucie

sentia que o homem em quem ela não podia confiar chamava-se Eaton Well, e descobrir que os

dois eram a mesma pessoa a obrigava a repensar o relacionamento deles.

— Eu duvido que esteja tão errado assim — ele replicou, soando completamente sereno. —

Você está com medo.

— Certo, confesso. Estou com medo.

Ele se deteve com o que não esperasse que ela fosse admitir os próprios medos.

— O que você está realmente dizendo, Lucie? Quer dar um tempo ou acabar com nosso

relacionamento de vez?

— Eu... Eu acho que seria melhor se não nos víssemos mais.

— Nunca mais?

Lucie fechou os olhos e segurou o celular com ainda mais força. O aparelho já estava tão

pressionado contra a orelha que chegou até a machucá-la.

— Eu... Eu não sei. — Aquele momento não era adequado para tomar esse tipo de decisão.

— Mas me deixar nessa situação parece muito injusto, não acha?

— Sim — ela teve que concordar.

— Então decida. Se você quiser dar um tempo, então damos um tempo. Podem os voltar a nos

encontrar daqui a um mês ou dois.

— Eu... preciso de mais tempo.

— Três meses?

— Não sei — ela fechou os olhos.

Aren não levou em conta, mas sem humor.

— Acho que entendi a mensagem. Você quer que eu desapareça completamente da sua vida,

mas não tem coragem para dizer isso.

Lucie não sabia se era verdade ou não.

— Eu... Eu não sei o que dizer. Preciso de um tempo.

— Então use todo o tempo de que precisar. Mas não mude de opinião em relação a mim

resenha. Não sei o que aconteceu naquela noite com o linguado, mas, para mim, ele já mais

poderia ter sido servido. Você teve mais de 300 clientes que discordaram completamente de

mim, e eu tive a oportunidade de jantar pela segunda vez no Encantos Divinos, e não me

arrependi, pois a comida estava maravilhosa. Fiz uma resenha elogiando. Dei a você outra

chance.

— Eu sei — ela sussurrou, sentindo-se péssima. Ele realmente escrevera uma resenha positiva,

mas só depois de descobrir que ela era a *chef*.

— É uma pena você não estar disposta a fazer o mesmo por mim.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Aren sussurrou:

— Até logo, Lucie. — E desligou.

— Com o Lucie conseguiu pegar aquele jornal? — Mercy lamtentou, observando os

acontecimentos se desdobrarem do horizonte do Brooklyn, acima do apartamento de Lucie. —

Quem estava encarregado de observá-la?

Will ergueu a mão com relutância.

— Ela estava no porão. Eu não cheguei nem a ver quem lhe deu o jornal. Lamtentou

profundamente. E agora tudo está arruinado e mais uma vez é culpa minha.

Gabriel surgiu diante deles, chegando inesperadamente e sem fazer muito alarde.

— Então, com o romance entre Lucie e Aren está se desenvolvendo? — ele perguntou,

embora Mercy tivesse uma forte suspeita de que ele já sabia a resposta.

Ninguém parecia disposto a responder.

— Ela acabou de dizer a Aren que não quer mais vê-lo — Shirley murmurou.

— E é tudo

culpa nossa.

— Nós sabotamos o olho do peixe que ela preparou e isso estragou os planos de Deus — Will

admitiu.

— Esse é o problema — disse Gabriel, cruzando os braços sobre o peito. — É um

problema dos grandes. Existe um motivo muito bom pelo qual os Embaixadores da Oração são

requisitados a não se envolver nos assuntos da Terra. E quando vocês se envolvem, as coisas

saem do controle.

— Saem mesmo do controle — Shirley concordou. — E eu sou a culpada.

— Eu também tenho culpa — Goodness confessou.

— Todos nós somos os culpados — Mercy concordou, e o pior de tudo é que elas tinham levado o

jovem Will pelo caminho errado também.

— Podem os consertar essa situação? — Will perguntou avidamente.

Gabriel olhou para cada um deles.

— Acho que talvez seja melhor largar esse caso e deixar que Lucie e Aren o resolvam

sozinhos — ele sugeriu.

— Mas eles conseguirão? — Mercy contestou em busca de uma resposta. Ela estava aflita

porque duas pessoas que aparentemente se davam tão bem juntas chegaram ao ponto de ficar

nesse impasse. Ela queria ajudar, mas sabia que não poderia se atrever.

— A partir de agora, o que vai acontecer é com eles — disse Gabriel, fazendo em seguida um

gesto com pletam ente inesperado: afagou o om bro de Mercy com delicadeza.  
— Não é nossa

m issão com preender por que os hum anos tom am tais decisões. Tudo é um a  
questão de livre-

arbítrio.

— Mas Aren e Lucie foram feitos um para o outro — Will argum entou.

— Foram ? — Gabriel questionou.

Infelizm ente, Shirley , Goodness, Mercy e Will desconheciam a resposta àquela  
pergunta.



## Capítulo 15

— Por que está tão carrancudo? — Josie perguntou quando Aren encontrou a  
irm ã na m anhã

de segunda-feira. — Pensei que você tivesse passado o dia com Lucie e  
desfrutado o j antar que

ela lhe preparou.

— Eu não fui.

— O quê? — Josie quase trom bou no hom em que estava à sua frente na fila do  
Starbucks. —

Por que não? No sábado você só conseguia falar sobre a tarde que passaria com  
Lucie.

Isso não era inteiram ente verdade. Quem não parara de falar fora sua irm ã, lam

entando a

triste situação de sua vida após ter visto Jack. Aren queria ter sido um pouco mais simpático na

ocasião, uma vez que no atual momento era ele que estava quase sendo rejeitado.

— Está tudo acabado entre nós — ele afirmou sem rodeios, com o efeito da consequência disso não

fosse significativa. Na verdade, ele só conseguiu pensar em Lucie depois de ter desligado o

telefone. Ela demonstrara mais seus sentimentos. Não importava o que ele dissesse, Lucie não

iria mudar de ideia. Ela queria um tempo, pelo menos alegaria isso, mas Aren não precisava de

uma bola de cristal para ler a mente dela. Lucie não queria mais nada com ele, só não fora forte

o bastante para dizer isso.

Só pelo olhar do irmão, Josie descobriu o que tinha acontecido.

— Lucie leu a coluna, não é?

A fila do Starbucks começou a andar, e eles também.

— Sim, e por mais doce que ela aparente ser, perdoar não é de sua natureza.

Josie franziu a testa.

— E você não vai fazer nada?

O olhar de Aren fixou-se no irmão.

— Não tenho escolha alguma.

— Espere só um minuto. Não foi você que me repreendeu sobre Jack e orgulho, dizendo-me

que, se eu estivesse realmente apaixonada por ele, não poderia ficar sentada aceitando o fim do

relacionamento?

— Eu disse tudo isso? — Aren queria devorar essas palavras, já que elas estavam de volta para

corroê-lo.

— Isso me irrita mais.

— Você me levou a sério? — Ele sabia que Josie não tinha levado, e agora, enxergando a

situação no lugar dela, compreendia por quê.

— Na verdade, eu levei. — Com a vez na fila, Josie caminhou até o balcão e pediu café

para os dois.

Aren não esperava que sua irmã fosse pagar a bebida dele. Mas, com o que ele fizera isso para ela

recentemente, ao que parecia, Josie estava retribuindo.

O barista entregou a cada um deles um café grande e Josie pagou passando o cartão de débito.

Eles começaram a se deslocar na direção do metrô quando Aren exigiu mais informações.

— Você falou com Jack?

— Ainda não, mas pensei muito sobre o que você disse. Você tem razão, Aren. Preciso

encarar o fato de que me importo com Jack. No entanto, preciso resolver se a dor que senti ao

vê-lo com outra mulher foi verdadeira ou se fiquei simplesmente enciumada e zangada por ele

ter se recuperado a ponto de voltar a se relacionar com alguém .

— O que você resolveu?

— Não decidi... Ainda.

Aren balançou a cabeça. Ele e a irmã certamente foram um par magoados e abalados, e

ambos relutantes em deixar o orgulho de lado.

— Estou tentando achar que seria melhor eu me concentrar na minha carreira — ele

contou à irmã. — É melhor evitar qualquer relacionamento.

— Não seja tolo. Você quer uma esposa e uma família.

— Quem disse? — ele questionou.

— Eu. Você seria um maravilhoso marido e pai. Não pode deixar que essa má sorte o

atrapalhe.

— É mais do que má sorte. É carma. Todo relacionamento que já tive ou estive perto de ter

acabou em chamas.

— Não é verdade. Veja o caso de Mary Jane Milton. Ela era louca por você no colégio.

— Eu a vi no nosso último encontro do pessoal do colégio. Casada, três filhos e outro a



caminho.

— Viu só? Você não agiu rápido o bastante.

— Eu tinha 17 anos.

Eles chegaram à estação de metrô e Josie parou.

— Encontre-me para o jantar — ela insistiu.

— Vou trabalhar até tarde hoje — Aren murmurou. Ele sabia que a irmã queria ajudá-lo, mas

esse lance com Lucie estava fresco em sua mente e ele preferia tirar alguns dias para cuidar das

feridas.

— Certo, ligue-me e quando terminarem e nos encontrarmos em algum lugar conveniente.

— Eu...

— Não discuta comigo — ela disse, começando a descer os degraus. Já na metade, parou e

olhou para trás. — Não me decepcione, Aren.

Não parecia que ele seria capaz de sair facilmente dessa situação, por isso resolveu tirar o

máximo proveito: jantar com a irmã deveria ser seguro o bastante.

Felizmente, Aren manteve-se ocupado desde o instante em que entrou no jornal. As distrações

ajudavam a afastar Lucie de sua cabeça. Ele almoçou na própria mesa, engolindo o sanduíche

de rosbife com um olho de raiz-forte e uma xícara de café. Às 18h, ele estava cansado e mal-

hum orado. Jantar com Josie não o atraía muito, visto que ela certamente iria repreendê-lo. Aren

queria apenas ficar de boca calada quando o assunto girasse em torno de conselhos,

principalmente agora que Josie iria com certeza retribuir o que ele fizera antes.

Sendo um irmão dedicado, ligou para ela com o prometido.

— Está com fome? — Josie perguntou.

Aren teve que pensar a respeito.

— Acho que sim.

— Ótimo. Encontre-me no local italiano que comentei com você. — E, em seguida, passou

para ele as coordenadas.

— Você está fazendo compras?

— Sim, e não discuta.

Aren notou que dar uma desculpa não iria adiantar, então reconsiderou. Ele não teve nenhum

problema em pegar um táxi e tentou ao máximo ignorar o clima festivo que permeava a cidade.

Não com outros assuntos na cabeça. Não queria pensar em Natal. Não propriamente assuntos,

ele admitiu, mas as Lucie. Também tentou não pensar no doloroso diálogo, mas ele continuava em

sua mente. Resultado: Lucie não sentia que poderia confiar nele. Alegava não conhecê-lo.

Josie estava esperando do lado de fora do restaurante quando o táxi de Aren

parou no meio-fio.

— Este é um dos meus restaurantes prediletos em toda a cidade — disse Josie, com o forma de

saudação. — O meu olho vermelho deles é o melhor que já provei.

— Por que você não sugeriu comermos aqui antes? — Aren perguntou, afinal, ele costumava

conversar sobre restaurantes com a irmã. Ela costumava com idá italiana, mas ele só conseguia se

recordar da referência dela a esse lugar apenas uma vez.

Ela hesitou.

— Era o restaurante preferido de Jack e o meu também. Não sugeri antes principalm ente

porque não queria trazer à tona um monte de lem branças perturbadoras, por isso evitei vir até

aqui desde o fim de nosso relacionam ento, o que é uma besteira.

Aren hesitou.

— Você não tem medo de encontrar Jack aqui?

Josie balançou a cabeça.

— Ele provavelm ente não quer correr o risco de me encontrar aqui, no lugar que

costum ávamos pensar com o “nosso restaurante”.

Aren esperava que sua irmã tivesse razão. Então, pensando melhor, talvez fosse até bom se

Josie e Jack acabassem se encontrando por acaso. Se a reação de Jack fosse parecida com a de Josie, então talvez houvesse esperança para os dois. E se as

diferenças pudessem ser acertadas

entre os dois, o mesmo poderia ocorrer para ele e Lucie. Aren franziu a testa. Sua mente estava

pregando-lhe peças bobas.

Aren segurou a porta para sua irmã entrar. Ela parou dentro do restaurante e sussurrou:

— Se Jack acabar aparecendo mesmo por aqui, abrirei um sorriso e fingirei que estou curtindo

muito este momento da minha vida.

— Certo — Aren sussurrou de volta.

A recepcionista sorriu entusiasmada quando viu Josie.

— Oh, senhorita, que bom vê-la por aqui.

— Que bom vê-la também — disse Josie. — A minha favorita está disponível?

Aren não prestou muita atenção ao diálogo das duas mulheres, pois estava distraído pelos

aromáticos vindos da cozinha. Por alguns instantes, fechou os olhos e respirou fundo. Um a

mistura de alho e condimentos, tomates e manjericão. Se o aroma era um indício do sabor, ele

estava preparado para experimentar.

Em poucos minutos, foram conduzidos até a mesa e receberam os cardápios. Mesmo antes de

Aren ter a chance de examinar os pratos, *grissinis*<sup>[5]</sup> foram levados até eles.

— Os *grissinis* são assados aqui todas as tardes — Josie contou a ele. — Eles

são divinos. Jack sem pre dizia que poderiam os fazer nossa refeição apenas com eles.

— Com o é o ravióli? — ele perguntou, mais interessado em analisar o cardápio. Tinha que

admitir que estava muito pressionado.

O olhar de Josie tornou-se pesaroso.

— O ravióli de queijo era o favorito de Jack. Ele o pedia toda vez que já estavam os aqui, e nós

vínhamos pelo menos uma vez por semana.

— E você? O que você pedia?

Ela sorriu.

— Tudo. A comida é tão boa que eu queria provar um pouco de cada uma do cardápio. Já

tinha provado todos os antepastos e as saladas e estava na metade das entradas quando nos

separamos.

— Você tinha algum prato predileto?

— Já gostei disso. Todo prato é simplesmente maravilhoso. Eu me sentia até inspirada a

preparar alguns dos antepastos sozinha, sobretudo a berinjela enrolada, mas minhas tentativas

nunca foram tão boas quanto as que provamos aqui, então continuamos a vir aqui toda semana.

O garçom aproximou-se para anotar o pedido deles, e Aren pediu o ravióli com recheio de

queij o. Josie tinha acabado de dizer ao garçom que queria experimentar o  
espaguete de frutos do

mar quando abruptamente ficou paralisada. Aren não precisava que ninguém  
lhe contasse que

Josie vira Jack. Ele quase poderia garantir que isso aconteceria.

Apoiando-se na mesa, Aren perguntou:

— É a Miss Universo que está com ele?

Josie ficou de cabeça erguida e acenou levemente com a cabeça.

— Ah, sim, e ela está deslumbrante com o sempre.

Com o Aren estava de costas para a entrada, ele não conseguia vê-la, e, virando-  
se para

observá-la, poderia chatear Josie, em bora tivesse tentado.

Josie sorriu e acenou com a cabeça.

— Ele acabou de me ver — ela disse baixinho.

— E?

— E parece ter ficado perturbado. Bom. Agora ele sabe com o eu me senti  
quando o vi no

último sábado. — Josie inclinou-se na mesa e sussurrou: — Ria.

Aren piscou.

— Com o?

— Não seja estúpido. Eu quero que você ria com o se eu fosse a mulher mais  
engraçada e

mais inteligente que você já conheceu na sua vida.

— Josie. — Aren não estava disposto a entrar no jogo.

— Por favor, Aren, faça isso por mim. Eu nunca mais lhe pedirei nada enquanto estiver viva.

— Era uma história plausível. E Aren estava começando a pensar que a irmã já arranjava todo esse

encontro e ele tinha começado a se envolver nos planos dela. — Por favor — os olhos dela

me ploraram.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele riu e forçou um fraco sorriso.

— Mais alto — Josie sussurrou.

— Isso é ridículo. — Ele deveria ter suspeitado que havia algo no ar quando Josie me encionou a

em sua favorita e insistiu em se sentar de frente para a porta.

Para manter o clima de paz, Aren voltou a rir, desta vez com um pouco mais de energia.

Ela sorriu com uma expressão sonhadora.

— Perfeito.

— Obrigado.

Josie inclinou-se mais perto da mesa e ficou mais animada, rindo baixinho enquanto Aren

tentava ao máximo não virar os olhos. Sua irmã já estava indo longe demais. Ela pressionou a mão

sobre o coração e sorriu para ele com o se aguardasse cada palavra que Aren emitia.

— O mínimo que você pode fazer é cooperar — Josie disse contrariada quando

ele olhou de

volta para ela.

— O que Jack está fazendo agora? — Aren perguntou.

Josie aparentava estar extremamente satisfeita consigo mesma.

— Ele não conseguiu tirar os olhos de nós.

— Onde ele está sentado?

— Duas mesas à frente, encostado na parede.

Aren colocou o guardanapo sobre a mesa e, em seguida, levantou-se sem dizer uma palavra.

— O que você está fazendo? — Josie sussurrou enquanto um olhar preocupado aparecia em

seu rosto. — Aren, se você fizer o que acho que está prestes a fazer, juro que nunca mais falarei

com você.

Ele abriu um sorriso e encolheu os ombros.

— Eu teria tanta sorte.

— Aren — ela im plorou freneticamente, meio que se levantando para implor-lo.

Ele não tinha intenção de ser dissuadido. Sua irmã sentia-se infeliz e, se Jack não conseguia

tirar os olhos dela, então Aren suspeitava que o ex sentia o mesmo o que ela.

Dando as costas para a irmã, Aren atravessou a curta distância entre as duas mesas. Quando o

viu se aproximando, Jack colocou o guardanapo de lado e se levantou. Apesar



de ele ter uns dez

centímetros a mais que Aren e pesar cerca de dez quilos a mais, o irmão de Josie não pretendia

parecer superior .

— Você deve ser Jack — ele disse, estendendo a mão. — Aren Fairchild, irmão de Josie.

O outro homem abriu um sorriso na mesma hora.

Aren não se atreveu a olhar na direção de Josie.

— Parece que você e minha irmã tiveram um mal-entendido.

— Com licença — a acompanhante de Jack não parecia nem um pouco satisfeita. — Eu não

sou invisível, viu?

Jack parecia ter se esquecido completamente dela.

— Ah, desculpe-me. Pamela, este é o irmão da mulher que mencionei antes.

— Está se referindo àquela que você dá um jeito de incluir em toda conversa?

Jack desviou o olhar e não respondeu.

— Parece que eu pedi o seu prato favorito. Logo será servido. Por que você não se junta à

minha irmã e eu me apresentarei para Pamela?

— Espere um minuto. Eu não posso dizer o que penso sobre isso? — a acompanhante de Jack

quis saber.

— Aparentemente, não — Aren respondeu. Jack já estava na metade do caminho até a mesa

de Josie.

Aren puxou uma cadeira e sentou-se com Pam nela. Achou-a bem bonita, mas dois minutos

com ela e ficou óbvio que Pam ela precisava de muita atenção. Após uns bons dez minutos, ela

saiu depressa da mesa e disse:

— Diga a Jack que será melhor se ele não me procurar mais.

Aren acenou para ela.

— É melhor se você mesmo contar isso para ele.

— Então contarei. Com prazer.

Como era de se esperar, Pam ela caminhou com ostentação até a mesa à qual Jack se sentava com Josie. As cabeças deles estavam juntas e, seja lá qual o problema que tiveram, ele não se

evidenciava naquele momento.

Jack levantou-se quando Pam ela se aproximou. Aren não estava interessado no que a outra

mulher tinha a dizer, mas aparentemente ela não queria mais nada com ele. Apenas saiu

zangada.

Uma vez com a missão cumprida, Aren deixou uma gorjeta generosa na mesa antes de se

levantar para ir embora. E sentiu-se mais do que em evidência ao notar que todos os olhos no

restaurante estavam voltados para ele. Afinal, a especulação entre os clientes deveria estar difícil

de conter. A cam inho da porta, Josie chamou a atenção dele e mandou um beijo. Ele retribuiu

com um aceno e foi em bora.

Quando Aren entrou em seu apartamento, o local estava frio e escuro. Sentia-se bem por ter

ajudado a irmã e Jack, imaginando que talvez apenas as tensões pré-casamento houvessem

desviado os caminhos dos dois. Vê-los juntos deixou claro que nenhum deles estava feliz com a

separação. Aren esperava que conseguissem resolver a diferença de uma vez por todas.

Aproximadamente à meia-noite, seu telefone tocou, acordando-o de um sono profundo.

— Obrigada — Josie sussurrou.

— De nada. Posso voltar a dormir agora?

— Não. Você quer dar uma passada aqui, para conversarmos?

— Josie, estou na cama.

— Certo, seja um desmancha-prazeres, não me importo.

— Estou feliz por você. — E ele estava, mas naquele instante, cansado demais, queria voltar ao

seu sonho... Um sonho que envolvia Lucie.



## Capítulo 16

Era noite de Natal e Lucie deveria estar animada e feliz. Mas não estava. Ao contrário, seu

coração pesava, desde o momento em que ela conversara pela última vez com Aren. Ele não

tinha ligado para ela, e o orgulho não lhe permitia uma tentativa de contato com ele. Lucie

começou a seguir a coluna de Aren no jornal e percebeu que ele não era tão sarcástico como

fora antes, pelo menos na cabeça dela. Ansiava por notícias dele, mas não recebia nenhum a.

Sua mãe entrou na cozinha onde Lucie estava sentada com sua xícara de café matinal.

Sammy repousava aos seus pés.

— Vamos, querida, sorria — Wendy a estimulou. — É Natal — a felicidade de Wendy

iluminava o ambiente.

— Eu estou sorrindo, mãe. E bastante agradecida por esses dias de folga. — Elas tinham

decidido fechar o restaurante pelos próximos dois dias e Lucie via a folga com bons olhos. Ela

não se sentia muito engajada no espírito natalino e adiara as compras e os embaraços para a

última hora.

Wendy pegou a cafeteira e despejou um pouco de café em sua própria caneca, sentando-se e

verificando sua taxa de glicose no sangue. Sem dizer uma só palavra, ela se

levantou e buscou

um a j arra de suco de laranj a.

— Você vai ligar para Aren? — perguntou com o se fosse pouca coisa.

— Não.

Os om bros de sua m ãe cederam de decepção.

— Por que não?

— Mãe, j á passam os por isso um a dezena de vezes. Está tudo acabado entre nós.

— E é isso que você quer? — o olhar cético de sua m ãe dizia tudo.

Lucie não respondeu pois ela desej ava Aren, sentia saudades dele e queria m uito que as coisas

pudessem ser diferentes. Mas ele era quem era, e ela não poderia m udar isso.

— Pensei em ir até o centro da cidade hoj e de m anã — Lucie com entou, esforçando-se ao

m áxim o para aparentar ânim o e alto-astral. — Ainda preciso fazer algum as com pras e resolver

algum as outras coisas tam bém .

— Não se atrase para o j antar — Wendy afirm ou após Lucie pegar o casaco e a bolsa.

— Não m e atrasarei.

Na verdade, o que Lucie m ais queria era fugir e esquecer a noite de Natal. O que tinha

ocorrido entre ela e Aren perm anecia fresco em sua m ente. Se ela se m antivesse ocupada,

poderia se distrair o suficiente para tirar Aren da cabeça e ser capaz de apreciar a tempestade de festas pelo menos um pouco. Essa era sua esperança. Um dia no centro da cidade deveria

ajudar.

— Você vê com o Lucie está se sentindo péssimo? — Will perguntou a Mercy .

— Não pude deixar de notar — Mercy e suas duas amigas ficaram próximas ao seu jovem

protegido enquanto Will seguiu Lucie pelo metrô que ia para Manhattan.

Will vinha se mostrando um aprendiz rápido, em breve ainda estivesse tentado a intervir na vida

dos últimos anos. Mercy reconhecia que ele herdara tal hábito delas três. Eles tentaram de fato

seguir no caminho certo e, de alguma forma, tinham conseguido responder às orações com o

Deus quisesse, mesmo que o caminho se tornasse tortuoso de vez em quando.

Assim que o metrô chegou à plataforma, Lucie saiu e subiu os degraus até a calçada de

Manhattan. A cidade estava muito agitada, com as pessoas passando de loja em loja, todas

aparentando ter uma tremenda pressa.

— É sempre assim na véspera de Natal? — Will perguntou, lançando-se pela multidão

alvorçada e se esforçando ao máximo para não colidir com alguém .

— Sempre — Shirley respondeu. — Às vezes é até pior.

— Mais agitado do que isso? — Will parecia achar difícil acreditar.

— Ah, sim , eu m e lem bro de um ano...

— Aonde Lucie está indo? — Will a interrompeu.

Mercy sabia que ele se sentia responsável pela confusão que desencadeara quando Lucie e

Aren se conhecerem e queria, mais do que tudo, consertar as coisas. Mas ela não deixaria Will

intervir. Gabriel fora bem específico. Lucie e Aren tinham que resolver a situação por si

próprios, o que tornava a reconciliação ainda mais difícil. Ambos eram orgulhosos e teimosos.

— Ela vai mesmo ignorar Aren por todo o Natal? — Will quis saber.

— Ela o ignorou até agora — Goodness o lembrou.

— Ela não enviou nem um cartão de Natal para ele.

— Nada — confirmou Mercy .

— Aren enviou um cartão a ela? — Shirley perguntou. — Não seria nada de mais fazer um

esforço.

— Concordo, ele deveria ter feito algo — disse Will. — Não dá vontade de chacoalhar esses

hum anos? Eles são impossíveis.

— Meu querido jovem protegido, você só viu a ponta do *iceberg* quando se trata de hum anos.

— Ponta do quê?

— Deixa pra lá — Goodness afagou o braço de Will. — Um dia nós lhe mostraremos o o Ártico.

— Fica perto de Nova York?

— É um pouco mais ao norte — Mercy explicou.

— Os humanos de lá são tão teimosos quanto os daqui?

— Ah, sim, os humanos são iguais em qualquer lugar.

— Incrível. E Deus os ama mesmo assim?

— É difícil compreender, mas Ele os ama. É realmente incrível quando você pensa nisso

obtusos eles são.

— Aonde Lucie está indo agora? — Will perguntou, seguindo-a freneticamente dentro de uma

loja.

— Ah, este é um dos meus lugares favoritos em todo o mundo.

— O que é isto? — Will gritou, saltando sobre a escada rolante atrás de Lucie.

— É uma livraria — Mercy respondeu e agarrou Shirley pelo cinto para mantê-la longe da

seção infantil.

Shirley suspirou de decepção.

— Eu não iria mesmo em nenhum momento.

— Talvez, mas estou agindo com cautela por medida de segurança.

— O que Lucie está procurando? — Will indagou, permanecendo no encalço da *chef*.

— Creio que ela esteja procurando um livro especial para dar de presente —  
Goodness



sugeri. — Esta é uma livraria, com o que você pode ver.

— E das grandes, cheia de pessoas — Shirley passou voando.

— Olhe, Lucie encontrou um canto mais calmo e está se sentando.

— Vou me juntar a ela — Shirley insistiu. — Ficar correndo por aí está me desgastando.

— Acho que estamos todos um pouco exaustos.

— Vocês todos estão trabalhando duro, não acham ? — Ao ouvirem o som da voz estrondosa de

Gabriel, os quatro anjos saltaram e voaram em várias direções. — E, além disso, aparentam

culpa — a voz dele ecoou tanto que foi de se admirar que as paredes não tremiam . — Há algo

que desejamos contar?

Will, agindo com tal coragem nunca antes vista por Mercy , deu um passo à frente.

— Precisamos fazer algo, e rápido.

— Você quer dizer que precisamos intervir?

— Sim , sinto-me responsável por Lucie e Aren. Eu os apresentei um ao outro quando não

estavam programados para se conhecer e agora deu tudo errado e eles estão separados e

sofrendo.

Gabriel balançou a cabeça tristemente.

— Não é da nossa alçada. Aren e Lucie têm que aprender uma lição sobre orgulho e

teimosa. Se não conseguem resolver um problema secundário com o este, então o

relacionam entre eles já está condenado. O amor consiste em aceitação e generosidade de

espírito, e francamente não vejo o isso em nenhum deles.

— Eu vejo o — Will o desafiou. — Olhe para o que Lucie e sua mãe fizeram em prol dos sem -

teto.

— E repare na disposição que Aren teve para cooperar e ajudar — acrescentou Goodness.

— Ele foi maravilhoso com as crianças — Shirley lembrou Gabriel.

— Sim, agora que vocês estão mencionando, percebo que ele foi.

— Viu só? Há esperança para Lucie e Aren — Will insistiu. — Se você nos deixasse ao

meus...

— Não — Gabriel ergueu o dedo, interrompendo a fala de Will. — A intervenção está fora de

cogitação.

Então, ele os deixou e Mercy observou os ombros do jovem Will afundarem de decepção.

Olhando sobre o próprio ombro, Mercy abaixou o tom de voz.

— Não pretendo causar problemas, mas acho que tive uma boa ideia.

— Ela envolve Lucie e Aren? — Will perguntou, cheio de expectativa.

Ela ergueu a cabeça para um lado e falou mais baixo:

— Indiretamente, sim .

Goodness mostrou interesse na mesma hora.

— Agora soa promissor.

— Quem envolve, então? — Shirley permaneceu cética.

— Você verá — ela respondeu. — Sigam-me.

— Devo deixar Lucie? — Will perguntou, aparentando dúvida.

— Ela ficará bem . Confie em mim .

Will concordou, embora de forma relutante.

— Eu só espero que estejam os fazendo a coisa certa — comentou Shirley , a última a dar as

costas para Lucie. — Já me envolvi em muitos problemas antes dando ouvidos a Mercy .

— Estou com uma sensação boa quanto a isso — Goodness acrescentou. — Mercy tem boas

ideias.

O celular de Lucie tocou, indicando que ela recebera uma nova mensagem de texto. Então

levou a mão ao bolso lateral de sua bolsa e pegou o aparelho, sem reconhecer o número.

Pressionando a tela com o dedo, ela leu a mensagem : *Às 16h no topo do Empire State Building.*

Franzindo a testa, Lucie enfiou o celular de volta na bolsa enquanto refletia sobre quem poderia

ter-lhe enviado a tal mensagem . Primeiro pensou em Aren. Mas não era. Ela teria reconhecido o

núm ero dele.

Bem , ela não iria. Seria ridículo. Ela ainda precisava resolver várias coisas.  
Planej ava j antar

com sua m ãe m ais tarde, e à noite as duas iriam até o culto de Natal da igrej a.  
Já estava tudo

acertado. Não haveria tem po em seu dia para alguém fazê-la de tola no Em pire  
State Building.

Ela estava determ inada a não ir.

Dez m inutos depois, no entanto, olhou para o relógio: 15h33.

Mesm o que quisesse, nunca conseguiria chegar ao Em pire State Building a tem  
po, e conseguir

um táxi na cidade, àquela hora do dia, em plena véspera de Natal, seria quase im  
possível.

Mal acabara de pensar quando um táxi se encostou ao m eio-fio, ao seu lado. Um  
a m ulher

desceu do veículo.

Lucie olhou adm irada por não ver ninguém correr para pegá-lo.

— Vai entrar ou não, senhorita? — o taxista quis saber. — Tem gente m e  
esperando.

Olhando ao redor, Lucie levou a m ão na altura do peito.

— Você está falando com igo?

— Você acenou para m im , não acenou?

— Ah... Não.

— Então está bem .

Ele com eçou a se afastar, mas Lucie o impediu. Correndo apressada por alguns degraus,

alcançou-o e abriu a porta do passageiro.

— Você consegue me levar ao Empire State Building até às 16h?

— Com este trânsito? Você não está falando sério, está?

— Faça o que puder. — Lucie não pretendia seguir as instruções da mensagem de texto e, ao

mesmo tempo, não conseguia se conter. Mesmo o que não fosse Aren o responsável pela

mensagem, ela precisava saber quem a enviara e por quê.

O taxista movia-se lentamente no pesado trânsito.

— Será um milagre se conseguirmos chegar a tempo para seu compromisso às 16h.

— Dê o melhor de si... Se não der tempo, não deu. — Até esse momento, Lucie não sabia bem

por que estava no táxi. A ideia parecia brincadeira de alguém, e bem sem graça. Talvez Aren

estivesse por trás, atraindo-a para lá a fim de mantê-la esperando, assim como ela fizera com ele em janeiro.

Mas, ao ser envolvida por esse repentino pensamento, ela já sabia que Aren jamais agiria

assim. Não era da natureza dele fazer algo tão cruel.

Talvez fosse a esperança que a convencia a se deslocar até lá. Uma espécie de esperança

confusa que a fazia acreditar que, de alguma forma, ela e Aren poderiam se acertar.

— Nossa, dá para acreditar nisso? — o taxista sussurrou.

— Com o? — Lucie disse, inclinando-se para a frente. Com o estava envolta em seus próprios

pensamentos, ela não tinha ouvido o motorista.

— Quinta Avenida — ele disse, gesticulando para ela olhar pelo para-brisa.

Lucie olhou, mas não viu nada.

— O que tem ?

— Está livre. É com o repartir o Mar Vermelho. Tenho uma pista toda só para mim. Já dirijo

táxi há quase 20 anos e nunca vi algo parecido. Parece até que estou sob a escolta da polícia.

— Ah — Lucie não sabia bem o que dizer.

— Tem um anjo no seu ombro ou algo parecido? — ele voltou a falar com Lucie.

— Não... Eu acho que não — Lucie estava começando a pensar que tinha uma espécie de

carma louco quando o assunto era táxi. Sua última experiência fora igualmente inexplicável, com

o jornal voando ao seu redor e os vidros das janelas subindo e descendo por conta própria. E

agora isto. Ela observou enquanto o tráfego parecia se abrir apenas para eles.

Num piscar de olhos, o táxi encostou ao meio-fio do lado de fora do icônico arranha-céu. O

motorista coçou a lateral da cabeça, completamente atônito.

— Eu não acredito, mas faltam cinco minutos para as 16h. Chegam os aqui ao

centro pegando

um baita trânsito em um tempo inacreditável. Eu diria que é um milagre de Natal, mas não vou

dizer uma palavra para ninguém. Quem acreditaria em mim?

— Cinco minutos antes — Lucie repetiu para si mesma, em estado de choque.

Ela pagou ao motorista e desceu do táxi. Em pé, na rua, segurou o chapéu de tricô e olhou para

cima na direção do arranha-céu.

Agora que estava ali, ela poderia descobrir o que significava aquela mensagem enigmática. A

fila para comprar a entrada para o passeio de elevador e, consequentemente, para a vista do 102º

andar movia-se rapidamente. A mulher que vendia os ingressos olhou para o relógio.

— Estam os fechando às 16 horas hoje, já que é véspera de Natal.

— Prometo que não vou demorar orar.

A mulher entregou a Lucie o ingresso, e ela se moveu com os outros à espera do que deveria

ser o último passeio do dia no elevador. Ela já estivera no último andar uma vez, mas isso fora há anos. Se Lucie bem se lembrava, acontecera em uma excursão escolar com sua turma do quinto

ano. Em boa juventude, ela se impressionara com a história do prédio, inaugurado em 1931, logo

após o início da Grande Depressão.

Ao sair do elevador, Lucie imediatamente se dirigiu para fora do edifício. As luzes da cidade

com eçavam a ser acesas, e ela se encantou com a incrível visão em 360 graus.  
Em bora tivesse

prom etido à m ulher que vendia os ingressos que não dem oraria, Lucie sentiu-se atraída por

aquela visão. A tristeza que se abatera sobre ela desde a últim a conversa com Aren sum iu. De

repente, ela percebeu o que tinha que fazer.

Precisava ligar para Aren. Quando eles se falaram pela últim a vez, Lucie alegou que

necessitava de um tem po. Bem , j á tivera seu tem po.

Vasculhando a bolsa, ela pegou o celular e correu o a lista de contatos até encontrar o nom e de

Aren. Um sorriso ilum inou-lhe o rosto quando iniciou a ligação.

O telefone tocou quatro vezes e, em seguida, caiu na caixa postal.



## Capítulo 17

O que m ais surpreendeu Aren foi a quantidade de pessoas que tinha se dirigido até o topo do

Em pire State Building em plena véspera de Natal. Em bora fosse quase fim de expediente e os

guardas estivessem olhando para os seus relógios, ninguém parecia estar com pressa de ir

em bora. Principalm ente ele.

Mais cedo naquele dia, Aren recebera um a m ensagem de texto de Jack



pedindo-lhe que o

encontrasse ali às 16h, mas Jack não estava em lugar algum.

Não demorou muito para Aren descobrir o motivo por detrás do pedido de Jack. Assim,

suspeitava que Jack estava prestes a devolver a Josie o anel de noivado que ela lhe entregara após

o rompimento. Aren não poderia estar mais feliz pela irmã.

Olhando para seu relógio, ele analisou a área e encolheu os ombros. Um dos guardas anunciou

que o terraço seria esvaziado dentro de quinze minutos. A multidão começou a se diluir conforme

várias pessoas se dirigiram até o elevador. Seria a mesma coisa que sua irmã se atrasar para o

próprio noivado. O engraçado era que tanto Jack quanto Josie estavam atrasados.

Alguma coisa imprevisível deveria ter acontecido. Aren pegou o celular a fim de ligar para

Jack e saber o que ocorrera. Para sua surpresa, ele descobriu que tinha desligado o som do

aparelho sem querer e notou o registro de várias ligações perdidas. Ao verificar os números,

preocupado com o que fazia, Aren se chocou com uma pessoa atrás dele.

— Desculpe-me — ele disse, virando-se para se desculpar. As palavras congelaram em seus

lábios. — Lucie?

— Aren?

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, com a cabeça amolada.

— Eu recebi uma mensagem ...

Ela recebeu uma mensagem ?

— Eu também .

— Não reconheci o número do telefone... Eu não viria, mas daí, quando percebi, estava dentro

do táxi e o motorista disse que seria impossível chegar aqui antes das 16h, mas conseguimos os, e

ele afirmou que era um milagre de Natal, com a divisão do Mar Vermelho, que acho que não

ocorreu em dezembro, mas não estou muito certa disso. — Ela parou abruptamente ao notar que

estava tagarelando. — Ah, Aren, Aren, estou tão feliz em vê-lo. — E então Lucie jogou os braços

ao redor do pescoço dele.

Sem esperar essa reação, Aren deu dois passos para trás. Não entendia o que acontecera ou

com eles acabaram no mesmo lugar e na mesma hora, mas procurar os porquês não passava

por sua cabeça naquele momento. Ele estava alegre demais para se importar. Envolvendo a cintura de Josie com os braços, Aren fechou os olhos e puxou-a para perto de seu corpo.

Ela lhe disse que recebera um milagre de Natal em um traje mágico de táxi. Bem , Aren

também tivera um milagre, e este era Lucie grudada nele e tagarelando tão rapidamente que ele

m al conseguia com preender um a palavra.

— Eu estava sendo boba e tola e...

Aren a tranquilizou, silenciando-a ao colocar o dedo nos lábios dela. Na m esm a hora, Lucie

parou de conversar e piscou várias vezes. Sorrindo para ela, Aren afastou o cabelo dela da frente

do rosto.

— Nós dois estávamos os sendo bobos e tolos — ele disse.

— Minha vida está um a loucura... O restaurante é tudo para mim . Ele tem que dar certo, mas

também não consigo me distanciar de você. Sim, mas não consigo.

— Que bom . — Ele a beijou, sentindo como se há meses não experimentasse algo sequer

próximo à felicidade que o invadiu com Lucie em seus braços. — Eu também não consigo me

distanciar de você.

— Eu tentei ligar para você.

— Quando?

— Agora há pouco, mas caiu na caixa postal, e eu pensei... eu presumi que você não queria

falar comigo e pensei que tinha estragado tudo.

— Meu celular ficou sem som . Eu não me lembrei de ter tirado o som , mas aparentemente o

fiz.

— Quem enviou a mensagem para você? Não sei quem a enviou para mim —  
Lucie

perguntou, olhando para cima na direção dele, com os olhos cheios de felicidade.

— Jack.

— Quem é Jack?

— O futuro marido de Josie. Eles reataram recentemente. Eu achei que ele iria propor

casamento a minha irmã pela segunda vez.

— Pela segunda vez?

— Nem queira saber. É uma longa história.

Lucie procurou o celular no bolso lateral externo de sua bolsa e mostrou a mensagem a Aren.

— É este o número do Jack?

Aren olhou para o número e franziu a testa.

— Não. Esse número é da minha irmã.

— Com o que Josie conseguiu o meu número?

— Não faço ideia. — Josie ter o contato de Lucie era um mistério para ambos.

— O que eu

posso lhe dizer é bem óbvio: minha irmã e Jack se juntaram para nos unir novamente.

— E funcionou. Ah, Aren, Feliz Natal!

— Feliz Natal, meu amor.

— Seu amor. Isso significa que você está disposto a nos dar outra chance?

— Definitivam ente.

Lucie piscou para conter as lágr im as.

— Eu j uro, este é o m elhor Natal da m inha vida.

— Da m inha tam bém . — Fechando os olhos, ele beij ou a testa dela. — A  
últim a vez que estive

aqui fiquei esperando você, na expectativa de que você apareceria. Desta vez eu  
não tinha

nenhum a esperança de vê-la e cá está você.

— Estou tão contente por estar aqui... E ainda m ais feliz por você estar tam bém  
.

— Que bom !

Então, com o se de repente Lucie tivesse com eçado a entender, ela disse:

— Você virá para casa com igo, não virá? Mam ãe ficará extasiada ao vê-lo. Ela  
preparou o

j antar m ais m aravilhoso de todos. Haverá m uito m ais com ida do que nós  
duas aguentaríamos os

com er, então diga que você virá, e m ais tarde irem os à igrej a. A m úsica é tão  
linda e não

consigo pensar em um a pessoa m elhor para passar a noite de Natal do que  
você.

Aren tam bém não conseguia pensar em algo m elhor para fazer.

— Você fará a ceia com a gente, não é? — os olhos dela arregalaram -se  
enquanto im plorava

a ele.

Aren concordou com um m ovim ento de cabeça.

Lucie o abraçou com força.

— Eu vinha me sentindo muito infeliz, mas as extremidades teimosa para admitir. Aprendi tanto

sobre mim mesma. Aren, ah, Aren, eu fui tão idiota.

— Eu também fui.

— Não — ela contestou, pretendendo assumir a culpa. — Você foi mais do que sensato, e eu

fui...

Ele a interrompeu da única forma que pôde: pegando-a em seus braços e beijando-a

exageradamente até serem interrompidos pelo guarda.

— Ei, pessoal, eu odeio interromper um momento romântico, mas estamos fechando por hoje.

— Ah, desculpe — Lucie falou baixinho.

Aren a envolveu pela cintura. Juntinhos, eles pegaram o elevador expresso e desceram até o

térreo. Assim que saíram do local, Aren pegou o celular.

— Para quem você está ligando? — Lucie perguntou.

— Para minha irmã, já que ela arrumou tudo isso. — Então passou o dedo sobre a lista de

contatos e desceu até o nome dela. O telefone tocou três vezes antes de Josie atender.

— É melhor que seja importante — ela sussurrou. — Jack está aqui e ele acabou de me

devolver meu anel de noivado.

— Eu queria agradecer-lhe, na verdade eu e Lucie queríamos os fazerem.

— Ah... por quê?

— A mensagem de texto que você mandou para ela e a mensagem que Jack enviou para mim.

— Que mensagem?

— Ah, Josie, chega disso. Lucie recebeu a sua mensagem e eu recebi a que Jack enviou. Nós

dois nos encontramos no Empire State Building exatamente com o que planejamos.

— Espere aí, mano. Eu não mandei nenhuma mensagem para Lucie.

— Não mandou? — Aquilo não estava fazendo o menor sentido. — Verifique o seu celular,

está bem?

— Claro, mas não adiantará. Sei o que enviei e não foi nada sobre Empire State Building. Aliás,

com o que eu teria o número de celular de Lucie?

Boa pergunta, pois Aren já tinha pensado nisso.

— Certo — ele disse. — Acho que houve mais de um milagre de Natal. Parabéns para você e

Jack. Eu vou até a casa de Lucie para a ceia e depois iremos à igreja, mas falo com você pela

manhã.

— Feliz Natal, Aren.

— Feliz Natal. — Josie parecia a mulher mais feliz do mundo. Ele compreendia, porque ele

próprio estava nas nuvens.

• • •

— Você quer me explicar com o Josie pegou o número de celular de Lucie? —  
Gabriel

perguntou a Mercy e a seus amigos. Eles tinham se reunido na galeria do coro  
da igreja do

Brooklyn para o culto de Natal. Aren, Lucie e Wendy se sentaram no banco do  
meio, do lado

esquerdo.

Aren e Lucie dividiam um hinário, as vozes harmonizando-se lindamente ao  
cantarem a

clássica canção natalina *Noite feliz*. Infelizmente eles ainda não conseguiam  
ouvir o coro de anjos, que estava além de qualquer coisa terrestre, mas um dia  
eles conseguiriam .

— Ah...

— Mercy , por que eu penso que isso é coisa sua? — Gabriel a pressionou.

— Nós tínhamos o que fazer algo — Will explicou. — Eu me sentia pessoalmente  
responsável

por essa confusão, então ajustamos algumas de suas instruções e deu certo.

— O que irá acontecer com eles? — Goodness interrompeu-se. — Você sabe o  
futuro. Nós não

sabemos.

— Responda à minha pergunta antes — Gabriel exigiu.

— Bem , você disse que não poderiam os interferir na vida deles — disse Will,  
embora a



lem branca fosse desnecessária.

— Interferir *novamente* na vida deles — Gabriel o corrigiu.

— Certo — Will com plem entou.

— E então...? — Gabriel fixou o olhar em Mercy .

— Por que você está olhando para mim ? — ela perguntou, esforçando-se para parecer

inocente com o um botão de rosa.

— Porque você sempre foi a líder do grupo quando o assunto é fazer arte.

— Eu? — Mercy ficou claramente ofendida. Dos quatro, ela era a que mais

controle. — Isso é extremamente injusto — protestou. — Eu já evitei mais

Terra do que você imagina.

— É verdade — Goodness com entou, em defesa de Mercy .

— Mercy fez o melhor para nós manter na linha.

Gabriel franziu a testa.

— Aparentemente com pouco sucesso.

As asas de Mercy afundaram até o chão.

— Devo... Você quer que eu...

— Mercy , não — Goodness gritou e colocou-se ao lado da amiga.

— Se alguém deve ir, então serei eu — Shirley insistiu, colocando-se ao lado de Mercy .

— Ou eu — Will interrompeu-se. — É possível que eu consiga uma

transferência.

Gabriel ergueu a mão, dando fim à tagarelice.

— Considerando a época, acho que podem os fazer vista grossa a certas transgressões.

— Podem os? — Mercy perguntou com o coração cheio de esperança. Aparentemente Gabriel

estava de bom humor.

— É que vocês não fizeram nada absurdo, com o sequestrar um camelo e conduzi-lo para fora

de um teatro, certo? Isso seria inexplicável.

Goodness prendeu a respiração por tanto tempo que correu o risco de ficar roxa. Mercy deu

um tapa nas costas da amiga, e Goodness expeliu o ar com tanto barulho que o órgão de tubos

soltou um suspiro sozinho. Várias pessoas na congregação viraram-se na direção da galeria do

coro.

— Poderia ter sido pior. Certo? — Gabriel perguntou, batendo o dedo do pé impacientemente.

— Os quatro olharam fixamente para os pés com o se procurassem um botão perdido, olhando

em todas as direções, exceto na de Gabriel. — Certo? — Gabriel voltou a indagar.

— Certo — Mercy respondeu em voz baixa.

— Um de vocês poderia ter feito alguma loucura, com o interromper um pedaço da Broadway

e içar os atores no ar sem nenhum meio de suporte visível.

Mercy engoliu em seco, constrangida.

— Nós já mais fariam algo assim — Goodness murmurou.

— Ou tocar a tuba.

— Eu não toquei a tuba — Will insistiu. — Eu só olhei para ela. — Então, percebendo o que

tinha dito, ele levou a mão ao rosto e a bateu na boca.

— Bem, meus amigos — disse Gabriel, agora sorridente. — Apesar de tudo, vocês

conseguiram atender à oração de Wendy. Lucie e Aren estão juntos e conseguiram se encontrar

no Empire State Building.

— O relacionamento deles irá durar? — Will quis saber.

Gabriel acenou com a cabeça.

— Sim. Eles se casarão em outubro do ano que vem.

— Ah, que bom.

— Filhos?

— Dois. Um menino e uma menina.

— E o restaurante?

— E o Aren? Ele continuará a escrever para o jornal?

— Uma pergunta por vez, meus amigos — Gabriel disse, inclinando-se sobre o parapeito do

coro para observar Aren e Lucie lá em baixo. Ele sorriu e, em seguida, virou-se

para olhar para

os quatro Em baixadores da Oração. — O restaurante prosperará extraordinariamente bem e o

investim ento de Wendy pagará grandes dividendos. As duas venderão o Encantos Divinos daqui a

cinco anos, pelo dobro do que gastaram , após Lucie dar à luz a filha.

— Isso é maravilhoso, mas o que Lucie fará sem o restaurante? Ela ama a cozinhar.

— Ela não abandonará a carreira totalmente. Virará uma desenvolvedora de receitas para

algumas das celebridades *chefs* mais famosas dos Estados Unidos. É o emprego perfeito para ela, pois poderá ficar em casa com as crianças.

— E Aren?

— Agora vocês se surpreenderão um pouco.

— Com o? — Goodness perguntou.

— Aren sairá do jornal pouco depois de vender seu primeiro romance.

— Aren escreve ficção?

— É uma paixão secreta. Ele vem trabalhando nesse livro durante o tempo livre de que dispõe

há vários anos e, quando começar a vendê-lo, será um sucesso imediato, muito mais do que ele e

Lucie poderiam imaginar.

— Ele consegue um contrato para adaptá-lo para o cinema? — Goodness questionou. — Ah,

Gabriel, podem os participar dele? Podem os, hein, podem os?

O olhar que Gabriel lançou a ela foi suficiente para todos entenderem a resposta.

— Isso é simplesmente maravilhoso — Mercy esfregou as palmas de alegria. Era ainda

melhor do que ela imaginara.

— Eles terão uma boa vida juntos, assim como Josie e Jack — Gabriel estendeu suas enormes

asas sobre os quatro. — Vocês estão prontos para retornarem ao céu? — ele perguntou.

— Estão os — Mercy respondeu pelos quatro.

E, assim, eles retornaram aos reinos da glória. Ao se aproximarem de lá, Mercy pôde ouvir

muitas melodias de músicas diferentes de tudo que ouvira na Terra. A celebração de uma criança nascida em um estábulo há mais de 2 mil anos estava apenas começando.



$\frac{3}{4}$

Biscoito de chocolate com menta

*8 bastões doces de tamanho médio*

*340 g (aproximadamente duas xícaras) de chocolate meio amargo de boa qualidade*

*(barras ou lascas)*

*340 g (aproximadamente duas xícaras) de chocolate branco (barras ou lascas). Prefira*

*os feitos com manteiga de cacau.*

Triture os bastões doces usando um saco plástico e um rolo de m acarrão ou um processador de alim entos.

Cubra um a assadeira com papel alum ínio. Derreta delicadam ente o chocolate m eio

am argo em um a panela em banho-m aria ou em um a tigela dentro do forno m icro-

ondas à m etade da potência. Inicie com um m inuto na m etade da potência, m exa e

prossiga com ciclos repetitivos de 30 segundos a potência m édia — m exendo entre os

ciclos — quantas vezes forem necessárias até derreter e sum irem as saliências. O

derretim ento m oderado evita a queim a e aj uda a preservar a consistência do chocolate.

Despej e o chocolate m eio am argo derretido sobre o papel alum ínio e o espalhe num a

área de 20 x 25 cm . O tam anho pode variar. Você pode fazer o biscoito m ais grosso ou

m ais fino, fica a seu critério. Refrigere a cam ada de chocolate m eio am argo enquanto

you prepara a cam ada de chocolate branco com m enta.

Derreta o chocolate branco usando o m esm o m étodo de derretim ento utilizado para o

chocolate m eio am argo. Um a vez derretido o chocolate, acrescente cerca de do

doce de m enta triturado e m exa. Deixe a m istura de lado à tem peratura am

biente (para

resfriar um pouco) até que a camada de chocolate meio amargo fique pronta. O

chocolate deve estar um *pouco* mais mole, um pouco pegajoso, mas *em nenhuma hipótese*

líquido.

Despeje o chocolate branco sobre a camada de chocolate meio amargo e espalhe

suavemente em direção às beiradas. Salpique o que sobrar da menta triturada sobre as

camadas de chocolate e leve para o refrigerador até que o chocolate endureça. Você

pode quebrá-lo com a mão, ou marcá-lo e quebrá-lo.

O biscoito de chocolate com menta é fácil de refrigerar, congelar e transportar, além de ter um sabor maravilhoso à temperatura ambiente... Ideal com uma xícara de café

ou chá e um bom livro.



Notas

[1] N.T.: “Bondade e misericórdia certamente me seguirão...”

[2] N.T.: “Velhos Tempos”, tradicional canção inglesa típica de Ano-Novo.

[3] N.T.: Número de emergência nos Estados Unidos (no Brasil, equivale ao 190).

[4] N.T.: “Minha nossa, misericórdia.”

[5] N.T.: Pequenos bastões torrados e secos de pão.



# Document Outline

- [Sumário](#)
- [Folha de Rosto](#)
- [Folha de Créditos](#)
- [Novembro de 2012](#)
- [Dedicatória](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Biscoito de chocolate com menta](#)
- [Notas](#)